AGOSTINHO BOTH

QUASE Perfeito

Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Minha mulher falou: escreva um livro sobre o amor. Respondi: já escrevi um sobre amor de velhos. Instou mais: não é bem isso, um amor pra toda vida. Continuei: tudo que escrevi tem a ver com amor. As instituições, os velhos, a educação, a região, nada havia passado sem haver tocado e me haver tocado. A ideia dela, porém, não me saía. Solicitação de mulher cola na gente! Não se desprende com qualquer explicação. Volta e meia vinha ela:

— Você tem tanta ideia, até para duvidar de Deus, por que não tem ideia para o amor?

— Pensa, então, em reunir um homem e uma mulher em completa fusão, como se bastasse uma dose de boa vontade?

QUASE
Perfeito

AGOSTINHO BOTH

QUASE Perfeito

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença
Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:
http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 28/09/2017

B749q Both, Agostinho
Quase perfeito [recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.
7,6 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-319-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<http://www.projetopassofundo.com.br>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Um mandamento.....7
Um guri do campo.....9
Pai e filho.....13
À luz da lua.....19
Quaraí: onde mora Vênus.....23
Sávio do amor divino.....27
Dos lugares.....33
Porto Alegre.....37
Na casa de Laura.....41
Na casa de Sávio.....45
Valentias savianas.....49
Laura a loba dos pampas.....51
Os esforços de Sávio: homem à vista.....53
Víboras no quintal.....57
Em Porto Alegre.....59
Sávio, o responsável.....63
Agnolini, sagu e creme.....67
Primeiros tijolos.....71
Encontro e desencontro.....75
Não só de pão vive o homem, *pero*.....*77*
Glória a Deus nas alturas.....81
A vida se bifurca.....83
As estranhezas.....87

Pressa em saber.....91
Um merecimento 95
Perplexidades.....101
As horas tensas 103
Miren el diablo! 107
As coisas se precipitam.....111
Sangue na família 115
Santa Laura.....125
A boa viagem.....129
Novas incursões de Josefina 133
Montevideo, Motevideo.....137
Donde estás, Betina?.....141
Em Porto Alegre e Quaraí.....145
A vó caçadora e o taxista feliz.....149
Sobre Josefina.....153
A senhora Betina Benitez 157
Voltando pra casa.....161
Em casa.....163
Do encontro 165
Dias de conflitos 169
De um grande sofrimento 171
A vida e-terna de Josefina 175
O caso Valentina 179
Três anos de Lia 185
A divina família 189
Revisando afetos.....193
Informe dos anos 197
As ações finais 205
de Laura e Sávio 205
A grande viagem.....207

Um mandamento

Minha mulher falou: escreva um livro sobre o amor. Respondi: já escrevi um sobre amor de velhos. Instou mais: não é bem isso, um amor pra toda vida. Continuei: tudo que escrevi tem a ver com amor. As instituições, os velhos, a educação, a região, nada havia passado sem haver tocado e me haver tocado. A ideia dela, porém, não me saía. Solicitação de mulher cola na gente! Não se desprende com qualquer explicação. Volta e meia vinha ela:

— Você tem tanta ideia, até para duvidar de Deus, por que não tem ideia para o amor?

— Pensa, então, em reunir um homem e uma mulher em completa fusão, como se bastasse uma dose de boa vontade?

— Faça o que quiser, mas faça!

— Farei do meu jeito. Entre tempestades vivemos e delas não há como nos furtarmos. Vou traduzir a proeza divina da ternura com minha interpretação.

Recolhi pensamentos:

O amor é feito de horizontes como se o mundo não tivesse fim. A fragilidade humana, sei muito bem, pouco tem de horizontes claros. O tempo não perdoa com suas foices e martelos. O tema desejado pra compor o romance de um velho muito velho ou de um jovem muito jovem é tarefa complexa, pra não dizer ilusória. Nem quero pensar em dizer pra ela que meu romance é de muitas valências. Vou me concentrar o mais que posso em representar a sustentabilidade do amor em levezas das horas e em suas leveduras.

Mostro pra minha mulher a minha intenção. Ela, porém, não concorda, dizendo querer um amor arrebatador e pro resto dos dias. Respondo que nem tanto é a verdade, nem pra tanto é minha escritura. Então faça o que bem entender, apelou mais uma vez.

Metido nessa intenção, inventando e crente: a fé e a esperança podem o quanto podem as situações precárias. Vou atrás da ideia do mexicano Octávio Paz: a inspiração é dada mais pelos motivos do que pela vontade do escritor. Diria, também, os momentos possuem seus encantos e desencantos. Assim me apareceu um casal. Numa distração os dois me caíram ao colo. Peço, então, aos meus dois personagens, Laura e Sávio: me deem o que for possível dar.

Um guri do campo

Sávio, nascido em Quaraí, foi levado pra Porto Alegre como piá. Tinha alma daqueles que vivem de olho no lugar de onde vieram. Do alto do edifício onde morava tinha saudade de fazer dó. Já adolescente não perdeu as paisagens de sua terra. Procurava em qualquer mulher uma china faceira e em qualquer homem um Martin Fierro. A mãe, Aurora, vendo-o chorar, repetia: te acomode, guri. Porto Alegre é o teu lugar. Teu pai não vai te devolver pra Quaraí! Sossega o pito, piá!

Buenas, o pai Robusto, um arquiteto, andara de um lugar pro outro. Por fim, firmou seus desenhos por ali. Nos pequenos lugares, dizia ele, só cabem alguns ranchos que saem da cabeça do próprio dono. *És una mierda pa se vivir!*

Pero que se hace com o coração de um piá chorão? *El tiene una alma muy sensilla*, a mãe falava ao pai pra que entendesse as razões da quietude andante pelo rosto do filho. Aos poucos, porém, foram se arraigando umas vontades diferentes no guri. Ele prometia chegar ligeiro a um metro e oitenta, pelo menos. Encheu-se rapidamente de outras divagações e tenências que se iam por todas as partes do corpo. Por mais que se queira que apenas fale o pensamento, mais fala o garrão que vai mostrando direções divergentes. A língua que se move em diferentes palavras vai dizendo das coisas que os olhos soletram. A geografia do corpo vai pondo complexidades na alma. Quando o piá viu, já era outro. Quaraí foi se aquietando e, nele, os ledos campos, os ares livres, os companheiros contentes e as figueiras dos braços longos. Todavia, as coisas ditas e feitas se plantaram pra ficar. Um jeito galponeiro de ver o mundo não saiu mais dele.

Os professores tinham-no como de fácil aprendizado, de um jeito diferente de dizer o que lhe saía da boca. As folhas verdes de

outubro farfalhavam em suas palavras. Tinha o campo dentro de si. A mãe, concluídos os estudos médios, temia pra onde se inclinaria toda a sensualidade. Mãe é bicho sensível. Deus me livre dizerem: teu filho tem um jeito muito simples e bom, parece uma menina de tão delicado. Lá pelos dezesseis, deu-se ela por satisfeita ao ver seu machinho quase esfolando a guria do apartamento ao lado. Coisa mais boa é criar um homem. Deus me livre meu filho trocar as partes de animação, dizia ela: retrato dos medos e dos preconceitos que perseguem corações maternos. Outros mais existiam na Aurora, como falar dos negros da campanha: eram de alma branca, dizia. Essa desgraça não pegou no filho, pois fazia amigos de todas as cores. O melhor de todos, ganhando de corpo inteiro dos outros, era negro. E uma negra veio trabalhar em sua casa, a Inácia, de uma inteligência tão rara, de uma fala macia e airosa. Acabou por ser secretária do escritório de arquitetura de seu marido. Aurora viu nela a santidade em pessoa e a tenacidade de quem tem pavor da pobreza. Foi estudar, acabando enfermeira do hospital das clínicas. Aurora foi confiando na negritude. Apagou de vez a bobagem de uma crença sem fundamento. Que coisa, repetia ela, depois, pra Inácia. A infância tem suas manhas e violências que se arrastam como cobra pro resto da vida. Essa cobra de meus receios infundados de ti, Inácia, foi se perdendo. Te agradeço porque você foi minha terapeuta. Aprendi a não conviver com as misérias antigas. O interior tem grandezas, mas também carrega olhos de machucar.

Ao mostrar pra Solange a figura que começava a desenhar de Sávio, achou um pouco estranhas as atitudes iniciais dele. Não precisava dar a impressão de andar desmunhecando. Nem precisava mostrar uma mãe tão preconceituosa. O que vou fazer, respondia, se me saíram assim? Eles ficaram desse jeito por causa de um sol entre nuvens num domingo bem cedo. Saltei da cama e caíram no meu colo desse jeito. Prometo deixar melhor a história dele. Não posso esquecer que tinha uma irmã, Valentina, muito promissora. Vai se mostrar diferente nas artes de amar, afirmei. Que o corpo também pode soprar pra onde quer.

Valentina também tinha disto: se mostrava interessada em dizer o quanto ele causava boa impressão nas meninas, receando que fossem dizer coisas dele.

Aurora, infelizmente bem mais tarde, quando o marido Robusto Enrico Pájaros Artigas tornou-se de razoável condição financeira, desejou outro filho. Aí já era tarde: as sementes se haviam ido todas. Ela chegou a chorar por ter sido tão egoísta. Os dois filhos desdenhavam dos desejos dela. Às amigas repetia: *puta mierda, mis ovos se fueran toos.* Muito cedo se foram, também, seus dois pássaros. O ninho silenciou cedo. Somente a voz austera *pero* cálida do marido ajudaria a espantar a quietude de uma casa. Aurora não desejou ir além do quinto ano de estudos na escola municipal de Quaraí. Doeu-lhe ver Inácia ir pra frente, mas se confortava em ver que os filhos iam ligeiros em conhecimento e idade. Assim se sentia, como se ela mesma estivesse indo adiante. Robusto, porém, a estimulava para que não ficasse somente na fala rude, embora bonita, da campanha.

Quando minha esposa reclamou que a mãe não podia ser tão sem cultura, tornou-se, então, uma grande autodidata.

A filha, anos mais tarde, encontrou versos ternos e bem feitos. Valentina chorou por não ter apreciado melhor os talentos da mãe. Se ajudara Sávio a se tornar um homem, poderia ter ajudado a mãe a se tornar poeta. Não reconheceu na mãe a sonoridade das palavras. A guria sabia: a vida não rende sem o olhar animador dos outros. Disso ela se penitenciava. É bem isto: os filhos acham que só eles precisam crescer. Fui egoísta, e o Sávio também. A leveza dela poderia ter ainda mais encantos. Deixei o caldo dela azedar. A levedura passou do ponto. Não prosperou por causa de meu silêncio. No casamento dos dois, isso fiz bem, eu dei uma baita mão. Sempre mostrava os encantos de um para o outro.

Tão cedo não vou falar mais de Valentina. Mais tarde deverá retornar. Que fique com suas dores, que o castigo é merecido. Quem manda achar que mãe não faz parte do time do Espírito Santo?

Pai e filho

Mania de querer dominar os sentimentos, os gestos alheios. Que seja o que a natureza e as oportunidades concederem. Assim penso eu.

O pai, trancoso em seu jeito de ser: quase um perfeito chefe de família. Estaria bem posto se fossem postá-lo como ícone da honestidade. Afetivo *pero no tanto*, *mientras* cheio de cuidados por Sávio e Valentina. Não metia muito o nariz na criação, pois entendia ser a mãe a entendida. Silencioso se retirava de manhã e silencioso voltava. Parecia um senhor de poucos confortos. Guardava a sua autoridade com seus segredos a sete chaves. Os filhos o temiam nesse período das maiores preocupações. Quando, aos dezoito, Sávio protestou, levou um cascudo, mas o pai pressentiu: aí haveria um insurgente. Não mais se faria o mesmo silêncio nem o medo avassalador. De outra feita, o tempo se enuviou pra tempestade quando o guri, levando bigodes e outros pelos brutos, afrontou o pai ao dizer-se cansado da casa.

— Vou pra fronteira!

— *Tu no te vás a la frontera. Tienes que estudiar!*

— *Me voi*, respondeu o quase homem.

— Que te vire, daqui não sai pila nenhum!

— .....

E se foi o tourinho alçado.

Lá se mandou Sávio pra Quaraí, dando sinais de liberdade. Na saída o pai deixou uns trocos sobre o balcão. Ficou em dúvida: pego ou não pego? Por fim levou os trocos, pensando: basta já o que aprontei, *buenas*, meu dinheiro se finda. Se foi visitar a irmã de sua

mãe, convivendo com primos durante dois dias. Depois foi até Artigas ver o tio Turíbio. Coisa ambivalente, de alma partida.

Minha mulher leu e não apreciou muito. Tá muito demorado pra começar este amor!, falou. Anui: tá certa, mas a inspiração não vem bem assim: pá i pá! É preciso matutar também.

É isso. Robusto, temeroso, reviu sua conduta. Seu menino poderia virar os arreios e se perder, que as coisas ultimamente estavam de espantar. A gurizada sem rumo. A droga poderia levar o seu menino também. Foi atrás, que a autoridade também se faz de fraqueza. Não poderia medir forças com seu piá. A onipotência dos dezoito é nuvem, sem se saber o tamanho dos raios e das trombas. Não iria perder a ternura pra raiva. Tomou rumo da estrada. Foi vendo os capins de outrora. Valentina contente por conhecer Artigas e se mostrar pros castelhanos. Uma bela guria se fazia naquele corpo, boca e palavras bem pronunciadas. A viagem, porém, não se dava pra belezas, tampouco para as direções de afetos femininos. Era o pai que se punha como principal personagem. Afinal, o filho era seu e não havia como deixá-lo sem estar por perto. O zelo tem seus percalços, e haviam se mostrado. Pôr ordem na estrada dos dois era o que tinha por fazer.

Aurora dizia: vai devagar, homem. Já tem outro em casa.

Todos se enfiaram na casa da irmã de Aurora, Antônia. Casa grande, de tantos pássaros e árvores. O ar é que era. Um ambiente de botar alma em quem não a tivesse. Bichos mansos e assustados. Graxaim rajado, caitetus, lontras, lebres, capivaras e mais outros ariscos por perto das águas. Em tudo havia assunto pra prosa feita de emoções. Pura alegria!

Sávio havia se mandado pro tio Turíbio em Artigas. Não teve dúvidas. *Me voy a Artigas hoy!*, falou impetuoso o pai. E não teve quem o segurasse. Te pego pelos chifres, danado!, se expressou.

Sávio havia ficado de pelo eriçado por poucos dias. Olhava tudo, tendo ao fundo o pai. O sangue se agitava nele entre saudade e revolta. Em poucos dias, o vigor da onipotência perdeu pra ternura caseira. O tio de Artigas perguntando:

— *El padre como está?*

— *El viejo se va bien!*, respondeu timidamente.

A festa foi completa ao verem Robusto apontar na porteira. O rapaz, entre temores e alegria, viu o pai chegando. Deixando o tio, a cunhada e a sobrinhada toda, se dirigiu ao filho: Tudo bem contigo, seu desgraçado? Abraçou-o com força tamanha pra reparti-lo em dois. Te amo, seu filho da puta! Riram todos em uníssono. Nada mais se falou.

— *Robusto, tienes memória de las cazadas?*, falou Turíbio, o mais velho dos irmãos.

— *Acaso stoy loco, hermano? Claro que si!*

— *Buenas, como vês vamonos a cazar.*

Armas, cachorros e outros apetrechos estavam todos sobre um caminhão coberto, pronto para irem ao campo.

— *Entonces, vamonos!*, ordenou Turíbio.

Partiram entre ordens e gritos de alegria, incluindo latidos de dois cachorros pra caça de perdizes e perdigões. *Vamonos, vamonos*, gritaram os primos pra Sávio. Lá se foram todos em direção à estrada, erguendo poeira vermelha sobre os capins. Sávio, por não ter história de caçadas, estava receoso, o que, ao chegar ao acampamento, se confirmou. Mal se pôs o acampamento, os caçadores de garrucha em mão se foram ao campo. Deram uma espingarda pra Sávio.

— Não sei lidar com essa porcaria, resmungou ele.

— *Digote como se hace!*, falou o Turíbio. *Mira cá, como és.* Em instantes Sávio achou-se num grande mal-estar, mas, para não decepcionar a parentalha, fazia de conta de bem-estar. Obedecia. Mirou sem convicção na direção de uma coruja do campo, pousada sobre um montículo de terra vermelha, disparou. A avezinha estendeu suas asas e num tremor ficou sobre as gramas. Trouxeram o troféu de Sávio. *Muy gran cazador, muy gran*, louvavam. O rapaz tomou-a nas mãos. A corujinha ficou estendida em pequenas convulsões. Suas asas imóveis caíam pela palma da mão. O primo Alejandro jogou-a sobre um arbusto.

— *Que se muera, la disgraciada!*, gritou.

— Assim não!!!, interveio Sávio, agitado. Pegou a corujinha delicadamente nas mãos, não conseguindo disfarçar a dor pela ave.

— Vou... enterrar a coruja!, gaguejou, comovido.

Configurou-se um constrangimento. Os primos escondiam um

ar de decepção disfarçada na direção do primo: *muy maricón*, pareciam dizer. Revelavam a distância de interesses. Robusto viu tudo, buscando minimizar o acontecido.

— *Mi hijo no esta acostumbrado a matar.*

— *I ni mi gustaria acostumbrar,* brincou Sávio, suavizando o momento. Agora vou fazer as honras à coitadinha.

Com um facão afundou uma pequena cova e depositou o que era mais pena que estrutura, enterrando-a debaixo do mesmo arbusto em que fora jogada. Alejandro, o primo, brincava produzindo sonoridades de um cantochão.

— Agora vamos caçar, convidou o pai.

— Me deixe aqui. Prefiro ouvir o canto das perdizes antes da chuva a matá-las.

— Vamos comigo, filho. Não precisa levar arma. Apenas me acompanhe.

— Tá bem, pai.

Houve ainda uma conversa entre Sávio e os primos na qual ele se desculpava por não corresponder às suas expectativas.

— *No soy guerrero como usteds. En la ciudad me olvidé de la fuerza de matar. Um dia muriran los animales y yo me voy a sentir bien!*

— *No te passe mal por eso. Vá con tu papa!*

Sentiu uma ponta de ironia na fala de Alejandro, mas engoliu em seco. Não vim pro Uruguai pra brigar, pensou.

Pai e filho foram ao campo. Robusto pediu ao filho pra pegar sua arma.

— Caso queira dar um tiro ou estrague a minha, tenho uma de reserva.

— .....

Já entre as macegas:

— Gostei que tenhas tomado a atitude pra com a corujinha.

— Desculpe se não tenho a valentia dos meus primos.

— Um homem não precisa de valentia, precisa é de atitude certa. Pode soltar o cachorro, filho.

Algo denunciava uma amargura entre olhares. Foram costeando um capão até chegarem ao campo aberto. O cachorro Feio, mal se havia soltado, começou a amarrar uma perdiz. Robusto, ao bater o pé, fez o animal levantar o voo da ave. De imediato disparou, e a perdiz se abateu em queda livre. Feio trouxe a vítima, sendo logo pendurada no penduricalho que Robusto trazia junto à cintura. Logo adiante, mais outro voo, outra ave tombava, enquanto o vento trazia pios de muitas outras. Uma a uma ia recolhendo no mesmo ritual. Lá pelas tantas, Sávio pediu pra atirar. O pai estranhou. Vai na frente, filho. Feio, indiferente ao atirador, amarrou. Sávio bateu o pé. De imediato, com voo vigoroso, se ergueu um animal maior. Sávio disparou, e o tombo foi vertical.

— Um perdigão, um perdigão!, vibrou Robusto.

— Nem quero ver pra não sentir pena.

— Depois de uns três galos destes, você se acostuma. Continue!

Nem o Feio havia se deslocado alguns metros, novamente abaixou-se, deslizando devagar, esperando o mando do atirador. Novo tiro e nova queda, assim em sucessão, mais três tiros. Uma espécie de compulsão possuiu o rapaz. Não se deu conta do pai. O que mais queria era cumprir o ritual. Robusto então falou.

— Não erra um tiro sequer, meu grande caçador. Posso também dar uns tirinhos?

— Como não, pai?

No total foram mortas vinte perdizes e cinco perdigões. Pra embrutecer um homem bastam algumas violências, lembrou Sávio de seu professor de História, ao estudarem o processo do extermínio judeu. A solução final foi apenas uma consequência de um ritual de leis que faziam acostumar a crueldade nos campos de concentração, dizia o mestre.

Anoitecia, urgia voltar.

Todos aplaudiram a valentia de Sávio. Talento não falta. Ele é preciso nos movimentos, disse o pai. Todos se riam da mudança em Sávio. Tornara-se um deles. Falava como ninguém enquanto mostravam uns aos outros o resultado final daquela tarde. Sávio não sentia nenhuma reação de repulsa ao depenar seus galos: os perdigões mais belos da caçada, enquanto ouviu a distância.

— Está no sangue o jeito de matar, falou Turíbio.

— Ainda bem que sejam perdizes, concluiu Robusto.

— Será?, questionou Turíbio, lançando um olhar significativo pro irmão.

Robusto dobrou a cabeça, quieto.

A noite, com seus silêncios, não perdoa. Dureza foi Sávio sentir a culpa de sua valentia e de seu talento em matar. A coruja não o deixou dormir, tampouco os perdigões depenados. Acordou, na barraca, num mal-estar de fazer dó. O dia, porém, ajudou a que dissimulasse a dissonância afetiva entre sua sensibilidade e a matança das aves. Assim se fizeram um dia e mais meio dia. Enquanto Turíbio explicava a origem de seu cachorro, Sávio mostrava o que se dizia nas aulas do professor de História. Aquele, sim, entendia das contradições humanas, fazendo ver nos próprios alunos as dificuldades de eles mesmos sustentarem em suas casas os sonhos das revoluções pela liberdade. *Acá, tambien, la revolución de nuestro pariente José Gervásio Artigas, pero quitose de poco valor.* Depois Turíbio, acarinhando seu cachorro Feio, esgotou a conversa.

— Tenia un amigo que fue un gran cazador, el escribió un livro: Su Majestad el Rey Feo, su perro. Volmir Tedesco era el cazador y escritor. El fue um gran cazador con su perro. Riendo honras a el gran hombre que se murió. Que diós lo tenga y a su Majestad el Rey Feo. Muchas navidads al nuestro Feo!

A caçada se repetiu novamente outro dia. Mais aves foram sendo depenadas. Aos poucos, na última noite, se fez silêncio. Todos estavam satisfeitos pelos resultados. Quando os maiores movimentos da caçada se terminavam, sobravam pequenas conversas. A do pai e do filho, entretanto, foi bem alimentada pelo espírito das levezas.

Havia, porém, leveduras extrapoladas entre olhares de *los hermanos.* O que existe nestas trocas?, perguntava-se Sávio.

À luz da lua

Robusto percebeu as desconfianças de seu filho. Conhecia as sutilezas do guri, pois viu estranheza entre irmãos.

— Escuta, Sávio, não quer dar uma volta pra ver o tamanho da lua na lagoa?

O rapaz cedeu, meio a contragosto.

Caminharam por quase um quilômetro. As noites de equinócio de outono, com lua inteira, anunciavam a Páscoa. Os frios mostravam já as unhas frias. Noite propícia para conversas. Robusto encapotou-se alcançando um casaco ao filho, pondo-se a estender conversa.

— Esta era a lagoa na qual se dizia haver o fantasma de um índio. Em dias de lua costumava roubar os peixes dos pescadores. Ai de quem se atrevesse a pescar. Descobriu-se o ladrão. Não era o índio. Sim um bando de ratões do banhado, *las nutrias*. Na menor distração, surrupiavam a pesca. Os vultos, na imaginação do povo, apareciam no bulício de taquaras, de macegas e de sombras. O medo é que fazia ver o que não existia. Também eu, quando vinha aqui, tinha medo, mas não me mixava. Enfrentava a noite só pra ver se dominava meus sustos. Trazia junto meu cachorro Golias, um guaipeca de nada, mas de uma amizade capaz de fazê-lo morrer por mim. E você, meu filho, não tem um cusco pra espantar teus medos?

— Na cidade não tem escuridão pra esconder fantasma.

— Mas a alma pode esconder.

— Parece verdade. Isso também eu vi entre os olhares trocados com tio Turíbio. De minha parte, vivo com um que me apareceu na caçada. Esse desejo de matar. Elas não vão piar mais, nem namorar, nem voar.

Num repente Sávio deixou de lado as perdizes. Voltou-se para o pai.

— Pai, o primo Alejandro me falou de que deveria conhecer a bisavó que mora não longe daqui. Nem a mãe nem você trocaram uma palavra sobre ela. Por quê?

— Outro dia vamos vê-la, filho. Desta vez, não, desconversou.

— Sabe, você não conheceu o bisavô, meu avô Ramón marido de Josefina, a bisavó. Ele era de uma sabedoria que só os ventos e o horizonte podem ensinar. O horizonte foi feito pra gente caminhar, dizia ele. Chegou-se um dia perto de mim, enquanto fazia minha funda. Matar pássaros, me disse, não é um mal. O prazer de matar é que faz mal. Os sentimentos são como os ventos. São bons quando refrescam; quando derrubam é que fazem mal. Olhar pra bem longe faz bem, os pensamentos e os sentimentos ficam leves, perder-se neles é que leva a muito pouco. *Cierto dia voy a hablar mejor de mis espantos, hijo.*

— Espero. O que não entendi foi a lição do meu bisavô Ramón.

— Acho que ele quis dizer que tudo faz bem, tendo-se a medida certa. Caçar só pelo prazer de matar não faz bem, mas se é pra gente se alegrar com o alimento e saber a medida certa e o tempo certo de matar, deixando a natureza se multiplicar, não faz mal. Quando falou de vento leve e de horizonte, tirei pra mim o seguinte: os momentos são leves, e é bom ver além do que aparece perto da gente. Eu já sofri de ventos fortes, *pero stoy acá.* Deixe-me explicar melhor. Poucas são as horas de grandes comemorações. Os dias e as noites geralmente são comuns como os joãos-de-barro e as caturritas. Mas se olhar bem, eles têm belezas que não dá nem para suspeitar. Tampouco as horas oferecem grandes caçadas. Tomar conta de um livro de química pode nos dar maior alegria que pássaros derribados. Isso eu aprendi com um professor ao mostrar a composição química das tintas e, nelas, a levedura dos fungos.

— Tá complicado de entender.

O vento havia se aquietado; sobre a lagoa a enorme lua se mostrava, parecendo se confundir com as águas. Podia haver dúvidas sobre quais delas seria a mais completa, a mais serena.

— É dessa leveza que te dizia. Acho que nenhuma outra lua vai se comparar com essas duas. Mas logo se farão sombras. Assim a vida. As levezas podem sofrer de leveduras. A levedura do pão, do vinho, da

cerveja, quando no ponto certo, pode deixar saborosos nossos alimentos. Assim nossos sentimentos podem perceber levezas em pequenas coisas e em pequenos momentos. Sabemos também da existência de levezas que demandam cuidados: a do ciúme, das raivas, dos medos, da tristeza, todas elas necessárias, contanto que a levedura não passe do ponto. Isso é só pra quem tem horizonte, vendo mais e mais longe.

— Isso alivia um pouco minha angústia entre meus diferentes desejos. Proteger e matar estão brigando em mim.

— Sempre vão brigar. É só não deixar as leveduras exagerarem. Se não for assim, se estraga o que se tem de melhor. Nesses tempos bicudos, isso é pra poucos. Olhe bem os detalhes, meu garoto, dizia também o vô Ramón.

Olharam mais uma vez as luas e foram descansar.

Para Sávio o descanso custou muito, uma vez que a sua bisavó não lhe saía do coração. Havia um desejo não satisfeito de abraçar aquela que morava sozinha no campo.

Quaraí: onde mora Vênus

Mostrei pra ela como andava o romance do amor pra ser de levezas e leveduras. Olhou o texto e comentou:

— Quando vai começar?

Respondi que aguardasse o piá amadurecer. Que, se não for assim, só vão se precipitar as leveduras, batumando ou azedando tudo.

— Bem que pode mostrar um pouco de nós mesmos, continuou.

— Acho que não faço bem misturar as coisas: no amor não existem imitações. Se não existem velhos iguais, menos ainda haverá amores iguais, contra-argumentei.

— Tá bem, respondeu. Faça do jeito que bem entender. Mas bem que poderia dizer da levedura dos meus ciúmes, das levezas de minha ternura e de tuas nervosias.

Terminada a conversa voltei, pro texto. Romance que se presta deve ter sua agilidade. Desse jeito a imaginada moça do Sávio vai ficar velha e morrer virgem.

Não dá mais de cinquenta quilômetros a distância entre as terras de Turíbio e a da casa de tia Antônia, irmã de Aurora. Esta andava na ponta dos pés de tanto olhar a lonjura da estrada, que não devolvia os dois. O consolo de Valentina era pouco. Mais vivia na cidade de Artigas. Não lhe agradavam os conselhos da tia Antônia.

Ao ver os dois chegarem, vieram lágrimas inegociáveis. Beijou-os como se fosse a última vez.

— Foram fazer o quê? Não retornavam nunca!

— Fomos ver as uruguaias, brincou Robusto Enrico Artigas.

— Vou te dar delas, falou, avançando sobre ele.

— Mostre aí, Sávio, como são bonitas as uruguaias.

Sávio, orgulhoso, mostrou as perdizes limpas.

Nesse instante apareceu Valentina, tendo ao lado um uruguaio, fedelho de uns dezesseis anos.

— Oi, pai, este é o Fernandinho. Ele diz que conhece a família Artigas.

— Oi, como vai?

— *Bien, y o sinhor como vai?*

— Já vou indo... pra Porto Alegre.

— Que pena, pai. Agora que achei um amigo.

— Tá bem, filha, mas o dever nos chama..., e deu de ombros.

— Que droga, parece que a vida é só estudar.

— Trabalhar, também. Passou a mão sob o queixo da filha num gesto brando. Amigos desses têm muitos em Porto Alegre.

— O senhor não entendeu bem, pai.

— Infelizmente bem demais.

Por ver que o pai não estava gostando do tema, foi se retirando com seu amigo. Pra mostrar a rebeldia, deu a mão ao rapaz de um metro e noventa, o Fernandinho.

Mostrei esta parte pra minha mulher.

— Não achei graça nenhuma.

— Nem eu, disse. Será isso mesmo que Valentina está procurando?

— Não vem ao caso, falou. Você está fugindo ao tema principal, advertiu. Te concentre no Sávio. É tua intenção mostrar com que afeto se faz um casamento.

— Tá bem, respondi e me toquei a obedecer.

Embora estivesse querendo saber o que o Fernandinho e a Valentina iriam fazer em protesto às asperezas do pai, o teclado calou.

Ela parecia de um jeito vigoroso de ser. A vida tem surpresas. O patriarca, por certo, andaria de olho no uruguaio, embora a natureza da guria prometesse outras direções. Havia nela movimentos pouco leves.

Conversa vai, conversa vem...

— Cadê minha filha?

— Aí na varanda, respondeu Aurora.

Poucos minutos depois veio *el hombrecito muy largo* se despedir. E ponha suavidade nos modos. Ao se retirar, Robusto comentou:

— Conheço muito bem tais gentilezas. Aí é que mora o perigo.

Aurora comentou irônica:

— Também conheço tais gentilezas. Estes uruguaios dissimulam muito bem. É pena que as levezas desapareçam como sombras.

Robusto enrubesceu, pois sentiu a farpa.

Houve ainda uma troca de palavras sem entusiasmo. As levezas se transformavam num braseiro coberto de cinzas. Aurora, percebendo a situação, comentou com serenidade.

— O amor dos filhos é sempre motivo de preocupação. Deixa estar, meu marido, que tudo vai estar bem. A Valentina sabe o que faz. Mais que alegria, ela tem cuidados. Ela não vai se precipitar. Ela está sendo mais cuidadosa do que eu. Lembra?

— Acho que não fui delicado com meu conterrâneo, desconversou. Desculpe, Aurora.

— Não ligue tanto. Agora vamos dormir. O dia foi estafante. Estamos todos bem.

Sávio do amor divino

Dia seguinte, volta a Porto Alegre. O rapaz de nossas levezas refletiu de manhã sobre a caçada e as leveduras faladas. A onipotência pouco se fazia agora. Lembrou-se do pai dizendo da atenção aos acontecimentos simples. Em seu caminho, atraiu-lhe um ninho de pássaros. Foi espiar seu conteúdo. Viu dois filhotes parecendo vermes de penugem. Dizer que daí vão sair pássaros, pensou.

— É um ninho de sabiá. Não dá pra mexer muito. Os pais estranham, chegando a abandonar as crias. O mais engraçado que é um amor tardio. Já é outono, falou a prima Felícia. Que coisa, primo, uns começam em setembro, outros terminam em abril, fugindo à regra. Prefiro os de setembro. Você, primo?

— Seja o que Deus quiser. Não se preocupe com o ninho deles. Só olhei. Ninguém gosta que os outros se enfiem demais naquilo que é da gente.

A estas alturas deste texto, me aproximei de Sávio, perguntando sobre seu destino. Me critiquei: bem que a manhã poderia ser mais intensa, protagonista de um amor possível. Vi, entretanto, o nosso herói tão envelhecido, em minha fantasia, sofrido pelo tempo. Tão velho andava. Via também sua esposa bem mais jovem e bem mais cuidada. Olhos alheios cobiçando o seu corpo, ainda bem feminino. Um gaiato dizendo: isso é que é mulher! Sávio encolhido, pensando sobre sua desvalia, esboçando reação, mais pra impressionar do que pra competir em sua velhice decadente. De imediato, ele me olhou insatisfeito com as imagens delineadas, exigindo retratação. Não vou terminar assim! Serei um velho como aqueles velhos uruguaios que vi em Artigas. Velhos, mas não decrépitos. Capazes de amar sem esmorecer. Os anos desenhavam-lhes faces de uma beleza antiga e vigorosa. As rugas não

lhes retiravam forças. Ao contrário, havia aí um monumento antigo. Qualquer mulher poderia se apaixonar, pois tudo neles se mostrava fortaleza de espírito, palavras bem ditas, humor sem hostilidades. Muito mais vida se desenhava nos velhos. Será este o meu futuro!

Buenas, pensei, vamos melhorar logo a realidade, ainda que delicada, a começar pelos filhotes de sabiás. Sávio, vendo-me de intenções a respeito de seu futuro, alertou: veja os filhotes, mal se desenha o que serão. Assim vivo eu ainda sem ter as marcas mais firmes do que serei. Não me subestime vendo a minha velhice. Se é como se diz, sermos filhos do presente, garanto-lhe não perder nada. Vou absorvendo os tempos, os lugares, as fadas das circunstâncias, os imprevistos e os previstos como se fossem as palavras de Deus. Aí notei a juventude de Sávio. Dificilmente diria tais expressões. Somente velhos sabem que a história e a geografia se conjugam pra nos constituir. Pra pensar bem não carece muito tempo. Bem no dizer de Martin Fierro: O diabo sabe mais porque é velho do que porque é diabo. A boa velhice não se mede pelo tempo, mas no viver atento! Bem como eu, falou Sávio: se há alguma esperteza de alma foi a história que me deu, me fazendo melhor em poucos dias.

Vejamos, então, Sávio caminhando pela vizinhança. Desde que chegara, uma guria, uma fúria divina habitando aquele corpo, esperava o momento próprio pra expor virtudes.

Exímia no desenho e de fala bem talhada. Fizera, de leituras e escritas, melhores os sentimentos e o pensamento. Aprendera a filosofar com seu vigário. Laura, de nome, uma moura se fez nela: a genética e as misturas viajantes, que muito se muda nos tempos, produzindo figuras cada vez mais lindas.

O sol tem disso, mostra o que existe. Aos desejos certos da juventude, juntam-se fadas e bruxas confessáveis: alegrias e perigos imediatos. Baixando seu busto provocante, apanhou uma flor.

— Bom dia, Sávio. Sou amiga da Felícia, tua prima. Me falou que estão indo embora.

— Que se pode fazer? Vou prestar vestibular e tenho muito que estudar.

— Também estou terminando o último ano do ensino médio. Estou pedindo em casa pra fazer Arquitetura na UFRGS. Acham que sou muito jovem pra me tocar pra capital. Querem que eu vá pra Santa Maria.

— Posso falar com minha família e te dar uma força.

— Isso seria ótimo. Teria com quem contar. Já falei com tua mãe. Uma simpatia de mãe. Quer entrar um pouco? Minha mãe está em casa. Por favor, Sávio, converse com ela. Eu ando sozinha nesta história de convencer meu pessoal.

Mais que palavras, um clima se formou. O coração bombeava sangue e ternura. Dava pra notar. Deixemos de conversa! Vamos aos resultados verdadeiros, embora ocultos. Entre tudo que se disse, não apareceu o principal. Enquanto a boca falava, os olhos falavam mais. Uma doçura medida foi se estabelecendo. Ao se adentrar na casa de Laura, Sábio roçou de leve os seios da guria. Uma corrente generosa e quente o envolveu. Falou com a senhora Francisca. Muito ciscada, ouvia o clamor de Sávio, ao falar de Porto Alegre. Lá sua filha terá outra família pra ver se falta alguma coisa. Minha mãe, tenho certeza, vai olhar por ela também. Sávio, bem apetrechado nas palavras ia convencendo a mãe a deixar que Laura fosse capital. Se fosse dizer dos sentimentos, porém, murmuraria desde a rua: "Que coisa mais linda me aparece. Que coisa divina, meu Pai. E no avançar da conversa: deixa que eu mesmo vou cuidar de ti. Meus olhos não perderão os teus, tampouco o resto. E com a mãe dela se ocultavam dizeres quietos: vou estar com ela. Que uma garota assim não se perde de vista. Pra encurtar a conversa: vou até amar sua filha. Sou um homem confiável...".

Por mais informal que tentasse ser, os olhos, porém, não dissimulavam sentimentos. A mãe acreditava nas palavras sem decifrar as quietas, intensas intenções. O pai, ao entrar em casa, ouviu calado. Vendo a figura bem apessoada do rapaz, percebeu as ocultas intenções. Que nisso homem vê mais longe!

— Vou falar com teu pai, resmungou Tenório.

— Por favor, vou falar com ele também. Que ele espere um pouco. Nós estamos voltando a Porto Alegre. Esse cara não tá acreditando em mim, pensava!

— Não se incomode. Como é mesmo teu nome?

— Sávio, e não é incômodo. Meu pai sempre diz mais ou menos assim: se a gente que se conhece não se ajuda, os estranhos acabam nos devorando.

A saída foi um triunfo da intimidade. O *obrigada* de Laura saiu terno. Nada se disse e tudo se esclareceu no abraço estreito e no roçar de faces. O silêncio ouvido e as pupilas mais vastas: uma certeza de razoável volume mostrava um calor incontido, quase levedura.

O resto da manhã se precipitou, e, antes que se esgotasse, o pai de Laura veio ter com Robusto. Tenório, na despedia, ouviu de Robusto:

— *Tendré tu hija como mi hija!*

— Tenho certeza que ela estará em boas mãos.

Não havia remédio, a robusta decisão veio inegociável. *Vamonos!* Todos no carro. Me agradaram, filho, tuas palavras sobre a ajuda oferecida. Obrigado por ter lembrado o que digo. As palavras são dos versos de Martin Fierro.

Los hermanos sean unidos
Porque esa es la ley primera -
Tengan unión verdadera
En cualquier tiempo que sea -
Porque si entre ellos pelean
Los devoran los de afuera.

— É isso aí, seu Robusto, vou decorar esse tal de Martin Fierro. Pelo jeito é um valente cantador.

— Hernandes escreveu o poema pelas bandas de Santana do Livramento. Escreve-se muito deste herói vagabundo que vivia de peleias sem grandes causas. As brigas é que eram as causas. Mesmo em 1893 se peleava por patrões desconhecidos, peleias por peleias. Pior ainda em 1923. Tô conhecendo o Rio Grande, guri! Coisa de pouca razão essas lutas, todos obedientes aos patrões, não sabendo por que morriam. Hernades descreve, também, a irresponsabilidade do protagonista, uma vez que seus filhos estavam longe e sem notícias. Num dos versos de Hernandes, lastima a conduta de Martin:

Los pobrecitos tal vez
no tengan ande abrigarse,
ni ramada ande ganarse,
ni rincón ande meterse,
ni camisa que ponerse,
ni poncho con que taparse.

— Os melhores ardores humanos se dão pelo cuidado, e não em tais peleias, estúpidas e feias. Nós vamos cuidar da filha de Tenório. Vai ficar com a gente durante o vestibular. Acho bom que cuidemos dela sem qualquer outra intenção senão a de que esteja bem. Sei de teu interesse. Que apenas se tenha leveza e nenhuma levedura. Que ela vem pra se formar, não pra namorar. *Si no tiene rincón ande meterse. Tenga nosostros como hogar!*

— Santo Robusto falando, comentou a Valentina.

— Não é santidade, apenas um pedido do pai dela. Que nada se tenha fora de hora. Vamos deixar as cegonhas no pampa.

— Nossa! Como se meu irmão fosse um gavião! Mãe, me diga, o pai sempre foi tão respeitoso?

— Nada fizemos que não fosse de comum acordo.

— Pelo que vi, a Laura é capaz de ir além do que o pai pede.

— Não fique falando por ti, dona Valentina!, Sávio provocou, ofendido.

— Pior ainda... Ela está na dela e não sabe o perigo que corre.

— Vamos sossegar o pito! A estrada não é boa. Aqui até os carros corcoveiam, falou o pai!

Alguns morros altos testemunhavam um relevo nem sempre tão espraiado e calmo. Muitos ventos nivelaram as terras. Resultou o campo quase liso.

— Esta extensão limpa se amainou com muita insistência do tempo, comentou Robusto. Assim a gente vai tomando jeito pela relevância de motivos.

— Lá vem um sermão.

— Sou uruguaio de pouca fé, filha. Minha caridade é mais adiantada. Nunca gostei que me mandassem, nem lá em casa se grita pra

fazer isso e aquilo. Não é na estrada que vou pregar. Apenas comparei o campo enorme que se vê ao longe. Me agrada este desenho. Do mesmo jeito me agradam as pessoas de alma estendida. E não é de qualquer jeito que se faz isso. Sei que estou quase delirando, querida. Em casa sou mais quieto. Que esta extensão me provoca, me provoca.

— O seu Tenório não falou de quando a Laura vai?, perguntou Aurora.

— Vai em janeiro, pro vestibular. A inscrição ela faz pela Internet.

— Já vi tudo!, comentou Valentina

— Como viu tudo, se mal comecei?, retrucou Sávio. Não vem com onda, que te vi com aquele castelhano de dois metros.

— Ele tem nome, mas não curto mais. Ele é comprido, mas, te garanto, não me atraiu. E você, mano, está como fermento na farinha!

— De novo vocês dois, falou Aurora.

— Tá bem, mãe! Vou ver meu *tablet*, palavra de homem!

— .....

— Não é possível. Olha aqui. Viu só? Tá mesmo a fim. O Sávio mandando mensagem.

— Gostei dela... E daí! Os recados são meus!

— Nesta estou do teu lado, filho. Pode namorar até, mas não venha com essa de perder os estudos pra ela.

— Acho que vou saber a medida certa.

— Engraçado, me senti uma condenada só porque fiquei com o Fernandinho fazendo coisinhas de nada. Saiu se sentindo um tarado lá da tia Antônia. Estou avisando à comunidade familiar e a quem mais interessar possa que sei me cuidar. Não sou de me apaixonar, nem que seja rico e um troço de bonito!

— Deus te ouça, filha, e te dê metro e meio de inteligência, falou a mãe.

— Não tenha preocupação, mãe, não vou me perder por aí!

— Estamos chegando em Rivera, pra lembrar de Hernandes e comprar uns vinhos. Vamos pousar em São Gabriel, falou seu Robusto.

— Falou, tá falado, isso é que é!, brincou a filha.

Seu Robusto sentiu a agulhada.

— Aproveitemos pra comprar *solamente unas cositas, que la policia nos prende!*

Dos lugares

A parada em Rivera foi breve, o suficiente para as quotas de vinhos e alguns cremes. Na saída de Santana, a polícia foi minuciosa como se aí estivesse oculto todo o dinheiro nacional, roubado aos cofres públicos. Tudo conforme a lei, mas o exame foi tão exasperante que fez Robusto manifestar sua revolta. Somente em razão dos apelos de Aurora não foi preso por desacato. O soldado se achou diante de uma mulher que só faltou se ajoelhar. O mal-estar foi grande. Tudo se transformou num passeio aziago, apesar do voo de aves, dos verdes alegres, dos umbus pesados e de bois sonolentos.

— Por causa de vinte e quatro garrafas de vinho, por que aquela truculência toda? Quanto mais se percebia o acerto das compras, mais irritado se tornava o policial. Assim se explica o quanto é capaz de nascer violência gratuita, reclamou Robusto.

— Tem gente raivosa por todo lugar. Agora te acalma, homem.

E Aurora, a mais cordata, pensando: E se fosse meu filho o responsável por controlar os contrabandos, não elogiaria sua responsabilidade...? Vai ver que o rapaz fazia tudo pela primeira vez, tentando examinar parte por parte. As primeiras aprendizagens deixam as pessoas severas consigo mesmas, ia pensando a autodidata. Não poderia dizer de suas impressões, enquanto não se esgotasse a exasperação do marido. Rivera tem disto: oferece coisas. E quem não gostaria de levar um pouco mais que o permitido? Assim pensando no desfile do campo, se ia Robusto de rosto feito tempestade. Ao entrarem em São Gabriel, falou.

— Estou cansado! O que vocês acham de dormirmos aqui?

Todos ficaram boquiabertos. Não esperavam que o homem fosse se amansar tão rapidamente. Concordaram.

Sávio escreveu no seu *Face*: Laura, chegamos em São Gabriel. Tá ficando noite. Estou com saudade. É a primeira vez que fico desse jeito. Tá certo, sou forte, mas preciso de ti. Nem sei como aguentar até janeiro. Natal sozinho. Dia primeiro, sozinho. Que coisa! Estamos passando pela cidade. Coisa mais bonita. Não é grande, mas vejo umas construções antigas, belas e tristes. Meu pai está falando do pessoal daqui. Eles têm muito orgulho do lugar. Alguns andam até de nariz empinado. Acho que em toda a fronteira o pessoal se acha muito. Quero te ver, acho que é por isso que vejo as árvores daqui mais bonitas que as outras. As ruas estão limpas. Coisa rara. Será que é porque estou assim tão contente que não vejo a sujeira? Chegamos ao hotel e do quarto continuo te escrevendo. Já em Santana, comecei a ter vontade de te ver. Nunca senti tanta vontade de ver alguém. Vou dominar esse sentimento porque desse jeito não vou poder estudar tanto quanto preciso. Não me entenda mal. Meu pai é capaz de dizer que essa leveza pode virar levedura. Apenas quero te dizer que meu coração carrega todo o amor aprendido por minha mãe, meu pai, meus avós, bisavós e todos e todas que vieram antes. Meu professor de filosofia, que não vê como eu a eternidade, diz que isso é que é a eternidade. Diz ele que o jeito de amar se passou de geração em geração. É bem possível que eu carregue dos árabes esse jeito meio louco de sentir o que é amar. Vou parar de falar, que minha mãe está batendo na porta pra ir jantar. O hotel é San Isidro. Muito caprichado. Tchau. Bj!

Dona Aurora inquiriu sobre a demora em atendê-la. Como ele permanecia quieto, falou alto:

— Não é possível que já esteja apaixonado. Tô vendo perigo. Meio dia de amor e já desse jeito. Já está prendendo fogo no capim!

— Calma, mãe! Não é tudo isso.

E se foram jantar, mas a quietude do rapaz revelava um tumulto. Valentina, então, deixou-o exasperado por rir de sua paixão inculta e brava. Mal jantado, Sávio mais queria era ficar solito.

Vou retomar a história que, desse jeito meu protagonista é capaz de tomar conta de tudo. Está ficando, pro meu gosto, muito apressado. Parece um galo agitado no terreiro. Mas o que se pode fazer com um coração cheio de humores? Os meus já são poucos, por isso estranho essas reações tão vigorosas. É isso que acho ruim na velhice. Mais

sábia e mais prudente, bem que poderia não perder a abundância dos sentimentos eróticos que se derramam na juventude. Mas como diz um poema português: cada idade tem a sua juventude. Se a origem da palavra vem de ajudar, que assim seja. Mas que se perde aquele clamor natural do corpo, se perde. Tem um canto mais suave na alma, mas bem que gostaria que fosse se multiplicar como o mosto do vinho. Os fungos que fazem a gente se estremecer de prazer já estão em recesso, dividindo tudo em melhores deliberações. Isso me faz lembrar Baudelaire que vê imensidades num trocar de olhares. Fico vendo tão pouco. Quero ver se melhoro o desenho de Sávio e Laura. A imitação da natureza faz bem! Ela se propaga!

Por tudo que disse até agora, sinto os lugares. Possuem forças muito estranhas. Kertétz, um judeu húngaro, escritor muito sofrido por causa dos campos de concentração, dizia de um lugar, quando investigava pra saber onde um grupo de judeus havia sido massacrado: é aqui que mataram os meus! Ele sentia nas pedras escuras o clamor de quem havia partido entre gritos de desespero. Mais tarde ele pode confirmar a verdade. Era junto às pedras escuras que a humanidade havia mostrado sua face indesejável. Ao contrário, Santana e São Gabriel, os lugares revelavam suspiros apaixonados. É!, o pampa tem disso. Se a mataria onde me criei deixa a gente mais reflexiva e, às vezes, triste, o campo desbragado deixa na gente um desejo de mais lonjuras. Mais ainda: com sentimentos de alegrias e amores incontidos. Acho que era isso também que mexia com Sávio. Se a arte é imitar a natureza, pois que seja: ela se dá aos borbotões.

Mostrei o texto pra minha esposa. Ela disse, então: tá ficando melhor! Me enchi de entusiasmo por seu reconhecimento. Não deixou de avisar: achei legal o que disse dos lugares, mas foge ao tema principal.

Porto Alegre

Quanta diferença de Sávio e da família Artigas desde a saída de Porto Alegre. Voltaram outras pessoas. Não somente os rios não se tornam os mesmos, ao passarem debaixo das mesmas pontes; mais diversos ficaram eles em poucos dias. Reafirma-se isso pelos comentários de Aurora. Principalmente Sávio e meu marido estão diferentes. Estou contagiada pela alegria, pois temia pelos dois. Adolescência é feita de temores e tremores. Ainda bem que o pai também tremeu. Umas perdizes e o campo deixaram os dois mais serenados, prontos para o diálogo. E por falar em comunicação estou crente: Jesus nada mais fez senão solicitar a comunicação. Li não sei onde que toda ação comunicativa é que estabelece a verdade. Aprecio muito o diálogo de Cristo com a pecadora condenada. Mostrou o pecado dos acusadores, não menores do pecado da condenada. Perfeita a argumentação para não matá-la. Ela traduzia os preconceitos contra a mulher. Jesus nos disse claramente: em tudo tenham a vida em primeiro lugar; o resto é conversa. Se os pais trazem boas notícias quanto mais o meu pai pode trazer! Espero me tornar cada vez mais religiosa, estreitando os laços de minha casa. Me preocupei com a frivolidade de Valentina. Acho que estou criando uma filha pouco preocupada com os laços ternos de um namoro confiável. Desconfio que nela habite uma moura louca por aventuras. Temo pela semelhança dela a uma prima dela de Artigas, a Betina. O amor de uma mulher sempre se dá bem na intimidade de uma casa. As aventuras dela são faladas por toda Artigas. Vou estar de olho. Que Valentina veja bem o dilema entre o amor de laços cuidadosos e os intrépidos dias de amores não convencionais. O que me dói desde já são as decisões sem retorno, machucando futuros. Espero Porto Alegre abençoar os meus, me fazendo uma mãe sem ranços. Me dê a sabedoria divina pra não me assustar com os imprevistos num tempo do provisório. Vou deixar nossa casa como

uma força de integração. Ficará linda para abrigar devaneios e sonhos. Acho que é isto mesmo: uma casa bem cuidada vale por uma proposta educacional. Os pássaros amam seus ninhos e as raposas, suas tocas. Semelhante é a casa. Assim ó: uma casa é a geografia mais próxima do corpo, e é por aí que se sustenta a primeira dignidade. E quem é que não quer se ver bem ao se espelhar na casa toda bonita? Ela me pediu um quarto novo, que o atual tem muito de sua infância. Vamos ver os objetos novos de sua privacidade. Mas, acima de tudo, não posso perder seus movimentos, mesmo que se refiram às conversas de seus livros e dos sonhos do futuro. Tenho a sorte de ter o Sávio. Ele é mais centrado. Assim, Aurora mostrava o potencial de si mesma. Robusto dizia que ela se assemelhava ao escritor argentino, Borges. Nem tanto, nem tanto, dizia ela cheia de satisfação. E mostrou-lhe o livro desse autor: *Elogio da sombra*. É, o pobre homem, com toda a cultura, elogia a própria cegueira, dizendo: restaram-lhe o homem e a alma. Acho que com tais leituras poderei amar melhor os meus. Não sou cega, nem deficiente pra não mostrar minha grandeza. Robusto, a beijou, comovido pela ternura.

— Linda escrita, mulher! *Los Angeles hablan por ti!, querida.* Desse jeito terei uma escritora em minha casa!

— Assim penso também!

Neste momento, Sávio adentrou na sala, como se fosse o dono. Estava como os poetas embevecidos com borboletas e outras alucinações. Em tudo semelhante a um poeta o rapaz andava como JJ Camargo fala de um cliente dele: *Certeza que não somos pássaros e voamos*. Percebeu a inconveniência. Como entrou, saiu. O que mais queria era um espaço em que coubessem seus eflúvios divinos por entendê-los, por mais breves que fossem, eternos.

Tuitava, faceava, emeilava, whatsapava, telefonava, arrancando suspiros de satisfação por sentir-se correspondido, suscitando em Laura tremores de toda ordem. Porto Alegre estava pequeno pra ele, uma vez que suas divisas não correspondiam à débil geografia. O mapa do espírito, feito de divindades, de azuis, de sóis e de frases sem ponto ou vírgula, vorazes, atravessava os pampas em busca da melhor comunicação: não havia fronteiras. A salvação era distinta, uma vez que cumpria as normas de Jesus ao imitar as falas da samaritana. Havia uma água pura, uma visão de Deus Pai, a glória de São Pedro, padroeiro da província onde havia o perdão, a graça, o amor, tudo como se aí estivesse Jesus caminhando sobre as águas. E a guria, objeto de sua paixão, olhava-se como se fora

o reflexo dele. Brilhavam as imagens na extensão da campina longa e ondulada. Faltavam somente Elias e sua carruagem de fogo.

Aos poucos, por conta da paixão, a disposição elevada fez diminuir o estudo. Vamos estudar, meu filho!, que o vento e o amor são bons, mas não dão pão. Era a ventania na capital. O pampa sossegou, dando lugar aos sons vivos da guria. É então que peço pra carroça barulhenta do destino conduzir com cuidado a minha gente! Foi assim que Aurora se expressou em sua linguagem de autodidata, confessadamente voltada pra leituras solenes e picarescas, feitas em diversos autores.

Final de dezembro. Porto Alegre foi receptiva. Todos podem aí se esconder. Nenhum saber possuía reservas. Robusto recebeu a filha de Tenório. Recomendou-a a Sávio.

— Vê se cuida. Vou devolver a guria como recebi.

— Não se preocupe, pai!

Buenas, mas a onipotência adolescente constrói realidades além das medidas da vontade. São forças sobrenaturais, porquanto excedem o pensamento lógico, penalizando os pobres mortais.

Não serei eu, severo escritor, pra estragar o idílio de elevadas proporções de dois amantes. Que se dane a economia dos bons costumes. As medidas preventivas, os cuidados atentos não fazem parte do par metido a índios com seus cavalos postos ao vento. O momento é incisivo. Mortos todos os conselhos sobre a carne: o mesmo espírito pairava sem esmeros sobre todas as coisas e nas águas dos dois. Sons promissores sobre a amálgama informe anunciavam a criação; indolentes os cuidados, e a pressão da vida em rebojos sorvia as suaves pretensões. Os exageros da vida.

Meu filho, deixe de pensar só nela, que a vida, sem atenção, faz menções aos outros, e tu ficas aí dando chance pro azar. Mais que amor, é preciso cuidado. Deus fez o mundo tendo leis na frente e não saiu a esmo pondo lampiões de qualquer jeito e depois soluções sem remédio. Tome tento, que o cavalo é xucro! Qual o quê! Lassos os dias, e a sabedoria ínfima deu pra nada. Nem sonhara que sua sorte, em rabiscos descuidados, deu no que deu: um filho.

Porto Alegre com seus tumultos distraiu o rapaz. Do centrado que era, a natureza fez dele gato e sapato. O mês de cursinho de Laura e Sávio foi de irrefreável descontrole. Todo o pampa com suas recomendações austeras não foi suficiente. O tumulto das águas de janeiro foi excessivo.

Levou ferro no vestibular e a guria de Quaraí levou pra casa a ausência do nome na lista dos passantes e um guri na barriga. Sentado ao pé da cama se moía de dor pelo resultado do teste para a vida adulta. O ritual esperado fora desrespeitado. Permanecia tuitando, faceando, emeilando, whatsapando com ternuras. Notara, porém, a voz mal controlada dela. Pergunta: o que tem, Laura? O que tem? E uma voz entrecortada mal respondia: nada, nada... Pois é, mais fala a voz entrecortada que um grito, nada... Pronunciado num sumido... Quase um sopro. Ainda não afeito na linguagem oculta, foi aprendendo que aí residia um tumulto semelhante à última tempestade que levara o telhado do prédio. Tu és pai!, foi o que ouviu por tanto insistir.

A mãe Aurora foi a primeira a saber. E daí, Robusto, indo até ele, expressou-se, ainda assustado.

— Te falei que o amor não resolve nas peleias da vida. Uma casa bem guardada faz um amor controlado. Mal cuidada, se vai na primeira ventania.

— Desculpe, pai, vacilei. Foi mal. A única desculpa é uma promessa. O que fiz há de vir como um bem.

— Veremos... Veremos... Um Artigas assume a vida e a morte. Confio no teu poder.

Sávio nem desconfiava que seu poder era tanto. E provou.

Na casa de Laura

O destino, por vezes, é cruel pra a fantasia e as paixões. A culpa de trair as expectativas dilacera a vida. A mãe Francisca fora convincente: filha, tenta de novo pro ano que vem. Vai pra Santa Maria. Mal sabia do neto de poucas células. O pai Tenório consolava Francisca: melhor é ficar aqui no campo. Tem mais proteção. Quanto mais consolavam, mais triste a Laura.

Mostrei pra minha mediadora. Ela falou que não interessa tal desconsolo. Afiancei-lhe que assim se sucedeu, e até é de teu conhecimento tal susto. Mas num romance cabem eventos mais amenos, reclamou com severidade: pois, então, não escreva. Respondi que os sustos são da natureza e vou encarar os vividos de Laura e de Sávio. Sustei por alguns dias a escrita, suspendendo a gravidez e os conflitos dos dois.

Lágrimas perpassaram a demora em que deixei Laura. Vamos enfrentar pra valer. Foi assim: um mês e meio sem menstruação. A irracionalidade possui sua urgente sabedoria, bem mais que a inteligência, que se produz sobre o espírito, por mais santo e legislador que seja. As regras da vida nem sempre obedecem aos apelos do aprendizado.

Laura, evasiva, dissimulava seus sentimentos ao falar com Sávio. O rapaz disse ao pai: vou pra Quaraí! Não vai! Te prepara pro vestibular de julho!

Muito mais que as palavras descortinava-se em Sávio uma intuição. Não é possível, mas ela disse que se haviam passado os dias férteis. Assim se consolava o rapaz. A vida como a morte espera oportunidades. Foi a vez da vida.

A essas alturas, as coisas se precipitavam. *A las cinco de la tarde*, dizia sua avó Evita, *eran a las cinco en punto de la tarde*. Sabia nada mais do poema de Lorca. Mas lhe deu coragem de falar. Casa em silêncio pesado por conta de sua alma. A avó uma estátua na cadeira, crochê entre as mãos.

Entrou em decididos e ciscados passos.

— Fala de uma vez, menina, que o papo é sério.

— Por demais, vó.

— O que se sucede?

— Estou grávida! Pronto, falei!

— Já falou pra tua mãe?

— Nem pensar! E se o pai souber vai querer me matar!

— Nem tanto, nem tanto! Sabe que o teu irmão mais velho também veio no susto.

— Esse pecado me consola.

— Isso não alivia muito. E o rapaz sabe? Quem é ele?

— Sávio, o filho do Robusto.

— Menos mal. Me pareceu um guri de gênio bom!

— Não só de gênio. Ironia, vó, de guri pra pai.

— E de guria pra mãe!

— Agora de cuidada, tu passaste pra cuidadora. *Pues que asi sea! De chica a una madre.*

— Olho pra minha barriga e já me assanho pra cria! Isso me dá uma coragem do trigal na tempestade.

— Isso é bom. O campo dá coragem!

— Vó, a senhora conta pra mãe?

— Bonito! Pra fazer não pediu nada pra mim!

Ria-se com seus cinco dentes de cima e os cinco de baixo. Uns quebrados e outros partidos, rindo-se ainda mais.

— Conta ou não conta, vó?

— Conto. Sei que vai doer como doeu em mim.

— Está doendo muito na senhora a criança em mim?

— Só um pouco. Acontece que sei o que pode acontecer. Se o guri, o pai, assumir, vai haver alegria. Se não assumir a alegria ficará um pouco menor. A vida é que conta mais que atrapalhos, te console.

Embora não afastados, os temores se minimizaram. Caminhou pelo pátio senhora de si, pois contava com a avó. *A las siete horas, las heridas ya no quemabam más, como se quemabam a las cinco de la tarde*, é o que diria sua Evita, parafraseando Federico Garcia Lorca. Benditos velhos que não mais excomungam por pouca coisa. Distinguem, na velhice, o conselho da humilhação. Põem coragem onde poderia haver desespero. Laura amadureceu em poucos dias. Havia luz em sua escuridão por distinguir, no precipício, morangos a serem degustados. Sabia, porém, que sua coragem seria de um cotidiano de não poucas angústias. Dobrar-se sobre fétidas fraldas, choros das noites, sustos nas febres, noites em claro, a solidão no cuidado... Isso tudo se insinuava como demônios impacientes.

Enquanto Laura se envolvia com suas atenções reais e imaginárias, a avó Evita ensaiava, em seu interior, a fala preparatória pra aliviar os sustos de Tenório e Francisca. Nos dois, por certo, não seriam os mesmos assombros a rebentar-lhes o peito. Mulher vê sua cria com diferenças do homem. O velho carro adentrou no pátio, resfolegando-se antes de desligar.

Não era mulher de meias palavras. É que nem peleia, pensava a velha senhora. Entra-se logo, ou se corre.

— Venham cá, falou pros dois.

— Que que há pra tanta pressa?

— A Laura está esperando uma criança.

— Não acredito!, falou a mãe.

— Vou acabar com aquele diabo do Sábio e com o Tromboso, pai dele!

— Você quer dizer Robusto! Vai nada, falou Evita, com voz pausada.

— Acho que é sina da família. Se Sávio aprontou, o que fez você com minha filha? Lembra? Pode ir se acalmando, que ele não fez solito.

— Mas e agora? Ele tão longe. Puta merda, sempre sobra pra mulher!, reclamou a mãe.

— Eles vão fazer como nós. Vão se casar, sim.

— Calma, Tenório, não vamos tocar a carroça na frente dos bois.

— Pedi pro Troncoso, putz, Robusto, pra cuidar de minha filha.

— Ele cuidou até onde Laura quis que cuidasse.

— Feita a vida, e a vida é nossa.

Nem se havia acabado a conversa quando chegou Laura e, sem esperar qualquer exclamação, falou com autoridade:

— Conversei com Sávio. Ele pediu pra estar com ele.

— Você vai ficar por aqui.

— Pai, essa é a sua opinião. Ele assumiu como pai da minha criança.

— Nunca vi um fedelho dar uma de pai.

— Está dando, e eu concordo. Vou continuar estudando. Não vou ficar por aqui pra me olharem como uma puta. Fiz e assumo como mãe. E ele vai assumir como pai. Se a gente se empolgou demais, vamos nos empolgar também com a criança.

— Isso é que vamos ver, considerou Tenório, menos azedo.

— Já estou vendo, pai!

Francisca retirou-se e chorava em convulsão, sabendo que não mais teria sua criança, que se ia pra Porto Alegre. Vendo, porém, que a filha se chegava nela, supitou as lágrimas, dizendo: é isso, filha, você vai pra Porto Alegre. Lá é teu lugar. Não vai te faltar nada!

Na casa de Sávio

Dias atrás, ao tocar o celular.

— Tu és pai!

— O quê?

—Tu és pai!

— Meu Deus!?

— Não! É tu mesmo!

Sávio se estremecia todo.

— Vou aí pra te ver!

— Não, quem vai aí sou eu!

— Você é um anjo, Laura.

— Se fosse, não seria mãe!

— Vou te sustentar!

— Com que dinheiro?

— Vou trabalhar! Podes crer no poder de meu braço!

— Pela parte mais de baixo já mostrou poder! É bom pensar assim!

— Vou casar contigo!

— Importa mais o que fazer com nosso filho.

— É isso, vou falar pra minha mãe. Ela vai me ajudar.

— Está na hora de dar uma de homem, Sávio. O pai é que deve resolver.

— Sei! Mas ela vai me ajudar a aliviar a barra. Se fui leviano, agora vou segurar as pontas.

Sávio tremia, o infinito se derramava todo de uma só vez. Sentiu-se onipotente, e nada o afastaria de sua decisão. Foi até a cozinha. Aurora pressentira o acontecido. Desconfiava, pelas falas do filho com Laura, o que estaria acontecendo. Apenas perguntara: *tiveram?* E pela resposta, *tivemos*, a mãe sabia de tudo. Eita raça sem controle!, até pensou. Agora vinha o filho naqueles passos assustados.

— Mãe, vou ser pai!

— E o que esta mãe aqui faz com esse pai?

— Abraça e depois a gente vê.

Entre o entusiasmo do pequeno pai e a grandeza dos feitos a realizar, mediam-se distâncias iguais às dos campos de Quaraí. Por fim, entre o cheiro de feijão queimado e a notícia, ditou-se um consenso. Ela poderia vir. Que mãe se aflige sem pai. Nada mudaria: estudar e trabalhar era de se pensar. Ele iria pra fronteira buscar Laura e pedir a bênção de Tenório.

— Isso tá fora de cogitação, mãe!

— Seria bom. Sogro ama ver genro gentil.

— É, não estou com moral pra dar de valentia.

— É bem isso. Vai pra sala, que teu pai vem chegando.

Sei lá como levar a efeito a reação de Robusto. Pedi pra minha mulher como o castelhano poderia reagir. Se ele já mostrou medo em perder os vínculos com o filho, não vai querer perder agora, respondeu.

Então vamos lá.

— Como vai, rapaz? Tua mãe pediu pra falar contigo!

— Não vou enrolar. Você vai ser avô!

— De quem?

— Do meu filho.

— Ponha levedura! Como vai lidar com isso?

— Quem vai sustentar a criança sou eu!

— Como?

— Vou trabalhar.

— E ela?

— Vem pra cá.

— Onde vão morar?

— Vou alugar uma kíti!

— Buenas, filho, não sei se te mato ou te abraço.

— Duas opções: deixar que eu cuide da criança ou que a órfã fique com o avô. Acho melhor a primeira. Não foi você que me ensinou de Martin Fierro, nos campos de Artigas?

Ninguém me pode tirar
Aquilo que Deus me deu.
O que ao mundo eu trouxe,
É isso que eu vou carregar.

Esse é o propósito dela e o meu. Se deixei a sorte entornada, meu pai, não vou deixar que a levedura azede. Sou jovem, preciso ainda de seu conselho. Meu estudo e o de Laura vão continuar, ainda que as horas sejam poucas. Em pouco tempo aprendi o que os anos me ensinariam. O que as bolas precipitaram, minha cabeça vai remediar.

— Assim te vejo melhor.

Minha mulher achou o diálogo um pouco ingênuo, mas Robusto sabia que, se viesse de paus e pedras, desrespeitaria o que propôs em Artigas. Tinha aprendido uma sabedoria como se fora um velho, repetindo: mas sabe el diablo por viejo que por diablo.

Valentias savianas

Conheci um menino que, por decisão da natureza, deveria morrer, entretanto, os seus construíam a vida por decisão própria. Tudo dizia que ele partiria, mas não. Estavam crentes na vida, como se a morte fosse negociável. Semelhantes aos cuidados sobre o menino foram os eventos de Sávio.

Só vendo pra crer! O rapaz não tinha uma deusa, nem a fé dos santos. Seriam os diálogos íntimos de um pai a revelarem um guerreiro no aparecimento de um filho? As coisas são como são, mas a fé, a solidariedade, a ciência e a paternidade, a pau e corda, fizeram dar um jeito nas coisas, que são como são. Sávio, por uma ou outra razão, descobriu motivos pra dizer que podia mais que a sorte inserida na história.

Tinha tudo pra andar por aí, assoando o nariz, inconsolado com sua sorte. Sávio, porém, contou com sua gente. Uma vez o pai saíra em sua busca, ensinando-o a caçar. As lições daquela noite, associadas ao poder do fogo, poderiam ajudar na hora de criar um filho e na valentia de proteger uma mulher? Tudo correspondeu à perplexidade de um jovem de dezoito anos. Além do mais, minha mulher pediu pra escrever uma história de amor. Se acaso Sávio se encolhesse pelos cantos a choramingar sobre seu azar, dizendo que merda, me escapou um pouco e deu uma criança, não vai dar pra dizer: mira cá mujer, un gaucho de gana!

Pero que si pero que nó, *vou ver de perto, ouvindo o próprio detentor das velocidades afetivas:* habla, Savito!

As palavras minimizaram a tragédia das dores que senti. Amo minha professora de português, Mercedes. Minha primeira e oculta paixão. Ela me ensinou a ver para além das conversas simples. Meu pai também me ensinou. *Mira, hombre, quando se dice de la nuven*

tenebrosa en alma, que se está muy malo, entonces se tiene ojos pa mirar mejor! Mercedes passou uma hora explorando um verso de Cecília:

De tanto olhar para longe, não vejo o que passa perto, meu peito é puro deserto. Subo monte, desço monte.

Olhem bem: era uma mulher ausente desse mundo, andando a gastar suas montanhas em buscar. O horizonte é que era sua morada. Chegamos a outros motivos além das dores de Cecília. Poeta sofre de graça. Os poetas, acho que são doentes, por terem dores gratuitas. Entretanto, por eles aprendi a ler nas entrelinhas. Mas não é só a isso que me refiro. É o caso aprendido nas falas de meu pai e nos horizontes de Mercedes.

Minha valentia aumentava na proporção do olhar, mostrando pra Laura, como se o insólito nada fosse. "Como vai lidar com isso?", estava mais prum grito que pruma questão. Mais que palavras, eu sentia a gravidade da resposta. Buenas, foi aí que entre medo e decisão me aprumei. Nasci outro. Senti que o medo pode tirar o cansaço. Me fez contraído e resoluto, quase herói. Nada mais que minha obrigação. Agora estou entendendo meu professor de filosofia: não é coisa pouca ter as virtudes de um homem, explicando Aristóteles.

Vamos adiante pra ver as nervosias de Laura. O vento do campo faz bem, mas não ameniza o futuro. Ninguém falava das despedidas da guria. Em lugar pobre ou pequeno, qualquer diferença incomum é motivo de sibilantes conversas. Ninguém vê nuvens com fios de açúcar. As línguas tecem tempestades.

Laura a loba dos pampas

Não havia ainda palavras adequadas pra expressar a desorientação de Laura. Estava de uma decisão oportuna, mas, como em tudo na vida, o entusiasmo nem sempre se acerta com as decisões. E milagre anda rareando. Não tenho muito tempo pra dar forma às exigências do momento.

Me sinto agitada enquanto os caminhos não se impõem à minha frente. Me encorajei pela fala de Sávio. Nada me garante ainda. Serão propósitos de um homem? Não serão apenas desejos de um garoto? A precipitação em que nos metemos faz lembrar o Titanic. Espero evitar montanhas de gelo pra não me ir ao fundo. Isto eu sonhei: um barquinho de nada me levava nas águas do Quaraí. Soluçava enquanto me dizia: fez merda, aguenta! Nem mesmo Sávio me salvava. Vi ele pequeno. Acordada me fortaleci; navego melhor que no sonho. Há uma criança em mim. Basta uma pequena alavanca pra subir no cavalo do destino incerto. A estância de Quaraí me deu um sistema familiar. Não poderei viver com ele de agora em diante. Não me basta a força de meu pai. Tenho o pulso de minha confiança. Esperança apenas em ter um homem. Deus me ouça pra me dar um que até agora só me deu valentias impensadas, ternuras e um filho.

Buenas, a estas alturas do meu campeonato, me vejo lembrar Obama. Não sou viciada em americanos, mas me agrada a fala dele na primeira posse: Deus nos chama a dar forma ao destino desconhecido. Lembrei também de Clarice Lispector em *Paixão segundo GH*. Terei que ter a coragem de usar um coração desprotegido e de ir falando para o nada e para o ninguém, assim como uma criança? E correr o risco de ser esmagada pelo acaso? Graças dou à minha professora de história

e de literatura e aos cantos de Violeta Parra. Terei gente do meu lado. É só atravessar a pampa. Os recursos disponíveis não são precários e não dá pra pensar nas expressões da dor existencial de Clarice. Há uma certeza: a dona Aurora e o seu Robusto não me deixarão empenhada com uma criança a ser criada, tampouco meus pais.

Mostrei o texto pra minha amada: deixe-me ver os próximos acontecimentos, falou incisiva. Quero ver um homem... Desconfiei de mim.

Pois bem, assim se sucederam os fatos preparatórios: dona Francisca foi a Artigas pra fazer enxoval das duas crianças: a que se ia tão cedo e a que chegava sem pedir licença. A largura de sentimentos se ampliava. No *free shop* da rua Ituzaingó, entrou em choro convulsivo. Ao comprar o perfume de Laura, pensou: não mais o sentiria, que as distâncias produzem vozes, mas tiram os cheiros. *Puta mierda,* tinha que ser assim? Romper tão cedo e de repente, murmurava, sentindo o sal das lágrimas. Mostraria com ardor as peças de mulher grávida, como se nada a afetasse. Clementina, como boa mãe, alertou: se mostrar tristeza, piora o lado de tua filha e quem sofre é a criança. Tá bem! tá bem! Bem que Deus podia ter suspendido um óvulo, só um!, reclamava ao retornar pela ponte da Concórdia. Sinto quase uma morte, suspirava.

Ao mostrar roupa por roupa, Laura sentiu que aí se retratava a figura em que se meteria, tão diferente de sua imagem. Vamos à luta, guria, que nesta história de meu corpo estou solita, pensava Laura. Entre o "obrigada, mãe", havia suspiros controlados.

Seu Tenório foi vendo aqueles tecidos... bonitos... bonitos. *Muy lindos,* repetia. O irmão mais velho também foi se achegando, solicitando o mesmo valor. Bom, filho, não vai ter dúvidas, mas que ao menos sejam em longas prestações. Espero que não reclame muito. Vamos acertar... Tudo a seu tempo.

Os dias de fevereiro vieram quentes, rápidas as horas, que o tempo não fica sentado. Tudo posto em duas malas bem cuidadas, novinhas e lindas, que o couro do Uruguai é bom, disse Tenório, ao mostrá-las. Por aqueles dias de coragem e luto oculto, tudo andava em controles e delicadezas. Uma leveza, entre dores, acentuava os ares da despedida.

Os esforços de Sávio: homem à vista

Tomara que não desapareça este jeito que eu estou tomando. Sabia que a gente muda. Meu professor de história dizia que os tempos costumam desmanchar as cidades e as pessoas. Minha dissolução de piá pra forma de pai que sou, é espantosa. No que vou dar não posso saber. As coisas se avolumam de uma maneira impressionante. Ontem levava uma vida de filhinho metido em zona de conforto. Agora dono de uma kíti e de um trabalho.

Vou, novamente, interferir na vida de meu protagonista. Ao perguntar pra minha esposa sobre a maneira de o rapaz se virar por conta própria, me sugeriu que facilitasse. Que eu não fosse tirar o sangue do rapaz só pra mostrar que um gaúcho sai de façanha em façanha, servindo de modelo a toda terra. Não faça vencer metido a Bento ou a Onofre Pires pra parecer herói bravo em busca de proteção de sua cria. Basta a fama do gaúcho, famoso por suas bravatas mal resolvidas. Pois veja, disse ela, qual foi o resultado da Revolução Farroupilha: a morte de farrapos, o bolso cheio dos caudilhos e em que pé ficou a república? E o que sobrou pra pobre gente? O império continua até hoje: um imperador que se elege de quatro em quatro anos! Concordei com a sua visão política, mas urgia ver o romance.

Aceitei o desafio. Apelei pra minha infância. Pois bem, meus dois irmãos mais velhos, Bento e Sílvio, me levaram pra pescar no potreiro do Serafim. Havia chovido, e os jundiás prometiam sair das tocas. Lancei meu anzol. Distraído, comecei a olhar as tesourinhas namorando sobre as cercas. Um grito de meu irmão me alertou: tua rolha está afundando,

guri. Imediatamente puxei, e, milagre!, um jundiazinho se revolvia todo sobre a grama. Orgulhoso, erguia a presa. Me considerei o pescador. Ano e pouco depois, já me considerando o tal, o Bento contou que fora ele quem fisgara o peixe, enquanto eu olhava para as cercas. Fui pescador pelas mãos de meu irmão. O ano todo que se passou me imprimiu a grandeza de pescador, mesmo que todos me dissessem o contrário: havia conquistado o prazer de ser pescador. Depois daquele peixe, pescado por favor, pesquei muitos deles sem o auxílio de ninguém. A mão do irmão já era desnecessária. Me havia constituído num pescador autônomo, ainda que pescador de riachos. Evoco a minha iniciação à pescaria para mostrar a semelhança com as conquistas de Sávio.

Por haver tomado a decisão de morar com Laura, foi à cata de um miniapartamento, dito por ele: minha kíti. Robusto, vendo a robustez da decisão de seu filho, sugeriu que falasse com o dono de uma construtora. Seu Eleutério, gente de deixar qualquer um à vontade, recebeu Sávio dias depois. Negociou o quarto, cozinha e sala numa boa. Sugeriu que alugasse, mas Sávio foi peremptório, bem à moda antiga. Não, seu Eleutério. Vou me virar pra pagar um lugar que seja meu. Sempre apreciei projetos de arquitetura. Aprendi a lidar em desenhos virtuais. Não vou ganhar muito trabalhando com o arquiteto Aquiles, mas acho que o suficiente pra comida e pra pagar a kíti. Sai mais caro que aluguel, mas estou no que é meu. Assim é que se fala, disse Eleutério. Na saída, Sávio agradeceu o valor do imóvel e as condições da compra.

No trabalho e na compra persistem semelhanças com a história de minha pescaria. Lá a mão do irmão, aqui a mão de Robusto. É claro, guardadas as devidas porções. Aqui, porém, o silêncio de Robusto. Por que tirar o poder dos outros?

Deixemos Sávio em sua autoexpressão. Pena que Quaraí seja tão longe. Ela apreciaria ver um homem nascer. Robusto percebendo *todo que se anunciaba en su hijo*, narrou-lhe um excerto da história do escritor Sarmiento em torno de seu personagem principal: Facundo. Pois esse gaúcho Facundo temia atravessar o caminho que se ia de São João a São Luiz, quando ainda persistia a barbárie do domínio espanhol. Havia, na estrada a ser percorrida, um temor popular de haver um tigre

apreciador de carne humana. Pois não é que Facundo, indo por essa travessia, ouviu o ronco do animal vindo em sua direção? Correu e, por ser a terra esturricada e de árvores pouco mais que arbustos, escolheu a maior, mal se pondo a salvo. O animal faminto ficou por longo tempo junto ao tronco. Fauces lambidas transformaram o medo em coragem em Facundo. Numa pequena distração da fera, Facundo lançou-se sobre ela e, com diversos golpes, feriu o bicho de morte com seu punhal campeiro. Assim ele se tornou conhecido como o tigre das planícies. Modéstia à parte, falou Sávio, me pareço um pouco com Facundo. Acabei com o medo de não conseguir resolver a situação em que me enfiei. Não matei um tigre. Matei o medo de não ser homem.

Quando falei de nossa kíti, ela perguntou se fora meu pai quem havia me ajudado. Fiquei puto da cara, mas achei de não responder. O desejo de alterar a voz era grande por me sentir ferido. Segurei no gogó as palavras pouco reverentes. Respondi: não, sou capaz pra tanto! Bem que ela sentiu o tom de minha insatisfação. O "desculpe, bem!", foi quase suficiente. Já sei que amar é deixar o outro pensar diferente. Eu, no caso, falei sem dizer tudo que pensava. A suavidade dela estava mais pra levezas e eu mais em leveduras, me pondo em alerta sobre a possibilidade de tudo azedar. Mil coisas poderia ela pensar ao se referir ao meu pai: que eu não daria conta da vida; que ele já havia nos perdoado; que não estaríamos solitos; que estava feliz por ter um sogro atento; que seu constrangimento poderia ser menor; que poderia encarar a vida sem medo, tendo uma famíla cuidadora... Aos poucos fui desfazendo o mal-estar, mesmo porque não podia perder tempo com ressentimentos. O estudo e o trabalho me serviriam. Provei que minha adolescência havia passado. Me irritava qualquer referência ao meu estado juvenil. Peguei minha mãe no flagra conversando, no telefone, com minha tia Francisca. Tão piá e dando uma de papai!, dizia ela. Saltei, gritando: pode parar por aí! Sou pai, e daí? Assumo e não sumo! Se fiz, tá bem feito. Me queriam menor que meu poder, era isso que não admitia. Depois minha mãe veio falar dizendo que me elogiava pra tia Francisca. Comecei, então, a me observar: não estava me perturbando com tanta responsabilidade! No resumo, avaliei: preferia os meus modos de ser aos de um piá sem destino. Tomei conta de mim: que nada faria me afastar de minhas decisões.

Anos mais tarde descobri o quanto meu pai entrou na história de meu trabalho e na compra de minha kíti. Aí nada me demovia de minha grandeza. Tinha meus vinte e oito bem feitos. Engenheiro bem qualificado e encaminhando a minha construtora. Pensam o quê?

Víboras no quintal

As pequenas comunidades enredam seus habitantes, ora protegendo, ora deixando-os aniquilados. Dividem-se entre a bondade e a maldade de ferinos comentários. Buenas, isso pra ver o que se ouvia e se via na casa de Francisca. A casa é sempre da mulher, pois que ela tem um carinho desde o assoalho até as paredes, cantos e gavetas. Ainda bem que as víboras estavam ao longe. Francisca mataria qualquer bicho peçonhento, que a maldade não entra em casa de quem ama. Ai da cobra! Aí, na dura sorte, mostrava-se a lucidez contra o desespero. As vizinhas, loucas por saberem do estranho movimento, entravam e saíam, como quem não quer nada com nada. Apenas ouviam: as malas novas são pra Laura, ela vai estudar em Porto Alegre. Lá, sim, é que se tem cursinho pra passar em qualquer vestibular. Despistar de línguas malevas é uma arte, dizia Tenório. *Putas que las pariran,* exclamava diante de tanta pergunta. Chegou a dizer, com raiva: minha filha se vai pra ser puta em Porto Alegre, que a vida de Quaraí tá uma merda. E gargalhava, disfarçando a razão.

Até o vigário, gente boa, chegou a fazer visita pra saber de tanta ligeireza com que se arrumavam coisas naquela casa.

— Nada, seu vigário, nada. Ela vai fazer um cursinho bem rápido, que é pra ver se sai desse lugar de gente linguaruda.

— É preciso cuidado, seu Tenório, que a vida de lá é uma ameaça às almas das moças daqui.

— Que nada, padre Jovino, não é preciso ir longe pra perder a alma. Basta ir até do outro lado do rio que já se sabe da putaria que por lá anda. Ela vai pra estudar. Estudo hoje é uma obrigação. Ninguém mais quer ser dona de casa e dependente do marido. E eu apoio minha filha.

— Falou, tá falado, seu Tenório. E a senhora, dona Francisca, com que coração vai ficar?

— Vai do jeito que a vida manda. E pelo visto é pra Porto Alegre que vai, mas tenho mais gente pra cuidar.

— Vou mesmo, padre Jovino. Peço a sua bênção, que os tempos são outros, falou Laura apontando na porta.

— Deus te abençoe. Seja ele bom pra quem obedece a lei divina.

— É isso que desejo, padre Jovino. Vou ver outro modo de Deus me mostrar a vida.

As despedidas religiosas foram essas, que padre Jovino se mandava pra Santo Ângelo por motivo de salvar sua alma, que uma fiel andava por demais em seu encalço.

— Segunda tu viajas, filha. Vamos dar em outras águas e em outras gentes. Pescaremos em outros rios, vendo outras águas, que as daqui já deram o que tinham que dar.

Era essa a necessidade de Tenório: as águas, mesmo sem peixe, conseguem distrair quando murmuram. Não enchem a paciência querendo saber das coisas. Aí até dá pra chorar, que as águas se misturam, resmungou pra dentro de si e se mandou pras barrancas.

Em Porto Alegre

O coração se dividia entre Quaraí e Porto Alegre. Se Laura fosse perder o tato, cessariam o rugoso, o liso e o áspero. Agora, pra ela, perdendo seu lugar, cessaria a proteção: de protegida passaria à protetora. Pensava: a vida se bifurca tantas vezes. E a bifurcação se constituía de maneira incisiva. Não tinha mais o que duvidar. Dissolvia-se um caminho deixando pegadas, vindo outro de boca aberta pra conversar sonoridades nunca ditas. Sabia: entre sustos se faz a vida. Há que se fazer com aquilo que vier. Engolir o pão era seu costume. Agora chegara a hora de engolir lágrimas com coragem. Não perderia, entretanto, de jeito nenhum, a alegria fazendo como os pardais. Buscam a vida entre pipios contentes no meio das areias. Iria encarar sem dramas até o irmão mais velho, mesmo que se lhe apertasse o peito. Estava desolado; mal havia conhecido a irmã e já não a veria mais. Assim se foi, jamais imaginando que, tão rapidamente, cessaria o cotidiano de Quaraí.

Uma viagem de expectativas. Em cada curva ou sacolejão, mais uma pergunta. Dormir junto, que coisa será? E do sogro, da sogra, e do cursinho, e da kíti, da vizinhança – que pobre pede por vizinhos –, da arrumação diária, das roupas, de seu corpo, do parto, do mar que vai ver, do bebê, da saudade, quem serei, em que me formarei, do jeito indomável dele, da irmã, do pai, da mãe, do rio, quem pescará com o pai, quem vai dizer "que lindo peixe, pai", do padre Jovino, do velho Alfredo, da curiosa Adele, quando voltar? Oba! que estrada mais esburacada, da madrinha, da páscoa sozinha, da kíti tão pequena, da nata, da vaquinha Pequena, do cachorro, das ovelhas? Oba! Um eito bom de asfalto: vou dormir. Mal se fez uma hora de cochilo a seguir, de pouca razão, uma lágrima e o fugidio pensamento: *bem que minha mãe falou pro pai – por entre a porta ouvi: puta merda, tão guria ainda e*

já mamãe! Sei que tudo vai bem e tu és um pai atento, também aceitou, ma que dói, dói. Será por que esta sensação de rasgar o peito? Os meus seios é que doem de pensar, por que, me dói toda, ou só eles têm saudade? Bem que o Santo Deus podia acudir na tentação. Pra que serve ele, apenas pra pedir e chorar? Minha oração terminou. Chega de pesar. Tomara que Porto Alegre chegue logo.

Estava tensa, não perdendo, contudo, o espírito alegre de campeira. Que cidade é essa? Se do primeiro encontro me deu um filho, o que me reserva de agora em diante? Sentia uma ternura compassiva por seu Sávio. Seus corpos clamavam até no *Face*. Madrugadas se fizeram em improvisos de amantes experientes. Sabedoria ancestral de amores. Entre mouros tanto doçura e sangue, como histórias dadas, vida tensa em escuras ondas em mar divisor de terras. Divergentes deuses consagravam homens que por nada se matavam, Allá - Teos em diferentes lados. Parecia ouvir versos semelhantes pela boca da professora Dinorá. Divagou mais por lembrar a professora; existem pessoas nascidas para a grandeza, no caso dela uma autoridade literária. Não havia quem não se encantasse pelas palavras, e todas as alunas aprimoravam o jeito de ver e amar, exceções feitas a dois rapazes brucutus, mais grossos que dedão destroncado, gente sem fineza, pouco mais que animais, perdidas a razão e a ternura. Um bando de infiéis, seres humanos mal postos. Isso é do passado, pensou. Mas se é do ser humano a contradição, Porto Alegre não vai trazer novidades contrárias ao mundo que tenho. Onde gente, aí o perigo. A questão é saber com quem se está lidando. Bem que diz a lenda, Deus deveria ter feito o coração fora do peito, aí escrito, em letras de fonte quarenta e oito, com quem a gente estaria lidando. Porto Alegre à vista! Um tremor atravessou-me o peito; meu destino de mulher está começando. A plácida campina não mais adejará a guria de Quaraí. Apenas a memória será meu espírito antigo. E tudo que viesse seria medido, por pouco tempo, nas configurações de antes. Aos poucos, outras palavras e outras ações darão sentido inovador de minha peregrinação. Serei devorada por Porto Alegre?

Ao mostrar a minha prosa, ela ficou decepcionada. Que é isso de uma garota dizer o que diz? Não existe semelhança com a realidade dos nossos alunos. Concordo, respondi. Laura é uma aluna de uma professora diferente. Gerou o que aí está. E depois, reafirmei minha posição: dois meses de gravidez fazem uma mulher de uma garota.

Pode ser, pode ser, respondeu-me. Acrescentou ainda: e não passou pela cabeça dela a possibilidade de vir a se perder por aqui? Nunca se sabe por completo de todas as armadilhas da vida. E se a família de Robusto viesse com desculpas, e se Sávio, por mais valente que pareça, fosse ver nela uma garota com expressões campeiras, tão distantes das falas da capital? O coração pode vacilar. E se viesse a dizer: desculpe, Laura, a nossa vida se precipitou, não vou deixar você na mão e coisas tais? E se Laura inventasse de se mostrar revoltada e não ir à luta por sentir-se diminuída? Ter um filho pode fazer uma heroína, alterquei. E se mandar a kíti e a segurança de Sávio às macegas? E se, ao contrário, Sávio, avesso às promessas, inventar de ser mordido pela grandeza? É, de fato, tudo pode acontecer. A proposta de um amor pode ter seus desvãos e suas misérias. A vida humana tem lá suas precariedades. Vejamos o que Sávio tem na algibeira!

Continuou Laura: trouxe um cartão pra gastar até dois mil reais. Até lá espero encontrar um emprego. Tem uma casa de joias. O dono é meu tio. Vou procurá-lo, que depender é pra criança ou pra velho sem autonomia.

Deixa pra lá, que o depois contém seu tempo. A rodoviária é aí.

Sávio, o responsável

Saiu da kíti todo ancho! Dona Aurora é o que tinha de cuidadora. Sabia de cor e salteado o quanto o amor diz respeito a uma casa. Os aprumos, as cores, as janelas, prateleiras e os cantos contam muito. Embora no total houvesse pouco, não importava. Estavam alinhados, merecendo contemplação. Os arranjos combinados. Havia leveza na disposição do necessário. A variação das formas e das cores não destoava. Robusto um dia falou: querida, você é que é uma arquiteta feita por Deus. Ela brincava: mas recebe tão pouco. A bem da verdade, ela recebia porque em cada trabalho realizado a última palavra era dela. Robusto destinava uma mesada robusta, pois entendia que os cuidados da casa merecem salários, já que o trabalho era mais que salgado.

A esta altura de meu escrito, Sávio reclamou: minha amada está chegando na rodoviária e você aí desviando o assunto. Tá bem, vamos lá. Te mande, então.

O pai emprestara o carro, avisando do cuidado necessário. Sei me cuidar, respondeu. Seu coração contradizia a serenidade. Deixou o carro no estacionamento, que nas ruas até pras bicicletas o espaço era restrito. Dirigiu-se ao box da Planalto. Enfim desenhou-se a mulher esperada. Operou-se uma transformação em três meses. Um sorriso confiante num corpo firme. Como se a eternidade andasse por segundos. A correria não deu espaço pra carinho.

— E essas malas?, perguntou o motorista.

Três malas uruguaias mal davam pra o início de vida. Postas ao lado, se abraçaram de vez. A ternura urgente não podia esperar.

— Vamos, bem, que aqui é um atropelo, Sávio orientou. Duas sacolas e as três malas... E onde pô-las?, pensou. Ora, pois, mala é feita pra carregar. E o que dirá sua princesa se não o fizer?

Deslizavam por entre as gentes.

— Ainda bem que o carro de meu pai é grande.

— Vim de mala e cuia, Sávio. E o tio? E a tia?

— Você quer dizer o sogro e a sogra? Desculpe, quase que atropelo a velha senhora.

Já iam longe pra ouvir o resmungo dolorido da senhora, arrastando duas malas e sobre elas duas sacolas. Ainda que sua musculatura não fosse tudo isso, não havia como amarelar, ainda que se lhe rebentassem as jugulares. Laura mostrava desenvoltura, dissimulando seus temores.

— É sempre assim, Sávio?

—Não querida é... cuidado!... É véspera de feriado.

O carro tomou o rumo da Independência, depois de atravessarem, entre suspiros, uma avenida. Ela se divertiu:

— Quem manda ter filho! Só assim pra me meter nesse barulho todo...

— A culpa foi minha. Eu que não fui cuidadoso.

— É, a vida tem disso... Às vezes se precipita, querido. E haja coração... Ainda bem que disso tenho de sobra, consolou-se Laura.

— .....

— .....

— Vamos nos dar bem. Amor, que não nos falte perdão, atenção e tudo que for necessário pra dois adolescentes mostrarem seu tamanho, como diz minha mãe, animou-se Sávio.

— E como vai a tia... a sogra? Será que me perdoou?

— Por que não? Está torcendo, louca pra saber que bichinho vai dar?

— Mais respeito com nosso bebê!

— Tá certo! É aqui.

— Bonita entrada! Deixa estacionar, que a nossa kíti tem garagem.

— Que bom, querido.

— Obrigada, meu homem. Se pôs em soluços.

— Que que é isso, Laura? Silêncio...

— Deixa eu chorar. Aqui é meu lugar. Você me deu este lugar. Agora calma, que minha criança vai achar que não te agrado...

— Contrário, bem. Ela sabe o que te vai no coração. Vamos subir, querida.

Momento indelével. Malas postas sobre o guarda-roupa. Todos podem pensar que o primeiro feito de Laura seria estreitar-se na cama e fazer um amor daqueles de se entretecem corpos sem divisão. Embolados lençóis, cobertas pelo chão. Sons guturais de uma ternura suada. Nada... Apenas olhares admirados na ordem harmoniosa do assoalho. Pouco de mdf insosso e restos de construções. Tudo posto na alegria de madeira velha, com jarras e objetos da tradição. Tudo que revelasse Quaraí e a pampa. Um banho reconfortante... Mais olhares devotos sobre cada metro. Aí, sim, a ternura sobrou nos dois. Beijos de agradecimento. Não mais o medo da gravidez... A certeza não continha sustos... A vida de graça... Anoitecia.

Minha esposa entrou de sola, dizendo que isso não se faz. Poderia muito bem incluir os gestuais de um amor vibrante, de esfolar e penetrar, como se ir mais fundo pudesse fundir os dois. Não foi tudo isso, respondi. Deixa assim que está bom. O amor silente pode contemplar imensidões. A bravura sexual nem sempre confere o melhor resultado, tentei me justificar.

O celular vibrou.

— Sim, mana!

— A mãe mandou avisar que a sopa está pronta.

Pode isso?, disse minha esposa, coisa mais provincial!

O que vou fazer se foi assim o sucedido? Não tenho culpa se a poética do espaço contou igual ao amor, e mais trivial ainda: concluído por uma sopa. Por muito pouco também se fazem os caminhos do Senhor, justifiquei.

Agnolini, sagu e creme

— Meu Deus, coisa mais prosaica! Só sopa e esta sobremesa, mãe?

— Só, mas experimente! Um pedaço de pão que seja merece gratidão.

— Que coisa de se reclamar do que é feito de graça, filho.

Uma onda de calor subiu ao rosto de Aurora.

Sempre me irritam comentários em torno do alimento. Dei razão aos sentimentos de Aurora. Afinal, o piá, sem um viço produtivo, se achando poderoso. Bem feito pro guri que se achava, tentando mostrar poder às custas da mãe.

Ainda bem que, em socorro de Aurora, veio a gentileza de Laura.

— Desculpe, senhora Aurora. Se ele soubesse o quanto amo sopa de agnolini, ele não falaria assim.

— Tá bem, foi mal, mãe!

— O que costumam comer, no dia a dia, em Quaraí?, perguntou Aurora.

— Comida simples... Feijão com arroz... Bife acebolado que a carne de Artigas é barata. Um churrasco quando papai mata um boizinho da granja. Aos domingos, massa, que também sai em conta. A farinha vem de contrabando da Argentina. Meu pai é amigo de seu cunhado Turíbio. Os dois adoram pescar. Quando vão pras lagoas de arroz, peixe não falta. Pão, é claro, pão e o queijo que também vem do Uruguai.

— Nossa, Laura!, exclamou Robusto. Uma fraternidade de povos.

— Com seu povo, senhor Robusto. Acho essa aproximação

fraterna nem tão fraterna assim. É por esperteza de vizinhos. Acho que se não fosse o seu Uruguai, os de Quaraí não andariam tão bem.

Ainda bem que a minha esposa entrou em ação ao ver a escrita. Sávio ficou mal na foto, bem. Ela vai pensar que Sávio é mal agradecido.

Bem, deixa terminar a janta de agnolini. Tudo aí parece estar contido. A delicadeza de Laura facilitou o clima. A sutileza em mostrar o impróprio de Sávio agradou à Aurora. O bem-estar criado revelava, para os pais, o filho em proteção. O respeito não é gratuito; se produz por um caráter leve. Se fez leveza semelhante a uma brisa em dia de ar pesado.

Ao saírem para o descanso, que chegar de Quaraí se assemelha a atravessar um deserto, Robusto pediu pra Laura:

— Envia ao seu pai um convite pra a próxima pescaria. Me telefone!

Sávio ainda brincou ao ouvido da mãe:

— Pensei que entre a sopa e o **sagu** houvesse mais alguma coisa.

— Estou pensando em te dizer uma **rima**, seu guloso. Riram os dois, que a paz é um bom negócio.

Andaram por ruas cheias de árvores.

— Que bonita uma cidade com ruas entrelaçadas de verdes, comemorou Laura.

— Ainda vamos morar numa rua assim, prometeu Sávio.

— Engraçado, parece impossível uma cidade tão grande ficar quieta.

É nessa hora inesperada que os males espiam; foi quando Laura divisou vultos em movimento por entre duas árvores, tendo a sensação nítida de ser vigiada.

— Bem, tem gente espiando.

— A disparada foi imediata. Ao passar pelos vultos, dois estampidos soaram na noite de Porto Alegre, um deles atingindo o vidro traseiro.

— Meu Deus, Sávio. Por pouco.

— Ainda bem que você viu, querida. Pela moleza que eu andava, poderíamos ser surpreendidos. Agora está tudo bem, já estamos chegando em casa. O vidro eu arrumo amanhã.

Silêncio foi o nome das duas horas seguintes. Sávio dormiu. A noite de ruídos e perigos tinha-lhe certa familiaridade. Diferentes as noites de Laura.

O peso de Quaraí desceu até seu bebê. A fantasia de campeira é uma coisa! Tudo se avolumava maior do que a lua nova despontando. Nada subsistia em sua alma. Saudade é um nome penetrante, mais contundente, os laços distantes da vó carinhosa. Para reforçá-los, os vultos e os estampidos... Um espinho cravou-se no peito de Laura, cheirando uma distância com flores ao longe. O plácido sono de Sávio contrastava com a devastação da alma de Laura. Vó, querida, me dê sustento, banha minha alma com água do rio. Vaquinha de Deus vem mugir no meu ouvido. Paie, segura a mão de tua filha. Manhe, me ajuda! Os estilhaços expulsaram as invocações. Mais se fazia a noite austera: uma bruxa voraz roubando a vida de sua criança. Dobrou-se protegendo a cria contra a perversidade dos fantasmas. Um soluço forte despertou Sávio.

— Por que está chorando, Laura?

— Por nada. Coisa de mulher!

— Não tenha medo de Porto Alegre. Eu é que bobiei. Gostei de tua capacidade de ver. Deita aqui no meu peito.

— Será que daremos conta de andar solitos?

— Sou quase um piá, mas os bandidos vão se ver comigo!

— Obrigada, querido, vou confiar em ti!

— É só isso que te faz chorar?

— Estou com muita, muita saudade.

— Amanhã vou instalar o *Skype*! Eu compro um *note*! Aí você trama o papo com toda Quaraí!

— Obrigada, bem!

A noite seguiu serena, como se Deus aí estivesse. Havia bem mais que um homem; nascia um ser de caráter. A mulher que se tinha por pequena tornou-se uma Judite campeira. Proteção amena e segura de um pai, consolo seguro, que da polícia pouco provinha.

Primeiros tijolos

Terça-feira de um dia de outono qualquer, mas não a quem inicia o cotidiano de uma vida a dois. Dividir um banheiro pra quem faz dele um espaço da melhor solidão — leitura, banho, higiene, exame de consciência, planejamento diário, humores em trânsito — pode representar perda de autonomia ou grande expressão de gentileza. Dois mimados pra arrumar uma cama: um sofrimento.

Dois pães pequenos, manteiga, leite, café foram a frugalidade em pessoa na primeira manhã.

— Olhe o leite pra mim, Sávio!

O primeiro olhar de Laura sobre a cidade despertando.

— Que achou?

— Muita pedra!

Um murmúrio nervoso, conversa da cidade grande. Romperam-se em Laura o azul e os verdes claros do horizonte. Consolo havia nas palavras de sua avó: de um campo seco pode nascer uma manada, guria. Podem vir peixe, leite e pão. Do jeito que se pôr a mão, tudo pode nascer. Aí Porto Alegre já brilhava no sol de outono. Do céu a vontade divina, de Porto Alegre, a minha. Vim livre e livre serei, ainda que entre tiroteios. Repente de uma alma boa e ingênua... não! Quaraí me tornou forte.

— Bem, vou na relojoaria de meu tio.

— Mas vai fazer o que junto do tio?

— Trabalho.

— Deixa eu aguentar o tirão até a criança nascer.

— Negativo, bem. Vai que me acostumo a viver da graça do marido. A última coisa que eu mereço.

— E o estudo?

— Vou fazer o vestibular de Letras no fim do ano na UFRGS.

— Pra ser professora?

— Falou, bem! E você vai ficar só no trabalho?

— Vou fazer um curso de Engenharia de Materiais, mas apenas como complemento de meu trabalho. Quero mesmo é ter minha construtora. Sei que é sonho, mas chego lá! Hoje vou arrumar o carro. Primeiro te levo pra onde teu tio trabalha.

Minha esposa avaliou de pouca atração e sem romantismo o início da união. É assim que você começa os encantos de um casamento?

Pedi desculpas, dizendo que sem trabalho não existe amor que se sustente. De fato, achei uma realidade quase trágica envolvendo os dois. Tiroteio, lágrimas, consolo e trabalho são temas de pouca ternura. Vamos, querida, ver no que vai dar esta família em formação. Pelo jeito promete pouco pra quem pensa na beleza de uma união sem rebuços. Tudo está tão racional, parecendo mais pra suor e lágrimas. Mais para a construção de um patrimônio de classe média. Em conclusão, brincou comigo: pensei que começariam uma vida da magia erótica com promessas de amor religioso. O que estou vendo é uma cidade selvagem e um casal escondido numa kíti opressiva. Os dois velozes trabalhadores em busca de uma vida sem apelo pra tesão. Uma criança sendo gerada por distração e movida ao acaso. Única certeza: atender a um sistema de produção e reprodução casual. Pobre gente. Escreva, então, um amor de nosso tamanho que está bem melhor que este início de um casal movido por um sucesso material. Em vez de um matrimônio perfeito está saindo um patrimônio perfeito.

Deixa estar, bem, respondi. Uma casa começa pela aridez de tijolos e cimento. Penso em salas e quartos dentro dos quais nascem sonhos.

— Tá bem!

Levou Laura.

— Obrigada, bem. Na volta tomo um *bus*, por favor. Não sei a hora de retornar.

Ao retornar, uma alegria exuberante a trazia. O tio Roberto havia pedido se sabia desenhar.

— Rabisco, tio.

— Então rabisca uma casa.

Rabiscou.

— Rabisca um anel bonito!

Rabiscou.

— Não é a perfeição. Não quer trabalhar comigo? Vou abrir um setor de joias. Quer?

— Não, tio, me sinto incapaz pra tanto.

— Veio só pra casar?

— Também estudar e trabalhar!

— Estou procurando uma menina interessada para um curso de desenhos em joias.

— Tio querido, lagarto faminto briga até com marimbondo. Posso também pensar em curso superior em Desenhos de Produtos. Troco assim meu curso de Letras por este. O que o senhor acha?

— Faz primeiro este que te falei, que é breve, deixando pro ano que vem o de graduação.

— Não quero assumir sem que o senhor saiba que estou grávida.

— Nada contra, muito pelo contrário. Mais uma razão pra trabalhar. Não é um trabalho que ponha em risco a mãe e a criança. Durante o período da amamentação pode realizar alguma atividade em casa. Fala com teu marido. Vou fazer um contrato no qual será sócia na área de joias. Isso se acaso, você assumir e mostrar competência nesta arte. Vamos devagar. As joias serão personalizadas. Se der certo, vamos prosseguir, senão partiremos pra outra.

— Não é muita responsabilidade?

— Não te preocupe. Não vou pôr em risco a relojoaria, que anda fraca. Desde que você manifestou interesse em vir a Porto Alegre a sua

mãe me falou que você se dava bem em desenho. Pensei, então, neste ramo. Vamos provocar a sorte juntos. Topa?

— É o que mais desejo.

Tomar ônibus é coisa prosaica. Laura sentiu-se em glória. Tinha em mãos um caminho. De fato, o horizonte foi feito pra gente caminhar. Sentada como uma rainha, reino cheio de prosperidade. As coisas profissionais se configuravam bem.

Velava de coração ardente sua criança e seu futuro. Saber lidar com as precipitações é uma arte cheia de adrenalina. Estava lidando bem. Agora tinha um companheiro que ainda lhe parecia uma promessa, mas prometia. Lidar com os eventos exige competência; lidar com pessoas exige sagacidade e amor; lidar com um casamento exige todas as virtudes juntas, falava o amigo padre Jovino no casamento da prima. A intimidade de um homem e uma mulher é como lidar com o infinito. Teria em tudo, desde os pratos até as palavras de Sávio como se aí estivesse Deus. Todo dia é um desafio pra gente não se perder. Laura sabia pelas aulas de religião que o infinito se resolve aí nas migalhas de um pão, nas conversas e nos desejos dos outros. Como também lhe falou a vó Evita: não pense, minha pequena, que momentos fáceis revelem o que é bom pra vida. Os piores garantem nossa confiança, guria. Então a gente sabe com quem contar. O amor, portanto, é pura consequência! E se vier o tempo feio, será que Sávio vai lidar bem?

Encontro e desencontro

Foi feita uma festa pela conquista de Laura junto ao tio Roberto, bem mais que sopa de agnolini. Era de se ver a alegria de Robusto Henrico e de Aurora. A conversa girou em torno de joias e das maravilhas que se diziam das antigas riquezas familiares na fronteira. Laura não pode dizer grandes coisas das raridades de sua casa. Apenas ouvia as velhas grandezas de Artigas e das fronteiras de cá. Valentina afastou a euforia:

— Não vi nada do que falam. Vai ver que os Jesuítas levaram.

Pronto, mixou o papo de glórias ancestrais. E novamente comezinhas conversas retornaram à mesa. Sávio não acrescentou grande coisa às conversas que minguavam. Havia notícias ocultas no silêncio do rapaz.

Laura sabia pela linguagem do corpo que algo se ocultava. Ao perguntar-lhe sobre o clima que se fazia em seu entorno, respondeu, de tez fechada:

— Nada de especial! O corpo jovem não se revelava comunicativo, sem desejos.

— Estou grávida, amor, mas isso não me deixa menos mulher.

— Sei, e voltou-se ao outro lado da cama.

— Não queria que fosse trabalhar, Sávio?

— Deixa pra lá. Vamos dormir. Acho até que você vai ser a provedora da casa.

— Onde está meu homem valente?

— Se perdeu aí na avenida.

— Bem, não gosto que fique assim.

— Como quer que fique?

— Feliz! E não se fechando como tatu-peludo em sua toca.

— Fique lá com seus tatus!

Fez-se um silêncio triste. Ao longe, a cidade ainda murmurava entre roncos. Laura aquietou-se, ao perceber a angústia no peito de seu homem. Não suportou a hora constrangedora.

— Escuta aqui, meu amor. Não vou te deixar em paz, porque isso não é paz. Pra mim é tormento.

— Então saiba que meu trabalho está uma droga! Desse jeito não fico nem a pau.

— Casar, acho que é isto também: dividir misérias.

— Não pra mim. Amanhã mesmo vou mandar o chefe à merda. Se é amigo de meu pai pouco importa. Ele cria um clima horrível. Achou que eu seria um Oscar Niemeyer. Falou ao grupo que meus desenhos estavam mais pra galinha ciscando. Não eram projetos de arquitetura. Respondi que não imitava, criava. Que não ficaria nesse assédio moral. Ele não esperava minha reação. Me chamou depois. Que aguardasse até hoje. Não desfaço do que fiz. Preparava um desenho menos formal da frente de um edifício, e isso fez dele uma arara de brabo.

— Espere pra hoje, bem. Se o teu ofício não for a tua melhor maneira de trabalhar, quem sabe seja outro. Ouvi, na despedida, teu pai falar de alguém pra vender quatro ou cinco imóveis feitos da criação dele. Quem sabe, em vez de desenhar, você venda o que já está pronto. Assim vai vendo o universo imobiliário. Não é você que quer realizar curso de Engenharia de Materiais no qual tudo transforma? Aí vem antes a prática que a gramática.

— Não é má ideia. Vou ver de perto um curso pra corretor. O que acha?

— Acho bom, ainda mais que tens um caminho aberto. Se teu pai, pelo que falou, não gosta de vender, por que o filho não pode ser o maior vendedor? Quem sabe um dia seja um expert em materiais de construção e novas arquiteturas sejam a novidade?

— Obrigado, agora estou mais leve. Bem que a ideia que tenho de ter uma construtora pode ser uma realidade.

A noite foi de um amor terno e agradecido.

Não só de pão vive o homem, *pero*

Sávio queria mostrar seu poder de indústria, no caso de produção. Foi falar com o pai, dizendo de sua vontade de vender os apartamentos dele.

— Pai, estou finalizando meu curso de corretor de imóveis.

— Ué, filho, cansou de desenhar?

— Não cansei, mas o patrão entendeu que sou fraco na coisa.

— Vamos ver, então.

— Tenho quatro, mas são pequenos.

— Podem ser o começo de um trabalhador.

— É preciso coragem.

— O que não me falta.

— Pode começar com um dos meus amigos de imobiliária.

— Gostaria de começar independente.

— Acha que dá, filho? Eu nunca tive esta coragem.

— Deixa eu ter, pai!

— Se não achar ruim que eu te ajude no início, podemos tentar.

— Não vou tentar, vou vender.

— Então, comecemos por uma pequena sala que tenho.

— É disso que preciso.

Quatro pães tinha o Senhor, e deles se alimentou a multidão. Foi este o sonho de Sávio. Ainda pela manhã se despediu de Laura, que, intrigada, notou uma euforia na despedida. A noite fora pequena e a kíti exígua para apreciar os ardores juvenis dos dois. Ele andara de rédeas soltas.

— Deus, falou Sávio, ao final dos elevados amores, é isso aí, se revela nos campos abertos, nas glórias passageiras de Salomão e nos lábios dos amantes. Cuidar da alma com gestos de suavidades e com o entrelaçar de corpos é o que precisa o Senhor. E devorava palavras que lhe vinham à boca. A alegria primeira do amor com perspectivas de ter o pão como legítima defesa é disso que careço. Meu pai, meu pai, não sou tão valente pra começar do nada. Ando na carona do Senhor e disso não tenho vergonha. Que me tenha Nossa Senhora; em tuas mãos entrego a sorte. Farei de ti, mulher amada, pequena garota, mãe ligeira, uma forma de ser a melhor de todas que já esperaram ser.

— *Adonde tiras eso, hombrecito?*

— De minha paixão.

Não é pertinente, mas não tem como não enfiar a cara no meio dos sonhos savianos. A realidade resiste às melhores intenções, principalmente na juventude. A liberdade do ser é frágil, pois nem sempre o caráter ou as circunstâncias são favoráveis. Lanças e varapaus são erguidos pelos sonhos do espírito, pois a intimidade guarda perigos antigos que se somam aos novos. E mostrar o poder pelo sucesso profissional é uma defesa cultural, entretanto, nem sempre de caminhos abertos. Tudo é obscuro porque o caminho é feito pela primeira vez e não existem nenhuma deusa e nenhum GPS pra dizer o caminho infalível. O amor de entrega e o esforço profissional são sempre incertos. Como é possível entregar algo que ainda é desordenado, inacabado, inconfiável se o amante mal sabe no que vai dar? Essa é angústia dos jovens e dos velhos, aqueles porque ainda não são e estes porque estão deixando de ser, a menos que se segurem em renovadas e seguras proposições, ainda que breves. O amor não existe como um achado de uma pedra; é um aprendizado, pois dividir é difícil, que tudo na vida tende a se preservar: existem as manhas das singularidades. O ideal será ter o outro como se dele fosse diariamente realizar uma boa reportagem. E como diz o Borges: enquanto não soubermos se as letras de nosso nome não estarão nos arquivos do Senhor, vamos ficar com as coisas mais simples: água, pão, um cântaro e algumas rosas. Pero hai que tener invención. *Não dá pra ficar aí sem criatividade. É bem isso: interpenetrar-se totalmente é a maior liberdade; chorar junto, olhar de boca aberta, sonhar com os mesmos fantasmas, bruxos e fadas, se*

decepcionar sem importar quem está no extremo da dualidade. Lembro de Hernandes con su Martin Fierro:

Junta experiência na vida
Quem a tem por passar
Entre sofrimento e pranto
Porque nada ensina tanto
Como sofrer e chorar.

Minha esposa leu e quase acabou com meu livro.

— Você está escrevendo um livro de filosofia do amor ou um romance? Isto está me parecendo tuas falas nos cursos de noivos.

— Está bem, acho que vou desistir. Acho que a velhice está me deixando pudorento.

— Isso que está me pedindo está mais pra Cinquenta tons de cinza.

— Por favor, não fique nesse voo quase religioso.

— Vou ver o que posso fazer.

Glória a Deus nas alturas

E pão às mulheres de boa vontade, de olho nos anjos das circunstâncias. Isso não faltou pra Laura.

Lá vem ela com seus primeiros desenhos. As paisagens rápidas de plátanos e de prédios não lhe retiram do corpo desejos de um amor perfeito. Sente o anúncio de um prazer esperto: excitação suave se expande pelo corpo. Os seios se avivam. Não perguntam pela hora própria; querem saber de razões tocantes. Desembarca sentindo o corpo mendicante. Deus do céu! Que coisa é essa de querer um homem... Entra na kíti e vai direto ao banho, a ver se afasta desejos de um corpo erotizado. Água fria em corpo quente distrai a natureza, pensava.

Entardecia, e Sávio sentiu-se satisfeito. Amarrou o contrato de compra e venda do menor dos apartamentos. A independência profissional daria um belo retorno. Conseguiu de seu pai um valor razoável sobre o qual poderia auferir bem mais. Assim acontecia. Retomou ao caminho de seu canto. Estava sendo o provedor.

Ao ouvir a água no banheiro, aproximou-se devagar. Pode vislumbrar pelo vidro o perfil de Laura. Foi tomado de ternura. Despiu-se. Abriu o vidro. A tarde foi feita de prazer. Mais que a água, o prazer dos corpos molhados tocando intimidades. A suavidade envolvia os dois. Toalhas limpas envolvendo corpos. Lençóis tendo o peso do amor em compasso terno e longo. Suspiros satisfeitos pela relação estreita: afeto em corpos serenados. O frenesi final de gemidos fundos, alegria cheia de graça com a presença do Senhor. Retratavam-se a infinitude hora e o melhor presente dos eternos reflexos. Imaginários divinos se configuravam entre o pensar e o prazer. Palavras contentes entre silêncios resolviam os acordes finais. Um vagar moloide enternecia o

descanso de um cochilo. Um homem e uma mulher se fizeram carne e o devido descanso. Mais que tudo, a fortaleza dos espíritos e do futuro se garantiam pela inserção de um trabalho que prometia um futuro dado pelas mãos.

Assim se fizeram os dias por alguns meses. Era tempo de nascer, que a vida não espera. Cobra cuidados e o zelo das criaturas sobre suas crias.

A vida se bifurca

As vagas de um lago são muitas, maiores são os caminhos possíveis a se desenharem entre um homem e uma mulher. Alguns são dados pela história, outros pela natureza, mais outros pela idade, a maioria pela singularidade dos momentos e dos olhos argutos. O vício dos olhos faz perder a realidade. Pode, assim, passar um cavalo encilhado que é visto como um mosquito. Isso ocorre em Memorial do convento *de Saramago. Pe. Gusmão fez se elevar aos céus uma passarola, um perfeito balão, feito de seu engenho. O que viam no ar: alguns devotos em procissão, o Espírito Santo; os amantes que se entregavam sobre o trigo louro, visões por causa do amor. De um ser humano podem ser ditas tantas coisas quantas são as divisões do tempo. O que dizer, então, de um casal que divide as chances em tantas quantas os olhos podem ver, daquelas ditas do que viram, do que podem fazer do que é visto e mais aquelas que surgem na constituição dos propósitos feitos. Cada segundo pode provocar uma multidão de chances.*

Então, dá pra imaginar o que pode acontecer uma vez nascido o Arturo? De cara mostrou-se de mamadas fortes e de um olhar perscrutador. Dizem que não tem disso. Eu afirmo que tem. Entonces, tudo se torna mais complicado. Se entre o cinzel do artista e a pedra surge o que deve ser feito, pode-se pensar da dificuldade que acontece entre a vontade dos pais e a resposta de uma criança e do que fazer nas próximas ações. Vamos aos fatos.

Do choro do indefeso menino surgiu um sentimento de proteção no casal. A emoção deixou-os perplexos por não saberem existir tão envolvente sentimento. A infinitude hora é essa em que a máxima fragilidade pede socorro, chamando os responsáveis para darem tudo de si, moderando as lágrimas, urge a hora da vida. A doçura e a certeza

se acercam com veemência, fazendo a racionalidade ficar nos chinelos. A magia devora os protetores. É esse o neomomento de ver o máximo, e cada um de forma diferente. Não é o mesmo o sentir do pai. Diferente o da mulher de peitos intumescidos. Ele apenas fica a olhar sem ação nenhuma, a não ser contemplar os dois que estão sob sua observação. Chegou a enfermeira mostrando à mãe a conduta adequada. Ele, desapropriado de qualquer noção, olhava apenas, confirmando como fazem os estúpidos: ah é, é! No corredor esperava a sogra com as últimas orientações: desde as mamadeiras, as fraldas e outros ingredientes necessários. A emoção era tocante, os dinheiros, curtos, mas, como pai, *hombre muy potente,* desdenhou qualquer auxílio. Afinal, se o pai fez, que assuma. Não faltariam olhares constantes sobre os cuidados ao bebê ou quais os feitos exigentes para honra e glória da família. Então, casamento é isto: uma instituição onde os instituídos não podem se dar ao luxo de olharem os seus de qualquer maneira. Bem que sentiu o quanto as emanações de si começavam a se afastar do eu para os outros. Mesmo nas vendas de imóveis aprendera, como neófito, serem os compradores sujeitos de seu respeito. Uns apenas viam em seu produto um objeto de negócio, mas a maioria via a casa e o lar que acolheria os corpos e as almas de seus habitantes. Aí, então, deveria descentrar-se completamente de si e ver os sonhos dos compradores. Também percebeu: se amasse o que vendia tendo um olhar compreensivo na direção dos desejos alheios, então, seu comprador seria um seu divulgador, cúmplice de sua profissão. A cumplicidade gratuita é que contava, pois, se assim não fosse, traria uma relação impessoal, o que para a amizade pouco ou nada conta. Ter um filho compreendia olhares descentrados dos desejos próprios. Estava em jogo não uma habitação, mas a vida em busca de habitação, e o único a garantir proteção era ele. Teria, como efeito de seu fazer, que carregar mamadeiras, bicos, fraldas, babador, um prazer de ser aquele a quem o menino pudesse confiar, então podendo dizer isso e aquilo pra que o guri fizesse, sabendo do pai com quem poderia contar. A autoridade brotaria da emoção, que é a primeira leitura dos inocentes. Feitas as bases, o seu olhar seria respeitado como o cinzel do artista, tendo na pedra o desenho de seu desejo.

E o que dizer de Laura? Seria a guardadora de um pequeno ser, e sua autoridade vinha de longe. Vinha do pai e da mãe, que imprimiram uma indelével carga de generosidade ao vê-la como um ser de elevadas considerações. O mínimo e o máximo gesto velavam um ser de prestígio. Seu olhar virtuoso criaria a mesma herança aprendida

em antigas lições. Os lagos têm peixes, pois que os puseram, dizia seu pai pra mostrar necessidade de operar pra ter. Ele, um agrônomo criado em Santa Maria, carregava instrução e sabedoria. A sua mãe nunca se arvorou de grandiosa. Lia por costume alguns versos castelhanos lanudos de orientações, entre eles também de Hernandes. Não era feita de grandes estudos, mas sabia perfilar-se com dignidade mesmo no susto da sua gravidez e a da filha. Ocultava o choro e mostrava um sorriso, ainda que triste. Vamos em frente, filha, que vai chegar um salvador. Se do casamento de Maria, sem intercurso, nasceu um filho, poderia da ligeireza da filha vir alguém de boa espécie. As duas riam de um riso tímido, sem saberem do futuro. Do jeito que fosse, iam as duas melhor que os estoicos. Vamos, filha, que Deus pode mais do que o diabo. Foi dizer isso como se o demo tivesse providenciado o rebento que vinha. Corrigiu na hora, que de um susto pode vir um bem de boa feição. Rápida, pra disfarçar a imprevidência da palavra, contava uma porção de fatos donde um começo perigoso acabava em resultado primoroso. Não precisa dissimular, mãe, falou Laura, sei que o troço foi sem temperança, mas vou te dar uma criança pra dizer: oh que coisa mais linda! Francisca era mulher bem medida. Apreciava as artes sem ser artista. Amava sem grandes suspiros. Tenório não podia reclamar da intimidade. Não praticava atos heroicos, entretanto, decisivos. A filha aprendera da mãe a dedicar-se inteiramente a quem dela se aproximasse. Sendo assim, Laura foi vendo quem buscasse seus desenhos de joias. O mesmo se dava com Sávio ao dedicar-se aos seus clientes. Podiam não comprar os apartamentos, saindo, porém, anchos de um pouco de glória. Ambos deixavam liberdade à clientela, não impondo qualquer tipo de jugo. A virtude de ambos poderia ser denominada de um espírito de sobriedade articulada ao cuidado. Cada dia mais, os dois profissionais viam resultados positivos em seus ofícios. Aqueles que não fechavam negócio indicavam os dois. Embora distantes, haviam sido marcados. Pode parecer muita volta pra chegar-se em Arturo. Pois bem, os dois se desvelavam conversando com tanta ternura como se dele proviesse um salvador. Cada dia se revelava um menino mais inteligente. Então, falavam preocupados por pais, que num repente, têm diante de si filhos deficientes. Merecem a glória de Deus os pais de afabilidade permanente em conduzir a educação dos filhos em condição humana precária. E o que dizer, então, de pais com filhos com câncer? A voz do cuidado diante de tanta dor, por vezes, afetava a preocupação do casal. Pois se firmou certa feita em Laura: quando um dia tiver mais tempo vou cuidar de dores feias.

As estranhezas

— Estou preocupada com o destino do teu livro.

— O que te assusta?

— O Sávio se parece mais a um vigário que a um dono de imobiliária.

— E ainda mais religioso vai ser. Espere pra ver.

— Quero só ver no que vai dar.

— Também quero.

A direção das almas provém da história, da inspiração e das decisões. Ambos decidiram, cada qual pondo sua mirada em horizontes profissionais, tendo o filho por primeiro.

No curso de Engenharia de Materiais, Sávio retirou um pensamento e um desejo de rever suas relações e delas um sentido mais denso, quase religioso. Não basta apenas um amor profissional e o de uma casa bem feita, falou, assustando Laura. Isso de ir e vir do trabalho e de nosso contrato de amor, por melhor que seja, não basta.

— O que te deu, homem?

— Bem, me escuta. Estou cansando de termos tão pouco em nossas vidas. Somos pequenos, mas podemos ser mais. Como vive tua família? Quaraí parece ter morrido. Teus pais suspiram por ti, nada de Laura retribuir. Como está minha gente no Uruguai? *Se muere mi vieja al campo e nadie pa verla*. Ficamos tão limitados que me sufoca estar somente assim.

— Ainda não te entendo.

— Veja, querida, se todos os materiais carregam possibilidades de toda ordem, por que nós não podemos ir além de nossas limitações? Veja esse fio de cobre. Pode ser um transmissor de energia, de sons, de cores, de ondas diversas, e tudo o que ainda não sabemos. No curso de Engenharia aprendi sobre nano e biotecnologia. O mundo é feito de possibilidades e relações. Quero ser um pouco mais que uma pedra, um cobre, um átomo ou o que quer que seja. Quero apenas ser mais contigo me unindo melhor aos meus e aos teus parentes.

— Confesso que estou assustada, mas vou até onde posso ir.

Não saiu gratuitamente esse desejo surpreendente de Sávio. Laura foi ter com a sogra. Acabou tendo Robusto que chamar o filho.

— O que é isso de deixar teu trabalho, Sávio?

— Quem disse que vou fazer isso?

— Pelo pavor de Laura, dá pra deduzir.

— Nada disso. Até posso aproveitar pra mostrar aos arrozeiros de Quaraí os imóveis de Porto Alegre. O que penso, e disso ninguém me demove: estou de andar restrito e de alma pequena. Não sei o que me deu, e não me parece mau rever minhas relações e as de Laura com nossa gente e a gente dela. Quero, em primeiro lugar, ter com minha bisavó.

Neste momento Sávio sentiu uma reação estranha em seu pai.

— Por que agora este desejo de ver tua bisavó?

— Mais que conhecer minha história, quero ampliar minha vida na extensão de suas origens.

— Estou estranhando. Tão jovem tens esta vontade de conhecer parentes. Isso é pra velho antes de morrer.

— Talvez seja esta peregrina alma espanhola que veio de repente me possuir.

— *Buenas, que asi sea!*, falou, decepcionado, Robusto.

Laura, por causa desse surto afetivo de Sávio, produziu o sonho de joias pras ricas mulheres de Quaraí. Ela sabia, também, de Artigas: ricos arrozeiros gaúchos se instalavam por lá, produzindo riquezas. Muito esperta: as possibilidades de mostrar os seus desenhos inovadores às novas ricas do Uruguai começaram a coçar-lhe as mãos. O tio Roberto estimulou-a no dia seguinte: sabe que não é má ideia? Aproveita a

onda parentesca do marido e faça um novo vínculo profissional. Nela se gerou um mal-estar por ver o marido se distanciando de seu ofício de mercador de casas. Dúvidas esguias começaram a se introduzir. E quem protegeria a casa? Quais as razões subjacentes nessa mudança de conduta? Algum transtorno mental? Esse desejo súbito anunciava alguma insatisfação em relação a ela? Mas se a causa se referisse a ela, por que a atração mais densa a ela e à sua família? E mais esta agora: querer conhecer sua bisavó no interior de Artigas. O que pode trazer de novo uma velha dentro dos cem?

Percebendo ou não a resistência dela, convidou:

— Querida, vamos junto até minha bisavó?

— Campo por campo, fico com minha mãe em Quaraí.

— *Entonces, vamonos*, reze pra que encontre viva a velha Josefina.

— Vá solito, que fico primeiro em Quaraí, mas não demore.

— Então é isso! Veja que também tua gente está louca pra conhecer nosso garotinho.

— Santa Maria, que pressa é essa que te pegou?

— Mais tarde talvez explique ainda melhor, querida. Ninguém sabe dos voos de nós mesmos. Prometo não me desproteger de meus negócios.

— Assim se foram, ela levando as recomendações de tio Roberto: o arroz deu bem pras bandas de Quaraí. Mostre tua coleção de desenhos. Estão uma raridade esses anéis.

Uma viagem e tanto, eu pensando em dinheiro e ele em amor familiar, ria-se Laura das diferenças.

O encontro no campo foi regado a vinhos e champanhe. Arturo foi a maior alegria. O menino era de uma esperteza singular.

Pois bem, o encontro durou um dia somente. Sávio tinha pressa de atravessar o rio. Parecendo ter uma missão salvadora, partiu dia seguinte.

Pressa em saber

Estrada afora, possuído de uma intenção. Sabia do tio Turíbio onde fora caçar. Chegou, abraçou e perguntou:

— Gostaria de começar vendo minha bisavó.

— *Tu bisabuela* anda mal das pernas, *como usteds dicen. Está queda como un pajarito tonto. Pero digame de tu gente de Porto Alegre?!*

— Tudo em paz. Estão todos bem. Agora pode me dizer por onde devo ir pra ver minha bisavó?

Apareceu o primo Alejandro com um garotinho.

— *Muy querido primo, como te vás?*

— Bem. Estou muito bem, mas hoje vim pra conhecer minha bisavó.

— *Llegaste en buena hora. Madrecita se va malo. Muy bien, no puedo irme com usted.*

— *Calma, hombre. Me voy contigo. E por que tanta prisa?,* interveio Turíbio

— *Me gustaria mucho hablar con ella.* Por favor, tio Turíbio.

— *Que te lleva a tanto?*

— *Amor y verguenza de no conocerla.*

— *Que te vaya bien primo querido, adiós.*

— *Vamonos, entonces, Sávio!,* agitou-se Turíbio.

E lá se foram tio e sobrinho. A seca crestava os campos. Uma poeira semeava vermelhões sobre as cercas. As tesourinhas alargavam suas tesouras, espantadas pelo zás do carro.

— *Va despassito!*

— Desculpe, tio.

Um grupo de crianças ficou tapada de poeira, xingando o motorista.

— *Aca, hombre, se vive tu Josefina.*

Como uma fonte brotou a poesia de Raniel Henrique:

Neste instante dentro
dos meus olhos cresce
aquilo que no oriente
há de florescer.

Um cusco magro anunciou a visita. Magro que um fio, *pero valiente*.

Uma velha que mal se segurava mostrou-se inteira, ocupando pequena parte da estreita entrada da casa.

— *Cá tienes tu granavuela!, Sávio. Madrecita! Soy Turíbio, tu nieto!*

— *E vienes aca mirar como se muere uma vieja!?,* rindo-se a bandeiras com boca ao vento.

— *Esto és su bisnieto Sávio, hijo de Robusto*.

— *Que lindo, el que se fué al Brasil y no se volvió más? Donde está Robusto? Diga a el, Sávio, que stoy muriendo de dor por no mirar su figura.*

— *Proprio, madrecita. Tenga mi palabra!*

Os estranhos olhares entre a avó e Turíbio se revelavam nítidos.

— *Entramonos en mi casita!*

Aliás, nem tão pequena, mas de varandas largas onde se esparramavam folhas de amendoeiras e plátanos. Os tons marrom e vermelho induziam a sentimentos de saudades escondidas na balaustrada.

— *Perdón, me voy a volver a mi casa,* falou Turíbio.

— *Me voi a llevar el tio, después volveré, se puedo.*

— *Como quieras, hombrecito. Vienga con prisa, me gustaria por demás hablarle, querido!*

Sávio já estava meio sem jeito diante do que andava sem resposta, aliviando-se ao dar carona ao tio. Poderia perguntar o que se passava. Este, em rápidas palavras: ela fala uma mistura de português com castelhano. Também descobriu por Turíbio que a velha senhora havia se casado com um brasileiro, um mulato, com o qual viveu alguns anos. Um traficante de gado. Foi uma tragédia. Depois em outra união se firmou com um uruguaio *muy bueno, mio abuelo. El gran Ramón de Pájaros y Artigas!*

— Tudo bem, mas tem coisa no ar, tio.

— *Creo que ella podra decirte.*

Deixando o tio em sua casa, Sávio retomou o caminho de Josefina, que o recebeu cheia de afetos.

— *Como es possible que tengas vindo a me ver, querido, si toos los otros solamente llegam pra preguntar: como te vás mamita? Unos cujones de pequeño coraçon!*

— Vou direto ao assunto, bisa. Venho pra ouvir tua história e ter a senhora como minha estrela. Meu pai guarda silêncio triste quando toco no assunto de sua família.

— *Minha estrella se quedó, querido. Soy, como dicen usteds, uma pedra perdida no campo . Menos... un musguito em la piedra.*

— Não quer voltar comigo a Porto Alegre, madrecita?

— *Loco, hombrecito. Voy asustar a toos los vivientes.*

— *No es verdad! Mi padre recuerda de usted!*

— *Otro muy loco, mi nieto Robusto Enrico. Estoy cansada de mis fantasmas. Son muy cansativos e también muy desoladores.*

— Vamos ver os vivos, que os fantasmas são tristes...

— *Escuchame y le conto mi história... busca unas lenhas pra hacer el fuego.*

— *Muy bien!* Vou caçar uma perdiz pra gente comer.

— *No tengo arma y tampoco arapuca.*

— Tio Turíbio me emprestou a sua garrucha, que está no carro.

— *Vate, yo cuido del resto.*

Três perdizes mortas no pio foi o prato do almoço. Depois veio aquela desejada conversa. Primeiro floresceu minha palavra de guri, ao se esclarecer com Josefina. Uma sorte ter o que tive.

Um merecimento

Minha mulher falou: deixa de lado as partes em espanhol deste capítulo.
Ela entendeu que a esta fala interrompe a narrativa.
Achei por bem manter o texto sublinhado para o leitor decidir ler ou não.

A vida caiu em meu colo; não posso retirá-la sem perder o principal. Não terei outra vez a imensidão que tenho: uma luz e energia no fluxo da imensidão como se fora um produto imperecível. Não sou o mesmo por ter o maior mérito que alguém possa ter. Quase cem anos de uma história sagrada. Circunvizinho com o poder do fio desses anos se enrolando em mim. Não serei mais o mesmo. Que me perdoe Jesus, mas esta tem muito de uma ventura feita de intimidade, tão salvadora como se me houvessem feito uma transfusão de espírito. Ao povoar minha mente, meu corpo se fez de uma carne feliz. Pode não ser muito minha narrativa, muito menos diz do efeito existente em mim. Sou tanto quanto um ser feito da nanotecnologia. Uma multiplicação de possibilidades pela graciosidade de quem está disponível a reconhecer e saber do infinito anunciando revelações. Sou um revelado pela existência de minha bisavó. Uma graça se entornou sobre o silêncio do campo. Nem as raízes das capoeiras me são gratuitas depois que ela falou:

— *El primero, hombre brasileño, venio pa fugarse de las charqueadas y se entretenió con el gado, haciendo chibo*[1] *con sus patriotas. Yo vivia de sustos y de lágrimas. Las noches llenas de medo. Los dias cargados de sorpresas e yó solita como uma paloma, pobrecita. Bien que mi madre me dice, no te vás con los hombres del campo, no te vas con los gaúchos extraviados. La vida és muy peligrosa en la tonteria de robar al gobierno. Asi vivimos algunos años. Sufri como sufre una mujer sin protección. Sufri mucho con mis dos chicas. La casa como yó sufrimos con la muerte. Hombrecito Sávio, le digo que la muerte de una hija es más triste que la muerte de Diós. Entonces que decir de duas filhas. Lloré hasta no tener una lágrima. Si Diós quer la muerte que me*

[1] contrabando

tuviesse a mi. No tuvo mas deseo de um hijo. El brasileño pedió que tentasse a tener: fué voluntariosa y dice, nó! El se quedo muy estranho. Después supe que tenia hijos con otras. Asi no más no lo permiti que se llegasse en mi. Se fué para siempre.

A velha senhora já cansava; seus olhos, porém, começaram a brilhar ao retomar a palavra.

— *Se tuvo otcho años de abandono, pero veniram otros tan buenos como se Diós venisse solamente para mi. Por la gracia de la vida, venio um hombre a mi casa. Su nombre: Ramón José Pájaros Artigas: trisneto del gran José Gervásio Artigas.*

— Que lindo, madrecita!

— *Se me encanta hablar! Mi alma está como una nuvem con água. Me reserva derramar. Con el, Ramón amável, conoci la bondad y el amor. Mi vida se creció como la suavidad en la maniana. Uma brisa sobre los espinos. Como un nido de pájaros se hice mi casa! Ai que dias de novedad, suspiros de alegria en el pecho. Se fueram cincuenta años de uma querência llena de Diós. E asi la gratia divina me Dio una mujer, la querida Violeta y más dos hombres, Rufo y Rufino, esto el padre de tu padre. Conoci muchas estradas e hogares lindos. Árboles altas de Montevideo y los campos de los gauchos. Mis ojos compreendieran la hermosa tierra em toas las direciones. Campesinos e ciudadanos. La vida de la ciudad y de toas las pequeñas colônias. No puede tenerse una alegria maior que se ver los hijos haciendo nuevas casas e sus hijos veniendo como avesitas. Ramón se extremava de amores, cada dia se nascia una novedad como una magia. Asi era mi hombre. Hace doce años se fué sin sufrimiento. Desde entonces estoy com mis memórias. Se me queda la sombra del passado.*

— *Madrecita Josefina, no quieres salir comigo e se ir a Porto Alegre.*

— *Como me voy hasta lá. Con mi coerpo de fantasma y mi alma dolorosa?*

— Não fale assim, por favor, *tendrás personas llenas de amor.*

— *Y toos como usted?*

— *Mejores. Su nieto Robusto abrirá la boca para decirle bondads y mi hijo cantará versos a sua gran abuela. Mi mujer te estranhará, pero su alma también és buena.*

Abriu uma caixa e se pôs a mostrar as suas fotos.

— *Mira cá hombre, mis dos hijos. Cá tu vês, tu abuelo Rufino y a su lado Rufo. Outra hora te hablo destes hombres impecables. Dos campesinos de esplendor. Conociran mujeres lindas, amaran! No temian trabajo alguno. Mira mi Ramón. Que te parece?*

Não controlei minha emoção por ver os tios-avós. Me olhavam, esperando tanto tempo por meu olhar. Ramón traduzia um riso largo, como se a morte nunca o fosse surpreender. Ao fundo, árvores altas. Minha bisavó, uma linda mulher. O tempo não tem dó de ninguém. Daquela figura elegante de mulher que me contemplava sobrara uma sombra. Ainda bem que a ternura não se afastara.

— *Que me dices?*

— *Solamente me basta esto pra le decir madrecita que tengo em mi los cinco.* Um pecado não têlos conhecido quando viviam. Olha que linda menina está aqui!

— *Violeta, hija que no tendrá más otra igual en Artigas. Se casó com un hombre que no valia una bosta de vacum, el mísero Gordón! Una passión doentia se metió en el coraçõn de la pobrecita. Ella tuve una hija que tambíen se perdió. Su marido, el mísero Gordón, se le assessinaran. Entonces, de disgusto se murió mi Violeta. Mi llanto se derramó más de quando perdi mis chicas de muchos años de memória. Tu padre lloró también. Pero hai deudas de too. Lo hijos de Rufino, Turíbio y Robusto, tu padre, sobrinos de Violeta se tomaram de dolores. Pero no lo posso decir. Creo que con la rabia de los dos se mato el mísero Gordón. No me gustó que se la sacaran la vida. Ninguna persona acusó nadie, pero los dos se les hinchaban de rabia a mirar el Gordón. Toos se alegraran con la muerte del chancho. Deja, que la muerte del diablo no vale su memória. Los otros dos buenos e calmos trabajaram com fuerça, Rufo y Rufino, buenos, todavia no se quedaram anchos como el padre Ramón. Se me duelen las mujeres de mi vientre que lejanas se van. Y ahora tengo hombres muertos que me velan. Bien me hacen los que viven cerca de mi y usted que me vien de Porto Alegre. Un milagro.*

Abracei-a com tanta ternura, como se pudesse retirar a morte implantada no seu peito magro.

— Espero, por favor, te levar comigo.

— *Acepto la oferta, que estar sola me deja pesarosa y mis*

fuerzas se quedaran lejano. Diós me conceda el perdon y la gratia de amar sin paredon en el pecho.

Anoitecia, e não compreendera a extensão de suas palavras. Entre labaredas, ela me narrava de seu Ramón e de outras histórias.

— *Escucha que te hablo con razón: Ramón, mi marido, hablava mucho de su José Gervásio Artigas, nuestro primero autor de la independência y tu parente lejano. También ello se fuera ladron de gaderia. Después se invitaram a el a ser de la gendarmeria. Acá como en Brasil, políticos, policia y ladrones no se diferencian com facilidad. Y és asi que de ladrón passo a policia e se puso entonces a prender a toos sus companeros de contrabando. Pero el tenia una alma querida. Se le dolia mirar los pobrecitos. Hacia que prendia y no prendia. Y se veniam muchos de Brasil: nigros veniam como ratones. Pobre gente esclava. Veniam los índios de las missiones. Deseavan la libertad. Los portugueses se exibian muy malevos. No les gustava la libertad. Miravam para nuestras bandas orientales de ojo grande. Deseavan tener nuestras tierras, asi como los argentinos y los espanholes, tiranos de siempre, hicieran de too pa no consentir la libertad nacional. Esso era por los años 1814. Cien años después fue el año de mi navidad.*

— *Diós, que vida, madrecita!*

— *Buena e mucha, que te parece?*

— *Asi píenso también!*

— *José Gervásio Artigas començó a intentar la libertad de toa población. Se peleó como loco de armas blancas y madera, pero de braços cargados de voluntad. Un guerrero se fué José Gervásio. Asi en cortos años nasció el sonho de la independência. Se nos assustaban los espanholes, los brasileños y los argentinos. Todos miravan gananciosos pa nuestra pátria. Se peleava mucho y se firmó la Idea justa de nuestra pátria. En toas las cañadas, y en toos los cerros se tenia la nueva bandera. Viva Uruguai, viva Montivedeo se gritaba en voces muy anchas. También ai que decir que Gervasio no se fuera un santo. Tenia muchas mujeres. Muchos hijos se le nascian. De esa tonteria sexual vertio mi querido Ramón. Que hombre, que hombre! La proteccion, el amor muy ancho se le cargava en su pecho.*

— *Digame, Josefina, por que Artigas se bandeó al Paraguai.*

— *Es asi, después de tener la victória contra los espanholes*

en 1816 y dada como cierta la indepencia de nuestra nación se quedo triste por mirar la ganância política, entoces se retiró al Paraguai. Pero también no comprendo toda la razón de el vivir y se murir como pobre en el interior de Paraguai. Todavia, la poblacion tiene por el como el mayor de nuestra pátria. Tu tienes la sangre de ello, hombrecito!

Depois dessas palavras olhou-me com um sorriso maroto, dizendo:

Se me miras y me vês asi tan pobrecita, no te engañes de mi sangre. Tambien lo tengo bueno. Este cuerpo antigo tiene toas novidads!

Ela arrumou uma enxerga dura, e a noite me foi suave como pluma. Nenhum sonho, pois os tive suficientes durante o dia. Um sol quente me despertou. *Mi madrecita mirava el campo*. Olhei-a, fingindo dormir. Um fio humano coberto de um vestido leve. Me comovi por vê-la: uma história insólita guardada pra mim.

— *Buenos dias, madrecita!*

— *Buenos! No te cansas de dormir, hombrecito mio?*

— Já cansei.

— *Toma tu café!*

Um pão seco e um leitinho foi o que chamou de café.

— *Entonces, vamonos a Quaraí.*

— *Vamonos, pero dejame poner la casa bien. Despues quedamonos um minuto con Turíbio. Que venga cuidar de mi vaquinha.*

— *Voi a telefonar,* falei.

Os dias carregam espantos. O meu é que era. Disquei pra Laura.

Oi, bem!, ela disse

Oi, amor! Quanto de amor?

Mais do que você pensa. A quem vem isso?

Estou levando comigo a bisavó!

Tempestades se formavam.

A velha?

Queria que minha bisavó fosse uma guria?!

E ela aguenta a viagem até Quaraí?

Você vai gostar dela!

Quero ver pra crer!

Seja amável com a avó de teu sogro, querida, assim como teu sogro foi amável em tua gravidez.

Vai ver que fiquei grávida de algum espírito. Você está apelando.

Desculpe, é que prometi de levá-la.

Sem me consultar.

Imaginei tua resposta!

Pior ainda por saber que estaria contra. Entregue ela aos cuidados do neto Turíbio.

Vi que a relação deles não é das melhores.

E você virou uma Teresa de Calcutá?

Que faço, se é o que sinto.

Deixe a velha no seu canto.

Isso é certo!, não vou fazer. Vou telefonar pro meu pai e minha mãe a ver se podem tê-la em Porto Alegre.

Aí é outro papo. Se ele quiser ficar com a velha é outra história. Até prometo dar uma carona. E ela vai guentar uma viagem desta distância?

Agradeço tua bondade. Tchau!

Senti ironia e medo em minhas próprias palavras. Isso que ela não vira o fio de velhice que sobrava em Josefina.

— *Que habló tu mujer Laura?*

— Que nos espera!

— *Con piedras en las manos?*

— *Ny tanto.*

— *Te lo digo solamente, quiero ver Robusto. Tengo una preocupación a pensar con el. Espero volver breve a mi casa.*

— *Calma, madrecita.*

— *Vamonos!* resmungou Josefina, enquanto seu rosto mostrava tensão.

Eu não conseguia abrir o jogo. Queria me aliviar da tempestade a se fazer por não ter falado com Laura. Se falasse, não aceitaria. Assim, preferia que se surpreendesse e tastaviasse, a negar a ida de madrecita.

Perplexidades

Fomos até a casa de Turíbio. Receberam-nos molemente. Desaparecera aquele ar festivo de anos anteriores. Impressão nítida: o tempo é faminto. Devora até amores de família. Engole o bem e o mal com a mesma voracidade. *És un cementério de casas e costumbres. Me quedei muy* triste. Queria ver mais que todos os horizontes passados e os que hão de vir, afinal, a velha tinha ilustrações e verdades na bruaca dos seus cem anos. Queria ver tudo e não deixaria a senhora quieta enquanto não se mostrasse toda. Não deixaria o tempo fazer seus estropícios todos. Apenas vi uma expressão: todos assombrados de a velha senhora partir comigo. Novamente os olhares se dirigiam estranhos. Não havia dúvidas: vemos tudo pela metade, quase como a lua. Apenas uma face se revela. Aí andavam fantasmas. Pra mim apenas meu coração dizia: não podes deixar uma velha perdida no campo, uma preciosidade, um sangue de onde eu vinha também. *Ma vero, como un baúco*[2], dizia nossa vizinha, italiana vinda de Flores da Cunha. Assim começava a me sentir. Bem aí comecei a desenvolver minha perplexidade. O que moveu meu pai? O que mais se ocultava no maldoso Gordón? Quem seria Violeta? E a sua filha, onde andaria? E a velha centenária que eu levava seria mais que uma velha carregada de tristezas e lutas? Santo Deus, o que se esconde numa família?

Despedidas rápidas e constrangidas por não saber o que dizer diante de olhares sem lucidez. Depois, o alívio da estrada. Acho que me sentia como Deus: sem saber no que daria suas invenções, pois, se soubesse, não chegaria ao ponto de afogar seu povo. Eu me sentia sem arca alguma, carregando uma velha. Pra onde iria minha solidariedade? Descobri o possível nos materiais e agora sequer sabia o que fazer com

[2] Um verdadeiro bobo

minha bisavó. Me sentia um garoto tentando salvar cristais em queda precipitada.

Ao atravessar a ponte entre Artigas e Quaraí – a Concórdia de minha infância, onde me imaginava mais do que era: sonhos de criança –, mais se agravava minha situação. A pobre da velha se pôs como um novelo de lã em meu ombro e soluçava. Lembrei de meu professor de literatura, o qual amava os escritos de Borges. Apreciava *O livro dos seres imaginários* e achava muito engraçado Squonk, o excêntrico animal da Pensilvânia que produzia um grande sentimento de pesar por traduzir toda a tristeza humana. O texto era mais ou menos assim: *O animalzinho é muito retraído e geralmente viaja na hora do crepúsculo... é o mais infeliz dos animais. É fácil seguir-lhe os rastros, porque chora continuamente e deixa uma trilha de lágrimas. Quando é encurralado e não pode fugir, ou quando o surpreendem e o assustam, dissolve-se em lágrimas...* Assim pensava enquanto os soluços me assolavam. Chegou-se ainda mais em mim, buscando proteção. O que fazer com uma velha desesperada? Pois bem, parei no acostamento e a senti, ao abraçá-la, também um animalzinho feito de levezas. Mas o momento estava pra levedo, e me constrangia demais minha impotência.

— No te mates asi, querida!

— Te tengo a ti, pero se me perdi toa!

— No es verdad. No te negues la novedad, madrecita. Mire que se te duele el passado, tiendrás más con el que viendrá!

— Todavia mi tiempo es breve.

— Nadie sabe su extension y anchura, querida.

— Ió sinto, chico! Too se apequeña.

— Todavia, vivamos como viven las flores. Breve el tiempo pero muy lindas.

Um silêncio mordaz se nos pegou. Um consolo menor do que um mosquito tomou conta. Me impus com severidade uma alegria disfarçada: a caçada com meu pai. Melhor isso do que a dúvida ou a compaixão do momento. Dúvida em torno da recepção e compaixão que me doía de vê-la assim. Alegria no bizarro momento.

As horas tensas

A incerteza causa males. Uma angústia começou a se processar severa. Uma escuridão me cercava cada vez mais. Laura aprovaria ou faria o que, por vezes, eu também fazia: criar um clima de espantar vivente, e as vítimas éramos nós. Por vezes nos vestíamos austeros, como *se la muerte se detenia en la casa*. Tomaria a decisão de amar a qualquer preço as cercanias de minha gente, mas a que preço? De que matéria criadora somos nós? Não mais me compreendia como um ser de miserabilidades. A multiplicidade de horizontes poderia ser meu ser. Mas podia eu empurrar minha amada na mesma direção? Se na quietude de milhões de séculos se fazia o ar, agora se revelavam ondas comunicativas, poderia revelar níveis de novos vínculos e mais outros. Não negaria em mim a vida de outras formações. Poderia perfazer sentimentos e palavras convergentes. A solidão seria apenas pra guardar melhor o dom dos outros. Meus sentimentos, embora confortantes, tornavam-se temerosos. Já não mais podia me dizer independente: era feito na interdependência, e a vontade de Laura me interpelava a que a entendesse.

Com essas reflexões cheguei à casa dos pais de Laura, vazia, parecendo-me uma ameaça. Senti culpa indevida de um mal não praticado. Levava entre as ruas sem cuidado uma velha que me parecia se desconjuntar toda. Ela logo percebeu o mal-estar.

— No quieres me dejar a mi casa? La distancia no es larga. No te obligues a verme como obligacion.

— No hables asi, mi coraçón!

— Entonces, vamonos a ver que se sucede em casa de tu tia Antonieta! Hoy es dia de vida o de muerte!

— *No sea tan trágica, madrecita.*

Tomei do telefone e falei com Laura.

— Vão ou não vão chegar? Estamos todos aqui na tia Antônia.

— Já chegaremos!

Olhei praquele fio de gente, que por fino poderia ser enrolado num carretel.

— *Mira que llegamos. Mira cerca de la casa de Antonieta,* falei-lhe.

— *Santo Diós. Me veo como un ser imaginário.*

Comecei a rir em convulsão, e ela se estremecia toda. Chorava. Mudei de sentimentos, e uma compaixão doída me consumia. Que coisa de ser tão difícil comungar. Não mais duvidei de que os ferros e os aços têm mais intimidade do que os seres humanos. Ondas e pedras se dão melhor em serem e se darem.

Parei o carro. Todos em grupo na frente da casa. Dei volta ao carro pra retirá-la do assento. Não sabia se em mim se prendia uma pluma esvoaçante ou se uma velha aos pedaços.

Apoiou-se inteira. Todos olhavam com espanto para a extraordinária figura. Esguia como um ramo de bambu e solene como nuvem de tempestade. O vento que soprava a deixou mais estranha ainda. Silêncio de diferentes emoções, até o momento em que meu filho Arturo avançou em disparada em direção a ela. Ela é fofa, gritava. Comecei a rir por saber de alguém ter preparado o discurso. Tudo menos fofa: um fio seco, posto em vestes leves. Todos a cercaram comovidos, por verem a fragilidade posta de seu tamanho. Cem anos de solidão se me parecia a triste figura. Na confusão de abraços, Laura me cercou.

— O que vamos fazer com ela?

— Espetá-la e pôr no fogo!

Abracei-a com ternura eterna, o quanto de eterno os sentimentos podem conter. Veio-nos ao encontro o nosso pequeno Arturo, e ficamos um momento um trio perfeito.

— *Puedo también estar acá?,* falou a velha.

— *Si te gusta,* falou Laura.

— *Y mucho!*

A linguagem de fronteira tem disso. Tanto nas ciências como entre países limítrofes as linguagens se dividem com facilidade. Minhas lágrimas inesperadas mostraram minha tensão e minha dúvida. O que se ia no coração de Laura? Madrecita adivinhava o clamor que me angustiava.

— Laura, no te preocupes. Soy uma vieja sin expressión. No necessito de nada y no me gusta ser mala a ninguno. Me gustaria solamente ver tu suegro e tener una charla con el.

— Querida, no me tengas como uma mujer pequeña, por favor.

— Ió lo sé. Sávio habló de usted. Mientras, ahora necessito um poquito de tu bondad.

— Sin duda, no te preocupes!

Tudo andava bem. Das minhas tentativas de amor estendido resultavam as primeiras ligas. Foi, então, que recebi os comentários de minha esposa.

Este romance tá virando água com açúcar. O enredo está muito melífluo, parecendo conversão em família. Você, um prosélito da caridade. Não percebe que Laura está decepcionada, aceitando a velha por comiseração? Pedi um amor intenso, e não essa trama de ternuras frouxas. Quero um amor com textura de paixão. Bem, respondi, vamos devagar. Que os esforços feitos multiplicam bondades! Podem, então, produzir uma nova densidade... Uma levedura de bom vinho. É isso que penso fazer.

O autor é você. Isso tudo pode ser preservado, mas pode cansar qualquer leitor. Sugiro... Apenas sugiro o que também possa atrair Laura. Ao que tudo indica existe um crime no meio do caminho da família Artigas. Aí tem..., querido. Quem sabe, pra tornar tudo mais cheio de emoção, Laura possa ajudar a descobrir o crime e as cercanias: uma bela aventura metida entre o casal. Esse mistério de Artigas em torno de um crime mais a puta perdida seriam uma razão, até delirante, para iluminar a paixão de teus protagonistas. Fazer isso junto é que é! Não sabia desse teu lado policial, alterquei. Pois bem, meu autor, o melhor pode se ocultar nas pessoas. Lembra do filme Papillon*? Como o protagonista do filme estudou as estratégias para saltar no mar... Também estou pensando nas ondas que podem animar uma aventura. Faz isso por mim.*

Pensei sobre a provocação por bem dois dias... Creio que o passado artiguense não só animaria as horas minhas e as dela, como também provocaria a paixão dos meus dois heróis. É, de fato... Fazer coisas juntos, e densas, pode promover vibrações interessantes com vínculos pra valer... Vamos lá.

A noite foi breve pra todos. Conversas animadas distraíam. Ninguém se atrevia, porém, tocar em assunto qualquer que envolvesse a vó e o seu neto Robusto.

Miren el diablo!

Chegou outro dia com dedos apressados, que não se vive só de aventuras. Urgia voltar a Porto Alegre.

— Ao olhar Arturo, ela falou: *Bueno, vamonos!*

— Madrecita, não sou Bueno, sou Arturo.

Sávio e Laura riram, enquanto explicavam: a bisa quer dizer que está faceira de ir a Porto Alegre.

— *Mi querido chico, desculpe.*

— Não sou Chico. Ela não sabe que sou Arturo.

— Chico, filho, quer dizer pequeno.

— Mãe, como se diz velha em Artigas?

— *Persona mayor*, se diz!

— A senhora é uma *persona mayor*?

— *Puede hablar vieja, que asi estoy!*

— Ela disse que você pode chamar a madrecita de velha mesmo, disse Laura.

— Meu filho, é bom aprender outra língua, que cada língua faz a gente ver de maneira diferente todas as coisas, explicou Sávio.

— Bonito, pai... *Persona mayor*. Gostei. Isso é ver diferente os velhos?

— Isso e muito mais.

Nessas conversas e de outras já ouvidas de seu avô Robusto, se ia o piá compreendendo o mundo. Afáveis momentos de serenidade. Espantos diferentes se refletiam no rosto da velha senhora.

O mundo deveras estava de espantar. Ao se aproximarem de Porto Alegre, o trânsito enlouquecia. Nos últimos meses até a quem aí morasse, tudo se transformava em descontrole. Os tempos enlouqueciam os homens e as mulheres.

A velocidade dos carros ameaçava: buzinaços e olhares feios, roncos fortes e o silêncio mortal dos passageiros faziam Josefina encolher-se.

— *Que mierda hombre, estoy de pânico! Mirem el diablo en la calle.*

— A bisa está tremendo, mãe!

— *Mi coraçón pobrecito, no lo sé se me baja a la pança o me sale a la boca!*

— Laura, voltando-se para trás, tomou a mão da velha.

— *No tenga miedo, mamita!*

Os olhos esbugalhados e os cabelos arrepiados da velha expressavam uma exótica figura, fazendo o piá rir. O grito estúrdio da madrecita foi de horror, ao ver os carros se atravessarem velozes: uma loucura ainda mais assustadora. Foi o tempo de Sávio segurar sua nave, e o piá e a velha jogados pra frente.

— Puta merda, não sabia que haviam mudado a preferencial, gritou Sávio.

— *Por favor, no me dejen murir sin ver Robusto Enrico!*

Mais se ria o guri. Pra ele aquilo é que era viagem! Ele parou de rir, por momentos, ao ver que a velha chorava. Ao olhá-la de soslaio, mais exótica lhe pareceu a pobrezinha. Gargalhadas descontroladas se assomavam no menino. Por saber que não se morre rindo, a velha se acalmou.

A pobrezinha não tem o costume dessa violência, meditava Sávio. *Enquanto Arturo se ri, ella se esta a murir.* No meu piá, a violência das ruas se tornara um costume assimilado. As ameaças do trânsito pareciam banais e até divertidas; pra ela uma realidade perversa. Pelo retrovisor interno, via-lhe o terror. Me converti num protetor.

— *No temas, mamita! Aca es asi!*

— *Hombrecito querido, no es possible que se viva mirando la muerte!*

— *Es verdad!*

Pedi pra Laura pra que continuasse a estender sua mão a ela.

— É muito grande a diferença da velocidade dela pra nossa. Se achamos horrível a escravidão a outros fora banal. A serenidade de um tempo nem sempre se justifica em outro.

— Você anda muito filósofo.

— Não, querida, é o que estamos vendo. O silêncio do campo não combina com o nosso jeito de viver.

— *Mira cá! Mira cá*, gritou.

— *Que se passa?,* falou Laura.

— *Um chico en la calle con su moto,* apontava a velha.

— *Un accidente!*, explicou Laura

— *El chico pasa bien?*

— *La policia vien ajudarlo!*

— *Pára el auto, por favor, el sangra!*

— *Mira la ambulância que se queda cerca de el.*

— *Que es una ambulância?*

— *El socorro público.*

— *El pobrecito sufre!*

— *Sufre, pero, no temas. Too se va bien!*

— *Si, mis ojos miran lo que va bien! Una puta mierda lo que miro!*

— *No hable asi, mamita, Arturo es inocente.*

— *Si, pero Arturo se sonri de la muerte.*

— *Pero, por favor, no diga puta mierda.*

— *Que no lo diga, pero too esto es una puta mierda! Que el conosca la puta mierda em que vive!*

— .....

— Foi a vez de Laura falar.

— Se trouxe ela por amor, por que enfia ela nesta situação?

— Nem eu sabia que o trânsito estaria desse jeito. O amor tem disso, querida. É também carregar a puta merda que nos cerca.

— Você, às vezes, parece meio louco, se metendo numa dessas.

— Louco não, querida, mas que me agrada, me agrada ver a vida como num jogo de pocker. Gosto de pagar pra ver o que a vida tem pra me dar. Não gosto de olhar pro horizonte sabendo que vai me trazer a mesma coisa. Minhas cartas podem não ser as melhores, mas existe um prazer nesse jogo de surpresas.

A estas alturas, Laura chorava também.

De tudo que se via, nada se comparava com o que se nos esperava. Havia uma rua silenciosa com árvores sobre nós. A natureza amena parecia afastar a violência. Parecia.

As coisas se precipitam

Josefina gemia por mal se mover ao sair do carro. Dei por falta o do furgão de meu pai. Ele pediu pra guardá-lo enquanto eu ficasse pras bandas orientais. Por certo veio buscar... Mal abri a porta do apartamento, uma cena perturbadora. Tudo havia sido jogado ao chão. Um grito de dor de Laura e um choro desesperado de meu piá demonstraram o espanto. A velha, apavorada, sentou-se sobre o sofá da sala, sem nada entender. Temia que entrasse em surto por todos os acontecimentos. Um vizinho veio dizer do assalto. Tomaram tudo de valor, enfiaram no carro e se foram. Televisão, roupas, calçados e o pior, as pequenas joias de Laura. Nada mais havia pra qualquer consolo. Infelizmente havíamos confiado demais.

— E quem ouve um alarme gritar em Porto Alegre?, Laura falou, irritada. E o alarme estava ligado?

— O vizinho faz isso!

Num salto saltei do carro e apertei a campainha do vizinho.

— Você ligou o alarme do meu apartamento?

— Não!, esqueci de ligar.

Tive ganas de esmurrá-lo.

— Desculpe, seu Sávio! Não reagi.

Me senti invadido, sem forças pra dizer qualquer palavra. Falei apenas pro meu pequeno: papai vai comprar tudo novinho. Laura é que era a amargura, rodopiando do quarto pra sala. Perdida em seu ambiente, como um pássaro de ninho desfeito. Olhou-me. Algumas palavras sussurradas saíram-lhe da boca:

É nisso que dá amar parentes em vez de trabalhar em casa. Quero ver agora o teu jogo de pocker. Não é blefe.

— Desculpe, querida. O jogo não acabou.

— Ainda bem que consegui nesses poucos dias fazer uma boa clientela com as ricaças de Quaraí.

Nem bem havia telefonado ao meu pai, já apareceram todos os três: pai, mãe e a mana.

— Vejam no que deu tudo, pai.

Ao ver a velha senhora toda estropiada e fora do contexto, olhou-a espantado. Mamãe e Valentina não se aperceberam de madrecita. Papai olhava com estranheza a velha senhora, encolhida no canto do sofá. Não perdi o humor.

— Ela foi jogada pela janela!

— *No lo creo!!! No me digas... Es mi avuela Josefina?!*

— *La propia y perdida como un perro em la calle!*

— Querida, querida!, se exclamava meu pai, erguendo-a para o alto como se nada houvesse em seu braços.

Um tumulto de diferentes motivos é o que havia. Emoções fortes se contradiziam em palavras desconexas.

— Roubaram meu videogame, papai!

— Vamos nos acalmar, que tudo se põe em ordem!

— É isso, meu filho, falou papai. E pra ninguém se achar no prejuízo, em primeiro lugar, vou fazer um boletim de ocorrência para o seguro do carro. Vou dar um presente: uma televisão nova. E pra que tudo se ponha em calma, vou levar a avó lá pra casa.

— *Muy bien, Robusto, tengo que hablar com usted. Pero no hai prisa. Nada de urgência, querido,* falava, enxugando as últimas lágrimas do dia.

Enquanto as falas nervosas diminuíam, Aurora, numa suave agilidade, punha desvelo em tudo. Laura, então, começou a reconhecer seu lugar, minimizando até a perda de suas joias. Olhei para a velha. Já se recompunha. Não perdeu a vez de falar.

— *No llore, querida Laura, nosostros somos una joyeria! Y mas te lo digo. Tengo unas porquerias en mi casa que mi querido Ramón se me dió hace muchos años... per supuesto unas de ellas te gustaran. Podrás, como me hablaste, conocer las mujeres de las molinas...*

y diseñar uma joyeria de aneles, corrientes y otras cositas más. Los brasileños que se viven en Artigas son los dueños del arroz.

— *Gratias*, Senhora Josefina. Não prometa muito, que vou vê-la em seu sítio. Sou louca por joias!

Sei o quanto custou à velha senhora o que dizia. Revelava profunda angústia por ter visto o que viu, seja na rua, seja no assalto. Meu pai sentiu a fragilidade da sua avó. Falou peremptório: *Vamos a mi casa!* Solicitei que se a conversa fosse sobre a família, apreciaria muito participar. *Cierto, hijo!* Parecia-lhe voltar o jovem que fora um dia. Um ar diferente diferenciava-o. *Valentina va a traer una televisón pa usteds! Mi regalo, pa tener mi cariño!*, parecendo voltar à linguagem antiga por força do contato categórico com a velha senhora. Ficamos nós três, meio perdidos, com a terrível sensação de não estarmos mais seguros. Meu peito se embrulhava todo. Uma dor me mordia todo... E Laura, pra ferir mais meus sentimentos, abriu sua irritada boca.

— Já havia te falado para pôr uma segurança maior! Ou no teu jogo não tem necessidade de cuidado?

— De fato, querida, não fui bem, mas jamais pensei que o filho da puta do vizinho deixaria de ligar o alarme. Pensei: um apartamento daria mais segurança. Paguei antecipadamente pelo cuidado e levei a pior. Vou contratar uma empresa. Não! Vou fugir pro alto de um prédio. Tenho um em vista. Merecemos coisa melhor.

— Puta merda, papai! Tenho medo!, choramingou Arturo.

— Não, filho, não tenha medo. Vou contratar um exército pra nos proteger.

Dia seguinte, o carro foi encontrado sem as rodas. Poderia esperar por longos dias pela perícia e pela liberação. Por certo, ladrões e receptadores se riam bebendo às custas de rodas e de joias. Da polícia nada poderíamos esperar.

Somente no décimo quinto dia da grande ameaça, começamos a nos acostumar com a nossa vulnerabilidade. Contratei uma empresa de segurança, pois não me sentia mais tranquilo. No momento de registrar o ocorrido, senti minha desvalia. Minha valentia se fora com os ladrões: pior que um cavalo doente. Li certa feita algumas ideias sobre os sentimentos dos sem pátria. A proteção andava longe de suas casas. Vieram-me as ideias de meu professor de história quando falava

do genocídio dos judeus. Eram tratados como supérfluos, como refugos da terra. Eles, bem antes da "solução final", começaram a perder sua dignidade, considerados os desprotegidos da lei. A criminalização dos imigrantes não estava muito distante da minha realidade. Me sentia desprotegido. Pior, sem dar proteção: um judeu nas ruas de Berlin.

Meus amigos de imobiliárias me diziam pra esquecer as joias de Laura. Poderia ter esperança se tivesse algum amigo de peso nas hostes policiais. Era um cidadão com uma esperança feita nuvem.

Aos poucos voltaram as conversas amenas. Todavia, a lição de Josefina se desvelava em ternuras feitas com Laura. Me debruçava sobre seus desenhos como se fossem meus. Arturo mais ainda conviveu com seu pai em brincadeiras e jogos. Fim de ano chegava. Os lucros haviam sido razoáveis. Havia composto uma pequena comunidade de auxiliares, o que me dava maior liberdade.

Solange inquiriu-me mais uma vez da razão em pôr a velha no meio da história. Respondi serem os atos em parceria aqueles que constituem vínculos pra valer. E acho que tua sugestão de ver de perto o mistério familiar vai dar um tom ainda mais convincente a um amor feito casal.

Sangue na família

Dia seguinte ao desespero do assalto, meu pai mandou recado curto e grosso.

— *Hoy a la noche connocerás tu padre! A las nueve, por favor!*

— Estarei em sua casa, papai. Ainda brinquei: *que lo sé, usted, Robusto Enrico Pájaros Artigas, és mi padre. Es tu nombre asi e per donde me voy mi padre es Robusto Enrico Pájaros Artigas, muy distante familiar de José Gervasio Artigas, heroe de sua pátria! Y ió lo digo muy orgulloso soy Artigas también.*

O dia se passou mal. Fui gentil sob a medida da vontade, não de meu desejo, terno com meu pequeno, que o sangue chama, e com Laura por conta de minha carência. A crença das possibilidades dos materiais tornou-se uma obsessão, uma forma religiosa de ver e sentir a vida. A radicalidade de meu entendimento causava admiração em Laura, que, aos poucos, apreciava os momentos e qualquer bichinho do campo.

Percebi que telefonava com ternura para sua casa. Me sentia correspondido e a ganância foi contida em favor da beleza de seus desenhos. A clientela não se alterou. A quantidade compensou-se pela qualidade. Ela até se ensaiou em falar com Turíbio e sua esposa em Artigas.

Mas... minha crença também é de tudo ser possível... De pedras saltam águas frescas iguais às dos salmos. A fé é antiga... e atual, até quando dá vontade de agarrar o mato. A rigor, como diziam os negros fujões: Deus é grande, mas o mato é maior. Não poderia negar minha fé na revelação divina e criadora de todas as coisas. Lá me fui a ouvir a história que me atravessava todo.

— *Buenas noches, papa y madrecita.*

Mamãe ficou na cozinha, não por decisão dos falantes. Sabia tudo o que seria dito, preferindo o silêncio.

Vou resumir. A conversa foi longa e tenebrosa.

Meu pai iniciou a fala, e cada vez mais se lhe saíam palavras em torrente: parte da história tu já conheces, Sávio. Madrecita já te falou da morte de suas duas crianças, meninas, do tempo em que ainda sobravam resistência em relação aos brasileiros. O primeiro marido foi um charqueador, isso é, fazia trabalhos eventuais de contrabando de gado. E pra encurtar, roubava gado pra ganhar a vida no Rio Grande. O ódio dos campeiros uruguaios não era pouca. De vingança mataram as duas meninas, e o grande gaúcho sumiu.

— Eran unos sin cujones pa vengarse en mi chicas! Pero no se passa mi dolor! Ochenta años, nadie y nada se me saca la muerte.

Depois de cinco anos, apareceu Ramón Pajaros Artigas.

— Esto se fué, como usteds hablan, o cara! Con Ramón tuvo três, como te tengo hablado, vós sabeis: Rufo, Rufino e Violeta. Rufo y Rufino siempre se fueran de espasito no más. Rufino se tenia como um peleador. Vivia bien con dos sítios que Ramón le dejó. El dia que tu padre nasció el se quitó de la vida fácil e se quedo como um trabajador. Diga tu mismo Robusto, que bueno padre se fué Rufino. Mariá, la madre de tu papa, se encantaba com sus hijos, pero nada de muy grande. Tu papa se tenia como valiente protetor de Violeta. Hijo, habla que se passó, que no lo entiendo hasta hoy too lo acontecimeieto e por eso estoy acá.

— Voy a contar lo sucedido pa que mi gente comprenda too. Enpeço mi charla con un pedido de perdón. Excusame, madrecita, excusamme, queridos. Siempre tuvo mi tia como una flor muy delicada, pero...

— Puedes hablar too... Ella, muy querida..., falando em lágrimas.

— Pero débil de caráter, continuou papai. *Se enamoro de um bruto... un ratón... um cerdo. Usted habló de la vida del bruto. Yo como sobrino, aunque muy joven, recién-llegado de mi curso de arquitetura, viente y cuatro años pedi: no sea novia de Gordón, su apellido. El vive de putero en putero, tia. El es un borracho. Pero nada se adelantó. El dia de las bodas fué triste, más triste que la muerte. Recuerdas, mamita...*

— Por demás, hijo. Como se fuera uma flor en la mierda... Lloré... mucho... por muchos dias.

— Buenas, en la fecha, data, como dizemos, Laura*, en la fecha del matrimonio me poné de parte com el... y hablé: Hombre hace bien a mi tia, se haces malo yo viveré en Brasil.*

— Que cosa quieres con eso de se bandear al Brasil?

— Nadie me prenderá acá... No saldaré mi crimen acá!, le dice yó.

El miró en mis ojos y dice...

— Ella es mi esposa y yo su hombre, e ninguna persona se pondrá sus pantalones em mi casa.

— Es verdad, si Violeta se va bien con usted. Si nó, su nombre se escriberá en una piedra asi: Gordón el puto que se murió en la calle como un perro. Te pido como um monje: ame mi tia Violeta. Ella tiene nombre de flor que asi se la trate.

— Con mis cujones!!!

Entonces bati en su cara.

Meu pai pausou sua fala por um instante.

Solamente puso mis ojos nel gusano oscuro, cuatro años después para matarlo.

Me limito a descrever em português a lastimável conversa de Robusto, que me cansa meu mísero espanhol. A sorte estava escrita pela evidência dos fatos. A probabilidade do desfecho parecia inevitável.

Meu pai, mais uma vez, disparou entre trêmulas, raivosas e contundentes palavras. Movia sua alma e seu corpo exaltado, olhar posto em cenas distantes. Por se sentir tão próximo dos antigos eventos, resvalava em expressões originais, se socorrendo de frases bem postas de antigas leituras. Havia uma consonância de ideias que se vinculavam como se fosse levado por iluminada inspiração. *Feos fueran los dias, feos los meses antes de la noche del crimen.* Falava: dois anos depois de ser arquiteto, não passava uma semana que não houvesse queixa amarga de surras suportadas por Violeta. Mesmo depois do nascimento da pequena Betina, o filho da puta não deixava de humilhá-la. Uma pequena delícia de criança sempre em lágrimas pelo sofrimento da mãe. Nunca vi e jamais verei ambivalência tamanha. Ela dizia: *me voy*, mas

depois retornava pra ele. Não havia quem ou o que lhe desse forças para vencer a terrível dissonância. Um diabo tenebroso a dominava. Apresentei homens bons e bonitos... Era uma mulher de seus trinta e poucos anos, mas de uma beleza de fazer qualquer homem se inclinar em sua direção. Nada a curava de sua doença amorosa. Pagamos uma estadia em Montevideo, mas retornou dizendo ter na alma a ausência daquele monstro.

Nunca lhe falamos, madrecita. Ele tentou fazer mal à pequena Betina também. Isso falo, mamita, pra que me perdoe. Sei que a senhora não me perdoou. Não falamos do monstro que quase se tornou quando, todo emborrachado, se aproximou de Betina. Violeta mal teve forças pra defender a filha. Soube pelos vizinhos do acontecido. Ainda assim, Violeta continuou com ele. Pareceu melhor por alguns meses. Foi então que ele quase a matou. Eu a vi desfigurada. Ele, pela primeira vez, sentiu que foi longe... muito longe. De joelhos me pediu perdão. Todavia, um diabo me devorou. Com uma bondade insidiosa, disse-lhe que estava tudo bem... Combinamos um encontro num bar próximo da casa de Betina pra celebrar a paz. A escolha foi minha por todos saberem quem ele era. Me vesti de ovelha com ódio de um leopardo faminto. Violeta leu em minha voz o insuspeitável. Uma lágrima desceu por sua face.

Dia marcado pra paz. Pela manhã recebi aviso da tia para vê-la. Saí de meu trabalho. Havia fechado semana anterior o contrato de duas casas dos novos senhores de Artigas: os arrozeiros de Uruguaiana não poupavam recursos para ostentar o poder de novos ricos. Saí de minha oficina de arquitetura e me dirigi até a casa de Violeta. A pequena de sete anos chorava.

— O que aconteceu com minha garotinha?

— Mamãe só chora. Ela disse que papai vai morrer.

— Fui, então, até Violeta.

— *No quiero que mates my amor!*

— Está bem, tia. E quem disse que ele vai morrer?

— *Gratias,* e me beijou a face.

— Mas ele com está?

— *Un querubin,* querido Robusto!

A pequena sorriu, ao me retirar reticente.

Falei, então, com Turíbio sobre nossa tia. Ele, com a pachorra própria, achou que se a tia entendia de viver com Gordón, que com Gordón levasse a vida. Enfiei-me, então, em minhas reflexões, chegando à conclusão que meus sentimentos poderiam ser de ciúmes, e não de solidariedade. Vá lá saber o tamanho de mundo que se esconde na gente, fui avaliando. Que Violeta sempre me atraía como mulher, lá isso era verdade, mas, por Diós, foram fantasias juvenis. Não correspondiam às de um arquiteto. Voltei ao trabalho, aquietando-me.

Fui ter com Gordón, conforme o combinado. O animal estava outro, nada a ver com o humilde que me propôs arrependimento. No primeiro gole de canha, extrapolou as medidas do bom senso. Perguntou, mal passadas as primeiras palavras: *quien piensas que seas tu?* Respondi com educação. *Solamente um hombre como tu, pero de respeto!* Começaram ofensas que cresciam. O dono do restaurante pediu pra gente moderar a altura e o conteúdo das palavras. *Asi como mandas, señor,* falei. Paguei os dois tragos e me retirei. Gordón murmurou entre dentes: *no te quiero em mi casa, amariconado*! Retiramo-nos do bar.

Papai fez silêncio: uma quietude de anunciar tempestades.

— *Y después, Robusto, que se sucedió?*, perguntou Josefina.

Andou, então, com as palavras.

Ultimava mais um projeto, quando me aparece a pequena Betina e um gendarme. Este falou: *va a tu casa, de prisa!*

Não deu outra, *como se dice acá.* Violeta no chão, toda lanhada, sangue pelo nariz e pela boca.

— O que mais quer daquele vagabundo?

— *Nada, quiero la muerte,* conseguiu balbuciar.

Em duas semanas diminuíram os hematomas, mas não o sentimento de decepção que lhe fazia ruir a vida. Quem não suportou fui eu. Não sou samaritano. Bem que seria melhor. Com tumultos de raivas, delírios de um poder que não tinha, tramava uma maneira de matá-lo. Se o amor cresce como fermento, mais cresciam o ódio e o prazer de urdir um jeito de vingar.

Como já disse, papai escolhia as palavras. O prazer das palavras bem formadas para que não falhasse o plano, ainda que passado. A força das palavras reiterava a densidade afetiva ao pronunciar a memória de seu ódio antigo. Memória apenas? Não, envolvia-se com brilho num

discurso medido... Semelhante aos passos de um gato prestes a apanhar sua vítima; pura adrenalina, como se novamente vivesse o crime que se anunciava.

Distraído, deixei o texto, e minha filha deu uma espiada no escrito. Ela sabia de meus desagradáveis sentimentos em relação a ladrões pela invasão em minha casa: uma violência. Alertou-me: acho que existe certo sadismo teu, por conta do crime contra o escritor, e não por conta do personagem. Pode ser, respondi, e quem não tem prazer em ver o criminoso sofrer? Mas não perca o foco de tua proposta, que é mostrar o quanto Sávio e Laura são capazes de construir uma união, embora nem sempre tão estável, mas bem interessante. Está bem... Vou estar atento. Agora me deixe pôr minha pimenta ou veneno no texto.

— Pois bem, mamita, Sávio e Laura, continuou. Foi assim o sucedido, noite calma, daquelas só feita pra sonhar com revoadas de anjos. Eram dias *de la navidad del Niño.* Nada de religioso e santo havia em minhas intenções. Nada revelei a quem quer que fosse. Falei até de bondades com amigos. O desgraçado tinha uma amante num subúrbio, quase campo. Um rancho pobre de uma puta pobre. Me armei de minha faca. Que porco se mata assim. Não media consequências, nem me preocupava o futuro, tampouco o sofrimento de meu pai ou da senhora, madrecita! Acho que os suicidas também procedem assim. A morte tem tantas forças quanto a vida.

— *Es verdad! La muerte tiene costumbres mas tirânicos que la vida,* murmurou madrecita.

— Buenas, minha gente. A noite é uma péssima companheira para o ódio. Acho que prenderam Cristo porque era noite. Passei pela casa da tia e a tranquilizei. Ela me disse que sentia mal-estar porque ele não veio visitá-la. Tudo vai passar, lastimou. Eu a consolei dizendo que achava o mesmo.

De sua casa, eu me dirigi à casa da mulher com quem ele mantinha encontros. A lua ia alta, e nem os capins ciciavam em brisas. Os campos de Artigas têm um costume de ciciarem em uníssono com os grilos. Fui andando, andando, quando distingui, a distância, um vulto vindo da casa da puta Mercedes. De vez a lua clareou a estrada. Era ele.

Momento terrível foi quando meu pai vomitou numa linguagem pesada os últimos momentos de Gordón:

— Minhas antenas, em razão de meu ofício já eram adestradas para ver detalhes. Mesmo que não fosse inteira a noite, saberia que aí se desenhava o corpo gordo do desgraçado. Despertou-se em mim um volume inteiro de grave resolução, um prazer sádico de quem tanto pode morrer como matar. Hoje tenho certeza de que não é exigida grande coragem dos valentes. Bastam uma raiva incontida e o prazer da morte que se deseja sobre o outro. Minha vida se abastecia de uma vida menor. Meu rosto deveria estar horrível por perceber, pela luz branca da lua, o rosto de horror de quem não tem saída. Uma vez li em Benedetti: *duas fealdades assistidas pela noite enferma,* constituindo um espetáculo de ódios. Um diálogo como de cristais quebrados. Algo que somente poderia ser admirado por diabos. Hoje eu sei que a alma da gente possui soturnidades de causar espantos, e nada me é mais estranho num ser humano.

Ele sabia que o vulto era eu. Ouvi, então:

— *Que quieres, doctorsito de mierda.*

— *Quiero el hedor de tu sangre!*

Não era iniciante na arte de mover meu corpo. Na universidade participei de um grupo de lutas corporais. Tudo me facilitava pelo volume das gorduras do animal.

Ele estava de revólver, creio. Antes de empunhar o quer que fosse, chutei-lhe a mão. A arma caiu entre macegas. Mais rápido que imaginava puxou de uma adaga, ou faca, que fosse. Confesso, o brilho branco da arma me preocupou um pouco. Num movimento brusco fiz que lhe daria um golpe em sus *cujones*. Baixou-se, mas, de inopino, rasguei seu rosto com minha faca. Um grito soou. Quando, aos trancos, lançou-se sobre mim, desferi um golpe em sua volumosa barriga. Roncou de um ronco fundo. Tentou ficar de pé e jogar-me a faca. Foi tardio seu esforço. Desmoronou. Ouvi seus esgares. Corri na noite pra chegar cedo ao bar onde costumava brindar com amigos os gols do Nacional. Admirei minha calma, chegando a beber tanto quanto sempre bebia. Fui, a seguir, para meu apartamento dormir. E fiz como sempre fizera.

Outro dia, como de costume, fui ao trabalho muito cedo. Nem bem iniciara meu ofício, quando Mário Benito, desenhista, adentrou em minha oficina de projetos gritando a morte de Gordón.

Papai continuou extremando os momentos de sua narrativa.

E, agora, comecei a pensar, como será minha vida carregando um morto. Pra consolo arrumei desculpa: já havia esquecido muitos amigos e muitos já não veria mais. Por minha decisão não veria mais o Gordón. *Mientras, la diferencia era que el diablo* me perseguia. Irão atrás do assassino? Que dirá Violeta? Que dirão todos? Pra sorte minha, a notícia circulou ouvindo: *que pa suerte de toos se fué el desgraciado.* Enterramos o filho da puta. Compareci aos atos fúnebres, fazendo a cara que todos faziam: de indiferença. Somente Violeta chorava. O pároco veio desejar felicidade à sua alma. *Diós es Bueno. Hace bien, indistinctamente.* Não imaginava do poder de minha força sob a camisa branca do bofe. Curiosamente ele mostrava traços de um homem pacífico. Tive sorte: as buscas em torno do criminoso não perduraram. Gordón tinha muitos desafetos. Isso daria muito trabalho à polícia. A voz corrente foi de que a puta tinha outros pretendentes. Ninguém foi sequer indiciado. Apenas minha tia sabia de minha raiva, mas nada lhe toldou a mente. Intuí a compreensão de seu sacrifício. *Pero el diablo...* Tudo se complicou meses depois. A pobrezinha da Violeta começou a murchar. Estava doente, e nenhum remédio afastava a morte que se aninhava nela. *Recuerdo, querida madrecita, de su palabra: uno se muere cuando realmente se quiere murir*. Ela foi se indo, foi se indo *hasta murir*.

— Yo piensaba que el crimen fuera de usted. Se Violeta queria el trozo de hombre y la manera de vivir com el, pero, no seria usted el que deberia hacer justicia.

— Va bien, madrecita. Pero, por supuesto, escuché de sua boca el deseo de verlo murir.

— Pero deseo no es voluntad!

— Perdon! Pero, madrecita, la sangre casi diario en la cara de mi tia hizo murir mi bondad. Además de decir las veces que se negaran de hablar a usted?

— Que malo tengo pa no tener suerte con las mujeres de mi família?

— Tienes algo a decir pa la madrecita?

Aí entrei na conversa. Havia falado com Laura, fazia dias, sobre a possibilidade de encontrar a neta Betina. Entretanto, não sabia nem ao

menos a história dela, por isso me faltava clareza sobre a realidade de meu pai, pra saber o que houve pra ele sair de Artigas. Se não pendia nenhuma suspeita sobre ele, por que sair? Me perguntava agora: se tanto fizera pra defesa de Violeta por que se esquecia de Betina? Por isso falei.

— Antes de pensar em ajudar madrecita em sua angústia, gostaria de saber mais sobre a sua saída de Artigas, pai.

— Já explico: passado um ano da morte de Gordón, houve quem se lembrasse de minha doença dos rins. Não pude disfarçar meu incômodo na noite em que matei o filho da puta do Gordón. Lembra do bar dos meus amigos, frequentado também por amigos do desgraçado? Me queixei: *me duelen los riñones.* E desde aí eles andaram ofendidos. Um dos bêbados que estava no bar olhou significativamente em minha direção, pois o falecido amava ferir os brigões com um golpe demolidor à altura das costas. Ele me acertou quando o feri, mas a violência não fora suficiente, o suficiente, porém, para andar de boca em boca a conversa de conjeturas de ser eu o assassino, o que despertou entre a turma de Gordón constantes investidas pra saber sobre a história da morte. *Como se dice: el diblo hace el puchero pero no la tapa.* Esqueci a faca próxima da obra imperfeita. *Uno de la policia, certa fecha, preguntó se yó no conocia alguno que la conocia.* Isso começou a me preocupar. Por esses tempos de desconfianças, alguém me comunicou de um excelente nefrologista de Porto Alegre, pois desconfiava que minha dor não seria coisa qualquer. Decidi vir para cá tratar do caso, permanecendo por alguns tempos em Quaraí, onde conheci tua mãe. Sem me achar o tal, comecei a trabalhar, efetivamente, em Porto Alegre e me dei bem. Buenas, a esta altura não sei se saí de Artigas por receios dos amigos de Gordon ou pra me curar em Porto Alegre.

— E a Betina, pai?

— *Ella se perdió. Sin madre e sin padre se fué malo. Pobrecita! Me gustaria tanto verla. Asi pienso antes de murir,* falou Josefina.

— *Madrecita, deja cercarme de lo que se dio,* papai correspondeu.

— Esta talvez seja minha grande culpa. Não sei o que a levou a se prostituir. Certamente não foi a morte de Gordón, tampouco a morte da mãe. A bem da verdade, a enfermidade de Violeta era seu caráter sem medidas, carregado de uma carência doentia. Pouco fez e pouco se preocupou com Betina. A esposa de Rufo fez mais por ela que a própria mãe. E madrecita também se preocupou com ela.

— Es verdad, pero yo no pudo prenderla al campo. Ella me hablava de uma vida que já no era la mia. Y certa fecha se fué como un pájaro.

— Pois bem, num dos meus ingressos esporádicos em Artigas, procurei-a. Encontrei Betina num putero até de boa qualidade. Da última vez me disseram que foi para Montevideo. Isso já vai bem uns quinze anos. Acho que a deixei por desleixo...

— No sabeis lo que se pasa en mi. Es bravo llegar a los cien y estar sola, sin tener una palabra buena com las hijas que tuve en mi vientre. Sueño con Betina, pero además es ilusion soñar en mi vejez. Soy uma sobreviviente, pero no vivo!

Pra surpresa minha, Laura entrou na conversa.

Santa Laura

— Querida madrecita!

Estranhei a intimidade de Laura. Ultimamente andava de uma ternura invulgar. Percebi sua necessidade de falar. Então, sem mais nem menos, foi confessando.

— O que quero dizer é o seguinte: se estamos tão bem e podemos estar ainda melhor é porque temos a quem amamos e ainda podemos ter mais a quem amar. Enquanto seu Robusto falava, via a dor de madrecita. Então, pensei que podemos ajudá-la a encontrar Betina. Vou tirar uns dias de férias e poderemos ir a Montevideo e ver se ela se encontra por lá. Talvez tenha mudado de vida e, mesmo sem mudança alguma..., quem sabe ela sinta necessidade de sua gente.

— *Me voy con usteds*, vibrou Josefina.

— *Vamonos!*, reforcei.

— *Entonces, que se vayan, mientras Arturo se queda con nos*, decidiu Robusto.

— *Robusto querido, te agradezco, te perdono y te amo!*

— Falo por mim, continuou Laura. Se existe um vínculo, esse é de quem carrega a criança. E só sabe, então, o que é perder quem a carregou. Amaria encontrar Betina pra que madrecita veja a quem não tenha carregado, mas amou de amor duplicado pelo ventre de Violeta.

— *És asi! És asi! Aunque tenga mi cuerpo flaco, me voy tambien.*

Já sentia minha alma em paz por madrecita, *pero más por mi papa*. Conhecer a alma de meu pai foi algo extraordinário. Até então, o conhecia como que escondido. Quando o via levantar-se à noite, desconfiava de que algo não lhe ia bem. Apenas dizia: alguns fantasmas

me atordoam, filho. É só acender a luz que eles se vão. Sorria com um enigma no rosto, depois íamos dormir. Tenho observado ele mais sereno nos últimos dias. O seu rosto robusto se suavizava. Agora sei por que ele, de olhar distante, franzia a testa como se uma dor o atingisse. Volta e meia dizia *em minha Artigas* com tal expressão, aparecendo nítida a frustração. Fizera a cidadania brasileira, mas sua alma tinha uma forma uruguaia de ser.

Depois desse encontro reservado, notei também em Laura uma aproximação mais terna em relação ao sogro. Ela deixou de sentir vergonha de tê-lo decepcionado. A onipotência dele se fora, levando a que ela o sentisse como um homem de fragilidades.

Passados alguns dias, começou a se mostrar tensa a ponto de me preocupar. Ao questionar, então, sobre o ânimo inferior que traduzia em seu rosto, ouvi:

— Bem, acho que estou grávida, desde que estivemos em Durazno. Estou com mais medo. Desde que a nossa casa foi invadida, me sinto ameaçada como se tivessem pisado dentro de mim.

— Mas tudo já se pôs em ordem. Estamos seguros. O que me preocupa é você. Vamos ao médico ver de perto essa gravidez.

— Queria te causar uma surpresa! Mas acho que carrego uma vida a mais em mim, só pelos sentimentos fortes que me possuem.

— Você não está se sentindo mais segura?

— Nem tanto. Alguém me devolveu minhas joias recebidas de ti e de mamãe? E o carro de teu pai, como voltou? Uma lástima. Isso tudo ficou como se eu fosse um alvo na mira de bandido. Mas agora que temos filho e uma criança, possivelmente, chegando, como posso ter paz? E dia a dia andamos assim e cada vez pior. Quem nos vai garantir a segurança? Me sinto gerando vida para a pontaria de alguém.

— Meu bem, fizemos de tudo... Contratamos quase um exército particular para nossa defesa e agora esse apartamento com toda a segurança.

— Nos retiram a metade de nossos dinheiros para ainda termos de pagar nossa saúde e contratar um exército pra cuidar de nossas vidas e, agora, os vigias que nos saem caros. Parece haver uma política injusta nos cercando. As instituições nos roubam. Faz poucos dias, um fiscal gritava dizendo a meu tio que estávamos roubando do Estado. Eles nos mentem e roubam, porém, os mentirosos, os ladrões somos nós.

Laura, então, se pôs em lágrimas como se dela saíssem rios. Não a pude consolar. Senti vãs minhas palavras. Somente encontrei alívio para ela, ao estreitá-la em mim, *aunque se me tenia flaco como um caracol con su casa en la calle.* Odiei minha pátria com tantos ladrões. Lembrei de um professor meu ao dizer sobre a história: melhor ser escravo, pois tem como garantia de valor o seu trabalho e para tanto merece cuidados. Isso já era percebido na *pax romana*, pois preferiam manter um povo mais vivo que morto, uma vez que dele recebia o recurso dos tributos em troca de garantias de vida. Puta merda me dizia, não sou como Caio Abreu, meu poeta de leituras eventuais: *"dias que n'alma me têm posto um não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei por que"*. Eu não tinha tal ignorância, bem que fosse. Eu tinha clareza sobre a razão, nascia dentro de casa, sabia como vinha e sabia quase toda a razão da dor, que algumas se ocultam por razões alheias à nossa clarividência. Fomos ao obstetra de Laura e confirmou-se a necessidade de cuidados com sua gravidez. Não havia, entretanto, quem a afastasse do propósito de ajudar madrecita.

A boa viagem

A complicação era inevitável. Alertei Laura: a coisa com a velha vai ser osca! Não sou um ás em pressentimento e nem carece. Uma velha com mais de cem, uma mulher grávida cheia de medo e um ignorante sobre Montevideo iriam atrás de uma prima de paradas incertas.

Tanto Aurora como Valentina se opuseram à expedição, menos Robusto. Ele se propôs a financiar a viagem em busca de uma puta perdida, como falou Aurora. Valentina ficou de ultimar os desenhos de Laura, divertindo- se com a iniciativa. Assim a equipe expedicionária partiu. Quando chegaram a Quaraí, ao dar início às investidas em busca de Betina, dona Francisca ficou muito preocupada, mas, como a filha fizera da cruzada uma causa de salvação, aceitou. Seu Tenório ria-se, pois sabia da tranquilidade das estradas de Artigas a Montevideo. Pouco mais de seiscentos quilômetros separam estas cidades, entretanto, não fariam o caminho num só dia. Laura *pa sus recuerdos* desejou pousar em Durazno. A velha senhora agradeceu a sugestão. Tenório com seu jeito mandrião batizou o que se iniciava de: "aventuras grandiosas por amor de uma puta". É claro, brincou longe de la madrecita. Todos se riram, menos os aventureiros. Todos conheciam a história de Betina, e nenhum deles acreditava em fazer retornar, ao convívio familiar, aquela senhora de seus quarenta e cinco. Os comentários até se faziam satíricos sobre um enterro de uma velha no meio do caminho. O espírito de humor não faltava da sagrada trilogia. Lá se vão dona Quixotesca, seu fiel escudeiro Sancho e sua mulher Teresona. Sabiam ser Montevideo uma cidade fagueira e de bom coração: os três investigadores não ficariam mal, mesmo porque Robusto havia reservado o hotel Europa, o solene lugar pra receber o trio salvador. Sentia-se a ansiedade da velha senhora pela inesperada demora de Laura junto aos seus. Controlava-se.

Admirável foi a mudança de Josefina ao ingressarem no Uruguai. A primeira tarefa foi visitar *el cementério* de Violeta. Madrecita persignou-se com devoção e jurou alto encontrar a neta. Em resposta, o silêncio triste, onde nem as pombas namoravam.

À noite foram até a casa de Turíbio, o qual, sempre sisudo, questionou sobre a viagem em razão da saúde da sua avó.

— *No temas, mi nieto. Cien años no significa la muerte. Intento por los que se fueran temprano.*

Sávio ficou conversando com os primos. Mas, em razão das distâncias de mundos, as conversas não prosperaram.

Muito cedo ainda, no primeiro cantar de um galo, a velha se deu o direito de comandar a expedição.

— *Vamonos!*

O caminho entre Artigas e Durazno fez a velha lembrar suas idas e vindas. Jamais teriam pensado de ela esclarecer tanto sobre a história do Uruguai. Sua conduta, quando casada com seu gaúcho ladrão, assemelhava- se aos principais movimentos humanos de amor e ódio, nos quais, ao se iniciar qualquer colonização, os instintos humanos se revelam fartos. Algumas virtudes são tomadas com exaltação, entretanto, perversidades se mostram em pelo. Ela assistiu e participou desse tempo, ainda que tardiamente.

Explicou com desvelo o primeiro tempo de sua vida. *Buenas, acá todo se tenia sin lei! Mi primer hombre, Feliciano, que de bueno y serenidad nada tenia. El vivia de chibo. Chibero de vacas. Y se me inquieta los recurdos de eso animal brasileño, tristes los finales. Es asi, la juventud no sabe medir lo que es mejor o peor, pero se vive como jamas se va vivir.*

— *Como tu es linda,* disse Laura.

— *No sea hipócrita, querida. Yo sé como so!*

Rimonos!

A história mais vibrante se nos foi dada quando topamos num resto de umbu à beira do caminho. *Ella se quedó muy triste!* Pois bem, foi assim: Laura queria saber como se passavam as coisas de contrabando. *Aca, bien aca!* O casal traduzia o que ela falava: estive de espera de uns bois que meu marido trazia de roubo pra levar ao outro

lado do rio. Ganharíamos um bom dinheiro. Era a primeira vez que ele levaria animais uruguaios por conta própria. Ele se desculpava dizendo ser gado alçado, sem dono. Na verdade fui iludida. O gado era de roubo. Foi a primeira vez que andei em perigo. Ajudava Feliciano. Tinha a quem sustentar. Numa dessas lidas, bem aqui, o dono dos animais se entreverou com Feliciano e seus peões. Assustada com o tiroteio, consegui fugir em desespero pelo campo afora. Voltei pra casa. Fui cuidar de minhas duas pequenas. Quando meu marido, dez dias depois, veio com o dinheiro no bolso, recebi a primeira surra por ter fugido, deixando os bois se espalharem no campo. Depois das bofetadas, me senti em maior desamparo, pois nem ao menos estaria protegida por quem escolhera para proteção. Ele deixou um pouco de dinheiro. Foi roubar mais gado. Ao se esgotarem os recursos e a dignidade, busquei socorro em meus pais. Lembraram-me, pois, dos avisos dados sobre o quera com quem estava casada. Um gaúcho ladrão de gado... Meu marido continuou em roubo de gado. Ao levar uma boiada inteira, roubando gado de diversos fazendeiros, foi encomendado o crime a fim de matá-lo. Ao saber se mandou. Como a minha miséria era pouca mataram minhas crianças por vingança. E me diziam: *no la matamos a usted pa que sufras más la pérdida!* Assim fiquei desarmada e desalmada em minha existência por bravos quatro anos. Por grande misericórdia de meus pais concordaram a que retornasse à casa antiga. Isso foi o que nos trouxe o pé de umbu.

Novas incursões de Josefina

Mi costumbre no es piensar el la muerte, aunque me tenga tomado por entera. Como he hablado, tenia razones pa volver a mi vida. Pero escuchen mi corazón de los tiempos escondidos, depués de vivir sin mis chicas. Certa maniana oí la lluvia caer y me puso alerta: me da asco tenerme la vision de la gente de mi casa mirandome pa después saborear um almuerzo muy felices. Não son ellos que viven sin movimiento, como vivo yó. Too era como se llamasse la muerte. Entonces hablé a mi alma: a las putas! soy linda, tengo deseos debajo de mi vestido! Lloro por mis hijas, pero no soy la dueña de las águas. Me voy a la vida.

A conversa dela estava sendo unilateral, tal sua necessidade de revogar o seu mal-estar em torno da primeira fase de sua vida afetiva. Os dois a traduziam com devoção.

Aluguei uma pequena peça num cortiço de Artigas e fui trabalhar numa loja de roupas finas, cujo dono tinha um irmão de terras próximas àquelas de minhas posses. Tudo virara um macegal.

As minhas conversas amenas agradavam ao meu patrão. Este falou sobre mim ao seu irmão. O irmão mais ainda se aproximou quando soube de sua lindeira. Ele me pareceu íntegro e bom: *Ramón, su nombre! Un hombre pa hacer la completud de una mujer. Un hombre de verdad, de alma y cuerpo. Um caracter fuerte e correcto. Hablé a el de confiança y fidelidad, pues que he vivido con desamparos!* Namorei por alguns meses e fui me agradando daquele homem que me caiu do céu. Pedi pra que não me decepcionasse. A resposta foi *muy* clara: *El dia que no te amaré con toa mi vida, me mates, pues! Asi habló nel dia de nuestras bodas. Y asi se fué por toos los años de su vida.*

Começamos a conviver con madrecita de forma ainda mais intensa. Seus comentários nos alegravam, tornando a viagem dos cento e cinquenta quilômetros até Durazno de uma alegria só. Falava de uma rotina na qual levava café para a cama de Ramón e passava em revista a semana, compreendendo os cuidados com o campo e a nova casa que comportaria três ou quatro filhos.

Ela falava quase compulsivamente: agora tínhamos o nosso gado, nosso queijo, no qual me especializei fazendo um curso em Montevideo. Nossos queijos faziam a diferença. Organizamos, então, uma pequena fábrica. *Teníamos uma família con la gente que vivia de nuestra pequeña fábrica. Pués em cinco años di la vida a Rufo, Rufino y Violeta...,* falava com intensidade, como se nos revelasse a presença de tudo que fez acontecer.

Toldaram-se, porém, sua narrativa e o rosto quando começou a revelar a história de sua filha. *No lo sé que se passó! Tenia um cariño muy especial. La naturaleza, entremedias, carga regras muy locas. Pobrecita de mi querida Violeta, llena de distúrbios sin frenos. Desde muy chica hasta murir, siempre la tenia un diablo. Ny con la eucaristia restó calma. Llamé um frei, um santo, pa ministrar una benedicción y nada. Ny el bauptismo, ny la medicina, ny las navidads y oraciones al Niño, ny la escuela sacaran la violência de su cuerpo. A menudo yo y ella lloramos prantos tristes. Quando conoció el maldito Gordón, entonces nadie logró nada. Su padre, Sávio, aunque platicado un malo, lo creo, fué um bien. No sé si la muerte de Violeta restó de la ausência de Gordón o si yá se muria toa. Ahora me dole piensar en mi pequeña Betina. Mientras la vida de puta io la via muy contenta, diferente de la madre. Mi alegra que intentamos buscarla.*

Entre tais conversas josefinas, chegamos a Durazno. Trinta mil habitantes: lugar de uma leveza quase espiritual. Os pessegueiros deram-lhe o nome. Deram-lhe também a suavidade. Todos os três calamos, como se uma voz estivesse dando-nos as boas vindas.

— *Vos digo, se acaso Dios ocupa um hogar, es acá!*

Seu rosto transmutou-se em bondade. À velhice imposta em seu rosto estendeu-se uma juventude. Distendeu-se a pele ao se iluminar. Uma lágrima rumou em direção às rugas até a boca suavizada.

— É verdade, dona Josefina, lhe dou razão. Concebemos aqui nossa criança, quando de passeio faz algumas semanas. Os lugares

conseguem modelar os habitantes. Já não sei, então, se os lugares têm alma ou se nós, comungando do lugar, concebemos suas bênçãos, falou minha amada.

— Desculpe a modéstia! É o que falo: tudo é graça. Basta descobrir o poder que nos cerca. Me lembro, então, de Bell: dum fio de cobre fez fluir palavras ao juntar em sua geringonça produtos que se irmanavam. Até o ácido foi definitivo para o telefone. De um curso de Engenharia aprendi a amar minhas cercanias.

— Hahan! Que poeta eu tenho em minha casa.

— A poesia do lugar é que nos está atingindo.

— *Sea atento, querido! Casi matas un perro!*

— Me achando poeta, quase que mato um cusco.

Os campos de Durazno tinham a quietude de março. O inverno que esperasse. O ambiente familiar do hotel nos garantia a paz. A noite de Durazno, então, encompridou conversas e ternuras. Fomos percebendo o quanto as palavras se convertiam em fios de laços. A velha, porém, cansou, fechando os olhos por mais que pretendesse abri-los. *El dia es como la vida: si caminamos nel, viene la noche y pide pa dormir, quando vivimos muchos años tambien se hace noche y dormimos.* Uma figura exótica se delineava sobre o sofá, pouco mais que um fio quieto. Se um estranho a visse, diria que os fantasmas dormem serenos. Temia por um pé de vento, indo-se o fio pela janela.

A noite mostrou-se diferente pra Laura e Sávio. Ainda concedia vigor pra amar. Ela se certificou que as ações conjuntas são as tecelãs de unidades. Estreitou-se em Sávio como se pedisse comunhão. Assim se fez, e, depois, também eles sentiram o peso da noite, apagando-se as forças ternas, não sem antes se estreitarem em ritmos de dança.

Pela manhã, mal nascida a luz na fímbria dos oiteiros, ainda escuras as canhadas, Josefina abriu a janela e a boca de poucos dentes pra devorar o dia. Sorriu de lembranças cheias. Bem por aí se moveram, nas lembranças, os dias felizes entre os dois: Ramón fazia estremecer qualquer lugar. A ternura também se estremece *toa quando un hombre y una mujer se miran calientes. Pero ahora tenia una chica más allá! Cada tiempo tiene sus ocupaciones. El futuro és mi patrón! Viva Ramón y su nieta.* E, possuída, entre intermitências de uma canção de Fernando Cabrera, cantarolou:

Mi abuelo me dijo la otra vez si el tiempo es mas largo cada vez
Se pasa el año se pasa volando
Ya no hay mas nadie que pueda alcanzarnos
Y yo mirando sentado en el campo
Como se pasa el año volando
No pasa el tiempo no pasan los años
Invento cosas con cosas de antaño.

Temprano en la maniana se levantan los amores, brincou no fluxo da melodia.

O café da manhã transcorreu cheio de promessas. Sávio e Laura passaram a observar a velha senhora. Conversavam sobre as mudanças ocorridas. Laura, admirada, apontava para os cabelos e os olhos da velha. Não só os cabelos e os olhos; nela tudo se põe melhor, parecendo uma ressurreição. A reinvenção da sua velhice é coisa de espantar, comentou Sávio. Aguardaram um pouco. A velha apareceu na porta do refeitório: uma pequena nuvem movida pelo vento. Até seu andar já não se mostrava tão claudicante.

— A serenidade e a esperança têm disso, falou Laura.

— *Buenos dias, más que buenos, vamonos a Montevideo.*

— Que Deus nos ilumine a que encontremos sua neta. Sugiro olhar no *Facebook,* falou Sávio.

— *Que es lo que dices.*

— *Una computadora con internet. Ella pode nos mostrar personas y talvez Betina se encuentre entre ellas.*

— *Dios te oiga! Tengo verguenza de decirlo, pero primero vamonos a los puteros.*

— Hoje em dia esses lugares são como certos animais, estão em fase de extinção, falou Laura.

— Acho importante ouvir um velho boa-vida, talvez ele possa nos orientar. Velhos assim conhecem a agitação noturna.

— Boa sugestão. Conheci um deles. Conhecia toda a vida noturna de Artigas e Quaraí, reforçou Laura.

— *Vamonos, gente,* comandou a velha senhora.

Montevideo, Motevideo

Meu peito geme só de pensar em tudo que poderá acontecer. Muita vida! Muita esperança!

Ao sairmos de Durazno, começamos a estrada com boas conversas.

— Me agrada ser surpreendida, falou a velha senhora. Não me agradam as alegrias com datas marcadas. Geralmente me deixam tristes. Não olho o passado com muito respeito, muito menos o futuro ao longe. Sei quem me espera. Me agrada o presente com suas pequenas coisas.

Ia esticando sua filosofia de vida:

— Com Ramón foi diferente, apesar de sempre me acompanharem as sombras de Violeta. Gosto muito da estrada em que andamos. Volta e meia ele vinha: *Querida, hoy vamonos al Monte!* Tomávamos a estrada por onde estamos passando. Não tem arbusto que eu não conhecesse. Me lembro dos matos. *Los mataran a toos! Pero aun es linda mi tierra!*

O silêncio era pouco, sempre quebrado pela bisavó. Lá pelas tantas, Laura perguntou se ela não se cansava.

— *Si no hablo me voy a los ayres.*

— *Entonces, habla, madrecita!*

— *Si me voy a los ayres, no se me descruben ni los ossitos*!

Rimo-nos.

As narrativas pitorescas e trágicas se somavam umas às outras. Ora se toldavam de nuvens ameaçadoras, ora de um céu de brigadeiro. Das dores já anunciadas, a maior residia na perda de Ramón. A mim e à Laura impressionava cada vez mais o estilo de homem que ele perfizera. Pensava eu, por vezes, ser do imaginário de madrecita a exaltação ao

seu homem. Não seria em razão da ameaça do primeiro que o segundo a impressionava tão bem? As dores do primeiro marido foram sem medida, e sem medida as alegrias de Ramón.

— Certa feita, como o preço do gado baixou de um monte pra canhada, ele não teve dúvidas; vendeu um bocado de terra e disse: a vida é tão curta. Não vale o sofrimento de ter a vida reduzida. Comprava do bom e do melhor. Somente minha Violeta sempre inquieta, não via nada de bom nos esforços do pai. Por incrível que pareça, quando encontrou o maldito Gordón é que tivemos paz. Mesmo que apanhasse do sacripanta, ela o amava. Desconhecia, sim, as ameaças a Betina. Veja só o que aconteceu certa feita: dia seguinte ao dia que esse diabo quase a matou, pedia por ele, parecendo um menino de uma mãe criminosa. *Ella derrumbó água hervida sobre el. Vean que triste! Asi mismo el pequeño pedia por la madre. Ramón, entonces, abraçaba su hija y casi llorando dicia:*

Que amor tienes tu, my querida? Ella hablava: yó no se, pero es mio! Por eso me pregunto quando tu padre lo mató, si fué lo mejor. De otra parte, no se pongava remédio en la violência.

Recurdo el dia de la muerte de my Violeta: Ramón se me amó tanto e com tantas maneras de expressar su ternura, creendo que se habia quedado loco! Nó, la falta de la hija se dió en un amor que yá no se daria más a ella. E como cantaba mi Ramón con Cabrera!

Me duele hasta la vida
saber que me olvidaste
pensar que ni desprecio
meresca yo de ti.

Y sin embargo sigues
unida a mi existencia
y si vivo cien años
cien años
pienso en ti.

Depois ela se ria como uma criança, feliz ao explicar:

— Ele cantava para que tivesse pena dele, esperando pra eu dizer: te amo, como se aí estivesse o melhor pedaço de Deus. O canto dele é que se tornou verdade em mim, porque posso dizer: se vivo cem anos, cem anos penso nele.

Falava depois de sentimentos quase intraduzíveis:

— Como usted habla, Sávio, si de las piedras resultam possibilidads no descubiertas, mucho, aun, se tiene entre mi e Ramón. Hai sueños, recurdos, sonidos, palabras, sentimientos, canciones, movimientos, suspiros, águas, comidas, fechas, horas, colores, y todo que se pueda crear, nada sucede sin Ramón, pues el enseñó su modo de ser que se prende como el ayre em mi. Si más cien años tendré más cien años tendré Ramón. Como el campo se veste de yerba y gramo asi me cubro de Ramón. Dicen a mi que me livre de Ramón: yo les digo: que se van à la mierda. Mi vida también es Ramón. Diós también es Ramón. Vivo mi alegria ramona. Suspiro con el, sin olvidar de mi história.

A sua narrativa dos movimentos de idas e vindas a Montevideo nos impressionava. De dois em dois meses, com a venda de um gado, se iam os dois pra assistir películas, como dizia, e se amar em Montevideo. Paramos quatro vezes pra contar histórias dos lugarzinhos onde paravam para curtir a noite.

— La carretera no exitia como hoy. De espasito se nos íamos contentos de andar. Rufo y Rufino y mas tarde Violeta soñaban quando íamos con nuestra tienda de campaña. Violeta tenia miedo, aunque Ramón se les narraba historias. Nada y nadie entretenia mi chica. Quedava a veces mirando com sus hojos grandes al cielo, orando a Diós pa venir en su direción. Después llorava. Yo, entonces, preguntaba: Hija, que tienes?

— No lo sé, no lo sé! respondia! La esperança venia em mi socorro. Pero asi cada dia más se le muria la suerte hasta descubrir el maldito Gordón. Basta de melancolia... Se la madre se fué que venga la hija...

— *Que venga Betina!,* reforçou Laura.

Na última vila antes de Montevideo, paramos *el coche a ver una fábrica de quesos.* Acho que no Uruguai alguém possui segredos especiais vindos lá dos fundos da Ásia menor. Não me contentei em

comprar o mais risonho deles. Pedi uma faca e cortei uma fatia de fazer inveja ao maior comilão. Laura me olhou achando feia minha atitude. A velha:

— *Me gustan también los quesos!*

Laura, então, se converteu à nossa sanha devoradora. Já se faziam doze horas, então, *almoçamos tortillas, unas tiras más y uno refri.*

— Que indigência, criticou Laura.

Donde estás, Betina?

Putz, exclamou Sávio, andando três dias de um lado pro outro e nada de Betina. Os esforços iniciais foram densos e atentos. O velho senhor, dono do Hotel Europa, se mostrou inicialmente entusiasmado e solidário. Depois, vendo a inutilidade do empreendimento, sugeriu a Sávio que consolassem a velha e parassem com a investigação. Frente a essa sugestão, Sávio mostrou-se contrário, dizendo:

— Tanto quanto Josefina, somos eu e a Laura os interessados.

— Não está mais aqui quem falou, concluiu o velho Octávio.

O esforço se redobrou no *Face*, mas as Betinas eram muitas, mas nenhuma de Artigas. Todas foram provocadas, mas sem resposta. Nenhuma igreja deixou de ser visitada. A velha insistiu, então, em visitar as antigas casas de mulheres. Antes, porém, de seus netos falarem ouvimos*:*

— *Basta! Si no quieren, me voy solita!*

Calamo-nos.

Ainda cedo, deixando os dois descansando, falou pra si mesma: *voy a tomar un coche*. Segunda-feira, com tudo pra desanimar, ela tomou um táxi sob a confiança de um velho taxista. Este a levou até uma das casas: frustração. O taxista, vendo a sua tristeza, compadeceu-se. E não era pra menos: quando saiu do local sem resposta, seu rosto revelava um apelo gritante. Se já seu rosto parecia uma rústica cabeça romana, carcomida, uma estátua rígida onde o viço se perdera, agora se revelava de uma angústia assustadora.

— *Madre mia, falou o taxista, no te afliges que también tu me matas.*

Ela pediu desculpas:

— Solamente más una casa.

O velho falou-lhe sobre uma um pouco mais retirada, frequentada por gente reservada: professores, doutores, autoridades e homens de fé.

— Las mujeres son de primera.

— Pero el precio de su coche es alto.

— No, es en una calle no mucho lejos de nuestro retorno, respondeu o seu Javier.

Lágrimas desciam percorrendo linhas de cujo rosto se ofereciam muitas.

Na modorrenta manhã surgiu uma expressiva conversa.

— Que te lleva tanto a ver tu nieta?

— Toas mis hijas se muriran y ya no tengo ninguna pa ofrecer mis brazos. Necessito, también, de oir la voz de mi nieta pa no sentir más el silencio de mi sangre perdida.

— Si, yó la entiendo un poquito más. Me voy a caminar con usted. También yo hejf perdido my mujer y lo sé como es estar solo, mientras my oido tiene la voz de mis hijas.

Depois de Josefina narrar sua história, o taxista calou acabrunhado, mas decidido, também, em encontrar a senhora Betina.

— Estoy con una mujer de cien años y apassionada por su vida.

— Ny tanto, señor! Sois una persona de ojos buenos!

— Digame por que dos jovenes, como hablaste de Laura y Sávio, enredaranse con una bisabuela de cien años pa descubrir una... una...

— Una putana puedes decir!

— Sávio, explica mejor que mis palabras. El dice que em su curso de Ingeniero de Materiales se apercebió que hasta las piedras, los cuerpos, los hilos, los granos tienem muchas possibilidads de venir a lo que se quiera... y el, como vivia solamente de su trabajo y de su casa... piensó... piensó... Que cosa es mi vida tan pequeña. Entonces, empezó conmigo a ver se la vida no se fuera tan cerca de el... tan parvo. Asi me habló. No lo intiendo bien... cosa asi.

— Que lindo, mi señora!

— Mas que lindo, no le hablé ni la mitad de la misa... También Laura a principio distante... Se arribó a tener ganas de ampliar las relaciones con el... Aunque tiene mejor sus pies planteados em la tierra.

— Es verdad, las mujeres tienem mucho miedo de vivir sin protección.Tienem un mejor sentido de seguridad pa sua família. Soy ingeniero jubilado. Comprendo todo que he dicho su nieto. Nosostros, hablo de los hombres, tenimos pocas visiones de la vida. Sonrio con su nieto quando piensa de se oir a Dios en las cosas. La conversion de su nieto me encanta. Donde se saca que Dios insufla su espírito desde la matéria. Yo creo que su nieto podrá hacer más con sus inclinaciones...

— .....

— Acá llegamos... La casa de los expertos. Que tengas suerte!

— Gratias...

Pagou o taxista, agradecendo-lhe a paciência.

Em Porto Alegre e Quaraí

Francisca estava nos cascos por não entender a estranha decisão de sua filha. Eu aqui me quebrando pra mostrar os desenhos, modelos de joias a serem moldadas, e, ela enfiada em Montevideo atrás de uma puta. As clientes quase todos os dias querem saber de outros desenhos. Cada ideia dessas fazendeiras cheias de notas e de nove horas! Não aceito o que minha filha me disse: a vida aqui não tem diferença do tique-taque de um relógio, por isso elas precisam de joias pra brilharem um pouco. E as da cidade, que carregam ouro só em festas, que as ruas são um perigo pra elas? Ela sabe que eu tenho muita beleza ao meu redor. Até um terneiro que nasce de uma vaquinha é motivo de alegria. Tudo é como antigamente, sim. Ela é que ficou tão diferente e não vê, no campo, um sol diferente a cada dia. Agora vem ela, por influência de Sávio, querer dizer que se pode amar mais, e é isso que ele anda ensinando. Isto de dizer: tudo pode ser mais do que é. Falar de nossas casas como se fossem tocas já é ofensa. Quem vai conversar com meu genro sou eu. Quero só ver o que o tio Roberto vai dizer!

— Não dá pra estranhar as irritações de Francisca, falou minha esposa. Depois que Laura iniciou a divulgação de seus trabalhos no campo, não poderia deixar tudo assim no mais. Bastava Sávio levar sua bendita bisavó. Não lembra o combinado. V*ocê escreveria um livro sobre o amor quente de um casal. Essa história de sair por aí pra fazer as vontades de uma velha de cem anos complica a história.*

— Calma, querida, a história não se esgotou ainda. Você que é tão religiosa e até diz ter recebido, de graça, um milagre de João Paulo II, bem que poderia acreditar nas diversas formas da expressão de Deus e nas diversas maneiras de Ele operar a arte erótica. E veja que amar tem tudo a ver com fazer junto coisas diferentes. E convenhamos,

querida, fazer o que os dois estão fazendo é de criar vínculos pra não mais rebentar.

— Cuido de idosos com amor. Não venha me acusar de não amar esta figura centenária que você arrumou. Laura grávida e deixando seu negócio rolar. Bom, acho que não foi uma boa.

Tia Antônia opinou, sem muita convicção, sobre a aventura do trio:

— Acho que o fato de a velha e Robusto já terem se reconciliado fez bem a todos. O que Sávio está fazendo, acho que está bem feito. Vamos ver: se ele não começar a relaxar nos negócios de sua empresa, tudo pode ser aceito. Eles dizem, falo de Sávio e Laura: se um ratinho cuida de suas crias, por que não cuidar das preocupações de uma velha? Mas quero ver no que tudo vai dar.

Bem que Teodoro alertou:

— A natureza, posso falar de cátedra, tende a se estender. Vejam só o que se pode fazer com um grão de milho. Metem uns genes e já sai outro. Não sou muito de religião, mas acho até que nossa filha tá uma irmã Dulce pra levar de cima pra baixo a velha Josefina. O que fazem com a genética tá menos do que nossa filha faz. Também estranho o fato de dar tanta bola pra tão falada Betina. Pode ser que esteja nascendo uma nova geração, mais aberta e mais feliz. Nunca vi quererem tanto uma puta. Meu genro, acho que tá vendo demais. Espero só que não deixe mal a minha filha. Casou, tá casado. Vou falar pro Robusto mandar o guri pra cá. Quem sabe venha fazer uma pescaria e traga o piá junto e esqueça o outro lado do rio.

— É o que falo: isso tá indo longe demais, reforçou Francisca.

Diferentes opiniões ocorriam em Porto Alegre. Valentina conseguira amenizar os reclames de Roberto.

— Veja que mercado pode ser aberto em Quaraí e Artigas. Toda mulher é semelhante em apreciar o que é belo. Imagina a Laura mostrar pras castelhanas a nossa coleção de modelos. Nossa, seu Roberto! Ainda mais agora que a gauchada está enchendo as burras de bufunfa com a plantação de arroz.

— Vamos ver, mas acho que é muita loucura carregar uma bisavó pra se encontrar com uma neta mal falada.

— Não fale mal de meu irmão. Acho que ele está tratando a sua sobrinha como nenhum homem trata uma mulher.

— Deixa pra lá, a nossa sociedade é que conta... Se não vender, fim de contrato.

— E se render mais que o esperado?

— Vamos ao serviço, que você deve compensar a descansada de minha sobrinha.

Enquanto rolavam essas conversas, Robusto e Aurora viviam momentos de emoção. Ele, por razões muito pessoais, torcia a que encontrassem Betina. O crime cometido deixaria o culpado, ainda que com desculpas, mais tranquilo. E se não matasse *aquel desgraciado? Pero aquel loco la mataria como estuvo matando Violeta.* Assim ia minimizando sua dissonância. Por consolo, conversava com uma nota só: a viagem de resgate de Betina. Mostraria pra Josefina a bondade de sua família. Afinal, era ele que financiava a expedição. Aurora, entendendo o mal-estar do marido, ouvia-o apontando as possibilidades de a encontrarem.

— Essas mulheres vivem em diversos lugares de lazer e você sabe que nosso filho é observador. Auxiliado com os olhos ainda bons da velha, são capazes de ver Betina em qualquer esquina.

— Mas Montevideo é grande!

Assim se iam noite adentro.

Depois o silêncio da casa. Na alma de Robusto, porém, os fantasmas afastavam a melhor sorte de sua gente em Montevideo, principalmente depois do primeiro dia de iniciativas frustradas. Mais fantasmas e mais horríveis apareceram, após o telefonema entristecido de Sávio, ao fim do terceiro dia de buscas.

— Pai, sei lá onde se meteu essa mulher! Visitamos até as igrejas católicas de Montevideo! Nenhum padre sabia de pista alguma.

O que salvou o dia foi a brincadeira de Robusto:

— Quem sabe visitem os conventos também. A essas alturas, filho, a frustração não pode ser grande. Fizemos o possível. Me sinto aliviado.

Ele sabia não ser verdade: a alma carrega seus demônios inevitáveis. Apreciam permanecer.

Minha mulher:

— Esta conversa de Quaraí e Porto Alegre, poderia ficar de fora. Só atrasa a força a que se propõe tua escrita.

— Deixa, que é pra quem quiser saber o quanto se diferenciam as versões e os interesses sobre as mesmas coisas.

A vó caçadora e o taxista feliz

Laura e Sávio estavam em polvorosa. Feitos gatos do mato corriam pelas escadas e pelos corredores. A velha desaparecida! Ninguém tinha qualquer indicação de quando havia saído ou se isso havia ocorrido. Para aliviar a tensão, Sávio brincou:

— Vai ver, desencarnou! Mas como, se nem carnes tinha? *Por favor, señora, por favor, garçon, por favor, querida, por favor, muchacha, por favor, chico* e vinha o angustiante apelo *has visto una vieja, una persona mayor, una señora muy vieja, uma mujer asi, asi, asi?*

De todos, o apelo restava inútil. Meu Deus, o que faremos? Puta merda, a velha fugiu não sabemos pra onde, era a exclamação mais comum. Depois foram até o ponto de táxi. Pra felicidade um deles falou:

— *He visto, si,* e a descrição concordava em gênero, idade e aspecto com a fujona.

O tempo indicado pelo taxista apontava para uma saída ainda muito cedo. Veio o inevitável:

— Te falei que ela iria cedo pros puteiros, pontificou Sávio.

.....

— Ela queria ir pessoalmente e falou: *dejamme sola*... Mas cadê nossa atenção? insistiu ele.

— Pedi pra não fazer isso!, xingou ela.

— E o que adianta quando uma velha põe algo na cabeça?, falou ele.

— Acho que é da tua família essas valentias, reclamou Laura.

Um táxi estacionou.

— *Miren, gente! Allá esta el taxista de la señora.*

Falaram ao velho engenheiro aposentado pra que os levasse até o lugar onde deixara a dama das pernas finas. Chegaram depois de uma hora e tanto à casa dos expertos. Já não havia quem indicasse ao certo pra onde fora a fugitiva. Uma mulher de má vontade apenas disse:

—*Ella se fué a la calle con la señora Cecília.*

— *Quien es Cecília?,* implorou Sávio.

— *Una vieja criada que trabaja connosotras!*

— *Adonde se saliran, por favor*?, perguntou Laura.

— *No lo sé!*

— *Ah!, si, la vuestra señora sonriase toa!,* concluiu a informante.

— O que nos resta é ir pro hotel e esperar, sentenciou Laura.

Foram até o ponto de táxi.

— *Que quereis?,* falou um dos taxistas.

— *...unas viejas, una asi, asi...*

— *Si, si, fué Felício que las tomó!*

— *Tienem el móbile de Felício?*

— *Si, acá está.*

Sem perda de tempo, o velho taxista se comunicou com Felício. Em um breve diálogo, soube que as duas estavam ainda com ele. Retornando ao seu *coche* comunicou:

— *Ellas estan a salir de la ciudad, pero el coche espera por nosotros.*

Uma hora de expectativa andando atrás do táxi do Felício.

Durante o trajeto, houve desconforto entre as duas velhas. A velha Josefina e a velha Cecília não se entendiam. A criada da casa dos expertos começou a duvidar da sinceridade de Josefina. Antes, porém, que se colimasse a violência gerontológica, avistaram o táxi com as duas. Surgiu um pequeno tumulto em razão da bronca de Sávio.

— *Entoncens, es asi que se hace?,* alterou-se Sávio.

— *Ustedes no han querido visitar los puteros!*

— Pero jamas dicimos pa salir sola.

— Perdon, Sávio y Laura, no queria importunarlos! Dejame presentar Cecília.

— Plazer!

— Plazer!

— Gusto!

Pagaram o táxi, sem apanharem o troco, seguindo, num só carro, na direção indicada por Cecília. *Gratias... Gratias... Gratias! Locos! Tontos...*, murmurou o taxista da casa dos expertos.

Sobre Josefina

Pai, assim aconteceram os fatos. Pois foi desse jeito, ó: ela chegou à casa dos expertos, expressão para se referir aos da classe A, apreciadores da companhia de mulheres que se davam à amizade e à intimidade num ambiente sofisticado. As mulheres, em torno de quinze, escolhidas a dedo por madame Gertrudes, davam toda atenção à sua clientela. Nenhuma delas podia se queixar quanto ao que recebiam em troca da satisfação de seus clientes. Ao envelhecerem se aposentavam sob orientação de um departamento jurídico de Montevideo: veja, pai, põe cidade humana esta! Todas, portanto, trabalhavam sem a violência diária da incerteza.

Josefina foi recebida com estranheza que beirava à indiferença. Chamaram a Madame Gertrudes, a dona do fino puteiro. Alta e de jeito familiar, ficou impressionada com a figura quixotesca de Josefina. Riu-se ao ver a figura longilínea e extravagante, mas sentiu a força de alguém que não carece de se apresentar. O olhar, a cabeça erguida, a postura ereta, um todo acolhedor e reverente eram a indicação de haver uma velhice reinventada. Uma campeira autoconfiante expôs com solicitude. Isso ouvi, depois, ao retornar à casa pra agradecer o tratamento dado à nossa querida velha.

— *Soy Josefina y vengo a ver se puedo encontrar mi nieta!*

— *Como puedo socorrerla en su intención?*

Sem parar um só instante, madrecita revelou a saudade da neta, percebendo interesse de Gertrudes ao pronunciar o nome Betina. *Que Betina tenga su vida, pero me gustaria verla!* A seguir, de forma simples narrou o drama de sua família. À medida da fala sobre as perdas, percebeu mudanças nas feições de Gertrudes. Tomou, então, coragem pra receber uma resposta.

— Por favor, conoces mi nieta Betina?

— Por demás. Tu nieta es mi muy querida amiga! Ella habla de vos!

Houve um grito de alegria e madrecita ajoelhou-se aos pés de Gertrudes.

— Que Bueno! Que Bueno!

Sem grandes emoções, ainda assim comovida, Gertrudes revelou-lhe como conhecera Betina.

— Hace diez años que Betina no es más mujer de mi casa. Ella tuvo suerte. Se enamoró de um maestro y el de ella.

Sávio continuou falando. A dona da casa conheceu-a, sim, num lugar pouco recomendável para a segurança. Betina levou sorte, pois Gertrudes já havia resolvido criar um lugar especial com mulheres especiais, e Betina correspondia a suas expectativas. Durante quinze anos assim ela ficou na casa dos expertos.

— Su nieta siempre se fué muy afable con toos hasta el dia que se quedó encantada por un hombre muy carente igual que ella. Sin más ny menos, yo fui invitada a ser testiga de su matrimônio.

— Gratias a ti e a Diós, pero adonde se puede ver mi Betina

Gertrudes, então, chamou Cecília.

— Por favor, Cecília, prende un taxi e te vás con Josefina hasta donde está Betina.

Bom, por ajeitar as coisas da sala mais demoradamente, Cecília já sabia da história.

Gertrudes quis alcançar dinheiro pra Cecília, a qual foi impedida de fazê-lo.

— Tengo mis pesos!

Mais uma vez abraçou efusivamente a dona da casa.

Entre a casa e o ponto de táxi, Cecília foi reticente por motivo de já ter sido assaltada.

— Los bandidos sacan de miles modos pa robar, falou a empregada.

Bem visto: uma exultante, a outra, temerosa. Somente após o

táxi tomar a direção indicada por Cecília, iniciou-se uma conversa sem embaraços.

— *Miren esta mujer, es nuestro querubin del mejor camino. Ella nos llevará hasta Betina!*

Cecília sentiu-se agradada, mas ainda desconfiada.

— *Es muy lejos donde está mi nieta?*, perguntou madrecita.

— *No, es muy cerca y el sitio es muy lindo. Betina nos invita, vez por outra, a verla!*

Com semelhantes conversas foram indo até nos encontrarmos lá pela metade do caminho.

Lembra? Logo a seguir, não me contive e telefonei:

— Pai, estamos nos aproximando da casa de Betina.

— *No lo creo!*, foi o que ouvi de ti.

— Podes crer! Estamos entrando no pátio. É uma bela casa. Foi assim que aconteceu tudo.

A senhora Betina Benitez

Pai, esta conversa que te mando agora, por e-mail, tem a extensão da outra. Pouco representa a minha emoção. Estou escrevendo isto, meu pai, pra saberes de sua prima Betina. Nestes dois dias de convivência na casa dela, pude avaliar, mais ou menos, quem é essa nossa parenta. Estou mais orgulhoso do que a venda de dez apartamentos. Coisa rara, escrevo isto só a ti, meu pai, de como de uma mulher de percalços pode surgir uma mulher tão digna e sensata. O que mais me encanta nela é a simplicidade. Jamais pensaria que de uma vida tão difícil e áspera pudesse sair alguém tão inteira. Suas palavras saem com certo ar de compreensão sobre a condição humana. Lembra, pai, quando falei sobre minha decisão de ampliar minha afetividade por aqueles com quem convivi e não vivi? Falo de ti, de minha mãe e de Valentina. Muito mais, muito mais devo à minha casa querida pelos modos de ser e de amar. Não revelei toda a ternura que me encanta ao me lembrar de vocês. Digo agora de Laura e do meu pequeno, sem esquecer quem está chegando. Ao falar de Arturo, sinto estremecer meu peito. Todo cuidado é pouco quando penso nele. Não sei como vou conjugar a disciplina com a bondade. Aprendi de ti e de mamãe e sou grato: a austeridade não deixa a leveza se transformar em culturas que minam a alma. Estou muito eclesial e difuso, por isso vou ser claro em meu informe, se é que seja possível. Misturo tudo de tanta emoção!

Madrecita me falou o seguinte: quando Violeta faleceu, Betina rolou por algumas casas de parentes. Depois foi ganhar a vida com programas em Artigas. Daí foi pra Durazno, até, mais ou menos, os vinte e quatro anos. Uma mulher de Montevideo convidou-a pra ser feliz na capital. Que Durazno não era pra ela e coisa e tal. Acreditou. Por crer passou dificuldades numa casa pouco recomendável. Como já lhe

falei, uma das mulheres dessa casa, a Gertrudes, *muy* esperta, resolveu montar uma casa, bordel mesmo, pai, mas de luxo, convidando Betina. Se deram bem. Aos trinta anos, ela começou a temer pelo futuro. Pensou: puta velha não tem vez. Pra se aliviar de sua desilusão foi a uma igreja próxima pra ouvir qualquer coisa que pudesse orientá-la. Pra surpresa encontrou o pároco, frequentador de sua casa, entretanto, ia pra abençoar o ambiente... Ela comentou sobre a presença do padre e suas desculpas: é melhor um pecado abençoado do que amaldiçoado. Dona Gertrudes oferecia um bom vinho, e ele se ia depois de uma boa conversa. Era um dos padres, disse ela, que, em vez de condenar, aliviava as angústias dos uruguaios da região. Foi a salvação dela. Ouviu de um de seus sermões: tem mulheres que de dragões se transformam em princesas. Cristo fez isso de uma puta. Não deixou que a ferissem. Assim sendo, o que pode parecer muito difícil pode ser familiar e confiável. Ao dizer essas coisas, Betina teve coragem de se confessar e confessou não seus pecados, mas sua tristeza. Disse, também, ao padre que sentia saudades de Artigas. *Mi coraçon está sensible,* falou comovida. Começou a ter saudades de sua gente. Lembrou a morte do pai. Ela me disse que dele não tinha saudade nenhuma, mas da mãe, sim. Da bisavó, muito mais, mas tinha vergonha de voltar por continuar com a vida de meretriz. Falei longamente da história toda sobre a morte do pai dela. Temi por sua reação, mas não.

— Bem que fez, porque ele não merecia viver, falou, baixando os olhos com tristeza.

A conversa foi mais longe e mais leve.

— Falam mal da igreja, continuou falando, mas se não fosse ela não teria sido salva. Bem ou mal, concluí os ciclos de estudos primário e secundário, me falou animada. Em Durazno foi que concluiu o secundário, graças a uma diretora que a apoiou, mesmo sabendo da vida e de seus programas.

Vou encurtar a conversa.

— Em Montevideo, depois de trancos e barrancos, conheci a força do Padre Firmino. Ele entendeu que minha inteligência era fora do comum e que poderia continuar meus estudos. Desconfiei um pouco dele, mas vi que era sincero. Conseguiu uma bolsa na Universidade Católica. Estudava pela tarde, conseguindo assim mesmo atender minhas obrigações.

Pasme, pai, um professor aposentado também frequentava a casa de Gertrudes.

— Quando já concluía o curso não é que ele me aparece na Universidade? Fora convidado para ministrar uma palestra especial no curso de Educação Inicial, meu curso. Imaginem meu constrangimento. À noite apareceu entre nós, na casa. Sempre tinha um olhar simpático pra ele, mas não podíamos revelar nossa vida fora daquele ambiente. Aproximou-se de mim, ainda mais confiante. Subimos o andar da casa e conversamos a noite toda.

Ele pagou uma banana pra conversar com ela por todo aquele tempo. Não levou uma semana para sair de lá.

— *Mi suerte! El maestro, asi de edad, era viudo,* disse rindo.

Papai, devo confessar, Betina é uma mulher diferente. Não fique pensando bobagem. Como pode tanta contradição numa só pessoa? Conseguiu preservar a dignidade e a elegância no meio da tribulação. Bonito, não, pai?

Pra resumir, escrevo: ela se casou, assumiu o magistério numa escolinha próxima ao sítio e é amada pela netaiada do professor Teófilo Benitez, *su pareja.*

Veja o que ela pensa e se pode uma ex-puta falar assim, perdão pela brincadeira:

— Ficamos acostumados a ficar em nosso canto a ponto de a gente não se diferenciar daquilo que nos cerca. Somos semelhantes aos camaleões. Tomamos os jeitos e as cores de onde estamos, julgando não haver outro modo de ser. Caminhei por diferentes caminhos e, agora, apenas estou tomando jeitos do ambiente afável em que vivo. Sávio, tenho medo de me cansar dessa vida de rotinas caseiras. Ainda bem que os livros me fazem voar!

Imitando dona Aurora: o que não faz o estudo?!

Toda esta conversa que te falo, seu Robusto, tornou-se encantadora com a presença de Laura. Nossa, como ela se mostrou curiosa sobre a vida das putas. Fiquei até ciscado. Depois me disse: foi apenas para ver o quanto a vida oferece oportunidades. Desconfiei... Toda mulher vê mais do que os homens, dissimulando nada saber, ou diz uma coisa sabendo outra. E vivam as diferenças e a ingenuidade masculina!

Pra finalizar, devo confessar que omiti todas as lágrimas dela ao sair de Artigas e, principalmente, a dor ao separar-se das mulheres da casa de Gertrudes. Nada escrevi sobre a humilhação na escola de Durazno. Muito menos sobre a ida pra Montevideo e os abusos sofridos naquela casa que quase a desgraçou. Mas o que mais me intrigou foi o seu olhar distante, como que buscando o que se perdera naquela casa. Desconfio que tenha parte da alma inquieta de Violeta. Terá a mesma serenidade depois de se aposentar de sua escola?

Tiro conclusões de minha experiência com Laura nessa correria de Josefina: acho ser impossível me afastar de Laura depois dessas impressões. Somos feitos de ações conjuntas. Espero da virtude do amor: seja indelével em mim e em Laura! Bênção, pai!

Voltando pra casa

Laura andava moída. O corpo lhe doía, entretanto, nunca a tinha visto tão contente. Ao telefonar, ela ouviu o Arturo chorando de saudade ao dizer de uma pescaria sendo preparada com o avô. Um anzol desse tamanho pra pescar um peixe desse tamanho.

O telefonema do tio, porém, deixou-a um pouco agitada em razão de tantas encomendas atrasadas. Nada disso a afetou tanto quanto as ações conjuntas e a solidariedade prestada. Ao se despedir de Betina e de Josefina, tive a sensação de ela ser a mãe daquela felicidade envolvendo o sítio de Betina Benitez.

Sinceramente, o sentimento gerado poderia ser traduzido como o de heróis vindos de uma grande conquista. Desconfiei seriamente de que o amor não se faz gratuitamente, a paixão pode ser. Ela se acalmou quando a consolei, embora sem grande convicção: que pudesse confiar na defesa que armaria sobre nosso apartamento. Um pequeno exército, pra não sentir nosso lugar ser desonrado por criminosos soltos numa cidade sem segurança. Nessa promessa de um casal face ao desamparo surge o amor, pois a vida exigia de nós essas amarras e armas. Vi que o amor tem exigências, semelhantes às dos lutadores ao se unirem por laços fortes diante da morte. Considero o amor não distante dessa alegoria. Agora, saindo de Montevideo, afastada a solidão de uma velha, sentíamos uma ternura maior. Ainda carregávamos vidas mais próximas de nossa inteira responsabilidade. Ela pediu um hotelzinho. Aquela foi uma noite completa. Havia ternuras salvadoras no campo. Não vimos anjos, mas bem mais sobrevoavam aqueles que não víamos. Um cheiro de pastagens e visões de pastoreios enchia nossa cama. Ainda, na fresca da manhã, continuamos nossa estrada.

Antes do meio-dia telefonei para casa e mamãe atendeu o celular.

— Onde vocês estão?

— Chegando em Artigas.

A estas alturas as observações de minha mulher foram favoráveis, mas não entusiasmadas: você está tirando conclusões um tanto precipitadas sobre a certeza do amor dos dois. Tenho a impressão que a vida a dois – sozinha já é complicada – está muito delineada. Parece um trem com trilhos já postos para andar. Nós mesmos carregamos dificuldades. Acho, sim, que em teoria Sávio está certo. Mas você perguntou pra Laura se ela concorda?

Fui dormir sem saber o que dizer. Nem sempre as circunstâncias atuais imprimem seus recursos ou suas ciladas. Continuemos a ver de perto nossas emblemáticas figuras em busca de seu destino.

A chegada em Quaraí foi aquele alvoroço. Ouvia-se de tudo: graças a Deus, voltaram! O que deu nos dois de procurarem aquela coisa? Onde deixaram a velha? Como é que é a tal de Betina? Encontraram ela onde? Como é o jeito dela? E a velha não é muito impertinente? Essa foi a última pergunta. Laura interviu bruscamente:

— A mulher de quem falam é uma professora muito bem casada! Uma pessoa muito amável. E a velha de quem falam é a bisavó Josefina Pájaros Artigas. Uma senhora extraordinária. Faria por ela tudo e mais um pouco. Sei que acham que perdemos tempo. Foi o melhor tempo gasto até hoje. Vamos tomar nosso chimarrão, e o Sávio e eu vamos contar tudo. O silêncio se fez na casa de Francisca e Tenório que recebiam a tia Antônia e o seu Aparício. Ouve palavras de encantos e surpresas. Aparício, até agora quieto, mostrou-se o mais admirado. Ao final da narrativa se expressou como bom campeiro que era.

— Isso é que é! Tenho certeza que o doutor Robusto vai tirar o peso da garupa. Se matou a tia, foi bem matada, tem a prima de volta. Ela vai tirar o arame farpado dos peitos do índio: um taura bem vivido, mais tranquilo agora.

Em casa

Antes de Porto Alegre chegar, havia o silêncio extenso do campo. A quietude os envolvia. O sentimento de gratidão de um pelo outro não se dizia. O seu pronunciamento implicava-se em cordas invisíveis. Para encerrar o silêncio:

— Acho que estou grávida. Se for verdade, já me assusto. Teremos condições de sustentar os dois? Posso esperar ser mãe sem medo sabendo que você não vai me deixar pobre? Você sabe que mãe é assustada. Nada nos faltou. Nada nos faltará. Desde já amo a nossa criança. E pra teu consolo: Enquanto estou recompondo laços e fazendo outros, não significa que fiquei um São Francisco. Ainda tenho ganas de meu trabalho. Telefonei diversas vezes ao peão que deixei em Quaraí. Ele está dando conta do recado. Diante das festas e coisa e tal de tua casa, esqueci de dizer que temos cinco negócios afivelados *con los rancheros de acá.* Vou aguardá-los no escritório pra mostrar os apartamentos a *los campesinos distinctos*.

— Aprendi muito com tuas atitudes, querido. Andava distante da vida. Como disse Betina: fixada demais em minha arte, me tornando pequena e satisfeita. Agora posso retomar meus desenhos sem perder a noção de minha gente. Pretendo também me envolver mais com alguma atividade social.

— E que tal inventarmos uma atividade junto a uma instituição...

— Interessante, mas devagar, que o santo é de barro.

Por fim, Porto Alegre. Antes de se irem pra casa de Aurora, foram descarregar a muamba, que tudo carecia de limpeza geral. Ao se adentrarem, Sávio deu de cara com alguns rascunhos de Laura sobre a mesa.

— Minha santa imaginação! Olha estes desenhos! Não havia reparado na leveza deles.

— E nem imagina aqueles que desenhei em minha mente.

— Poderosa!

A ternura andava solta.

— *Vamonos,* falou Laura, *que se reventa mi coraçón pa ver Arturo!*

— Sabe, Laura, por pensar no pequeno, lembrei de minha infância. Como pássaros me vieram imagens. Ainda carrego um piá em mim!

— Não vai faltar oportunidade de narrar! Agora deixa tua infância descansar que eu quero ver meu infante.

— *Vamonos!* Já estou com saudades de Josefina.

— Tomara que a netaiada de Benitez queira bem a ela.

— Meu Deus, o que falarão as duas!

Do encontro

Ela, a mediadora, me alertou sobre o fato de não haver narrado o encontro entre Josefina e a neta.

— Está bem, está bem. Laura e Sávio podem narrar a hora principal. Nem sei bem como descrever esta hora de sol puro em que as palmas e as árvores ficaram paradas, enquanto um jardineiro tosava alguns arbustos.

— Imagino a tensão dentro do carro pra conhecerem Betina. O coração da velha, meio fraco pela idade, deveria estar a mil.

— Não se preocupe, que o meu também andava meio esgarçado.

— Conte, sem demora!

As saudações e os abraços foram efusivos. Além de Valentina, Robusto e Aurora estavam presentes Roberto, sua esposa e a prima Rafaela. É claro, o pequeno Arturo, o mais orgulhoso de todos, que filho, se não se perturbar, tem por espelho a cara dos pais.

— Por favor, filho, como foi o encontro?, instou Aurora.

— Deixo pra Laura, que é mais observadora.

— Então, todos nós com o coração saindo pela boca. Acredita, dona Aurora, que a velha Josefina, abriu a porta antes de o carro parar? Aquelas pernas finas pareciam duas taquaras querendo manter o equilíbrio do corpo indócil. Gritava por Betina. O jardineiro, depois soubemos, era o Benitez, marido dela, saiu em socorro vendo que não se manteria em pé.

Valentina passava as costas das mãos em seus olhos.

O espanto dela me impressionou. Se algum Deus chamasse dizendo que chegara sua hora não teria maior efeito. Jamais vou esquecer a espantosa figura.

— Lembra o que dizia Josefina?, instei.

— *Mi nieta! Mi nieta! Donde estas querida? Mi vida, donde estas?*

Uma figura inesquecível! O vento esparramando os cabelos mal penteados.

A voz de Laura se embargava, provocando um silêncio comovido.

— Lembra, Laura, de quando Betina apareceu na porta?, forcei que continuasse.

— Se lembro! Ela quebrou, de cara, a minha imagem que tinha de Betina. Imaginava uma mulher desgastada pela história de mudanças e de sofrimentos. Ao contrário, vi uma mulher bem conservada e linda, beirando os quarenta, ou pouco mais. Sorriso largo, ainda que assustada. Quando reconheceu Josefina, houve lágrimas soltas. Quando vi as duas estreitadas, parecendo uma árvore tomada por outra, vi a ternura lançada ao vento. Chorei, depois, abraçada também.

— E eu senti que tudo valeu a pena. Josefina encontrou a parte da alma que lhe faltava. Abracei-a principalmente por papai. Percebi que se abria uma porta nova para nossa família, interveio Sávio.

— Depois entramos na casa. Tudo limpo e bonito. Benitez começou a perguntar pra saber da extensão do acontecido. Sabia em parte da história e falou sobre o interesse de Betina em visitar os parentes de Artigas e Quaraí. Quando falei que morávamos em Porto Alegre, mais ainda se abriu o semblante de Betina. *Muy cerca de nosotros e se puede ir de avión,* ela falou.

— O que mais gostei, continuou Sávio, foi ver a ternura de Benitez por Betina. Percebi o quanto Josefina se havia modificado. Seu rosto resplandecia ao olhar pro casal. Por certo, o entusiasmo por Ramón se renovava no espelho de sua neta. Passado o grande momento, começou a surgir o principal. Perguntas de toda ordem fluíam de Betina. Demonstrava sua emoção, tendo trêmula sua garganta. Betina surpreendeu-se muito com a notícia de ter sido Robusto quem matou Gordón. Foi aí que temi pela reação em torno de meu pai. Ela olhou pra mim, parecendo agradecida. *Se murió el diablo!*, disse, ou coisa

parecida. Depois falou de seu sofrimento e das formas perversas do comportamento dele em família. Outra hora conto detalhes sobre as palavras dela. Pai, esteja tranquilo; o mal que foi feito foi bem feito. Não é certo fazer justiça por conta própria, mas, se o mal é tamanho que não cabe nas formas da lei, não sei se não é justo apelar para o expediente pessoal a fim de acabar com ele. Dá pra dizer que é defesa pessoal.

— Deixaram por que a madrecita lá?

— Ela pediu pra ficar. Tampouco Betina deixaria que se fosse.

— Sabe, meu sogro do coração? Preparamos antes de partir de Montevideo uma agenda de viagens. Gostamos do financiamento. Pensamos em uma viagem de avião pra Montevideo. Quem pediu foi Betina. E sabe que o Benitez provocou pra realizar uma pescaria no rio Quaraí? Disse que aposentado precisa de movimento.

— Tudo a seu tempo, minha nora. Acho que ir pra Montevideo faria bem pra Aurora.

— Estou dentro, Robusto!

A estas alturas, Arturo olhou pra todos.

— E pra mim só sobra escola?

— Filho, consolou Laura, trouxemos um jogo. Você vai adorar.

— *Tá uma gracinha, disparou ela.*

— *Que fazer se foi assim, respondi.*

Dias de conflitos

Mário Benedetti narra, num pequeno conto, a história do uruguaio que se acordava facilmente quando havia pesadelos. Os pesadelos descobriram uma maneira de perseguir o homem sem acordá-lo. O uruguaio, de sua parte, descobriu uma maneira de driblar os pesadelos: sonhava que dormia. Pois vejam, os pesadelos do uruguaio se passavam leves, se comparados aos de Sávio e Laura. De olhos bem abertos e de tensões contínuas, sem a chance de qualquer sonho, tiveram que enfrentar uma amarga realidade. A vida nem sempre está de brincadeiras ou de aventuras bem-sucedidas.

A gravidez transcorria tranquila; somente aos seis meses, detectou-se uma anomalia preocupante na formação do encéfalo da menina. Valquíria, o nome dado à menina. Os fantasmas começaram a rondar a casa. As noites mal dormidas e os sonhos persecutórios se revezavam. Irritações mal controladas começaram a substituir os diálogos. Aurora foi quem mediou os conflitos que se iniciavam.

— Tomem uma decisão: querem ou não querem a criança? Não fiquem se angustiando em torno do problema. Entrem num consenso!

Os dois foram ter com o neurologista que avaliou o grau de comprometimento. A obstetra de Laura, ao analisar os exames de imagem, concluir haver microencefalia, mas não saberia avaliar o grau de comprometimento. Não se traduzia por anencefalia, por isso não seria legal a prática abortiva. Sávio, entretanto, se inclinava ao aborto, pois a gravidade da anomalia dava indícios de vida vegetativa. A opinião de Laura foi de se esperar o nascimento. Uma tempestade se deflagrava com angústias. Sávio, por sua vez, se autodeterminou de não agravar o sofrimento com sua inclinação. Não somaria sofrimentos maiores aos já impostos. Buscaria apenas ver de perto a legislação para o caso.

Aurora passou a ser uma ouvidora extraordinária e mediadora entre os desejos divergentes dos dois. Laura estava enfática em não praticar aborto, embora Sávio prometesse realizar uma autorização da justiça para avaliar a justeza de sua opinião. Lances fugazes, contudo desgastantes, se interpunham entre os dois. Procuraram, então, amenizar o estremecimento com uma ida a Montevideo. Um dia de outras palavras e outros ares com Arturo poderiam minimizar os efeitos da realidade. Percebiam-se alterações no guri. Mostrava-se mais arredio. A direção da escola solicitou o comparecimento do casal. A hiperatividade fugia ao seu jeito de ser. A agressividade com os colegas de sua série não era mais sustentável. Os dois notaram que não estavam conseguindo lidar com a gestação de Valquíria. A vez de Arturo era urgente. Como a alegria saía de cena, os abraços já não eram recorrentes, as palavras não saíam suaves, buscaram soluções, pelo menos, paliativas. Os dois definiram como imperfeitos os vínculos que os atavam. Uma pequena viagem voltada para ele seria bom. O médico garantiu que dois dias não alterariam o processo. O olhar dos dois se tornou mais atento. Se as melhores motivações não são as mais pertinentes, a vontade deve dar conta de nossos transtornos, conformava-se Sávio. Levaram Arturo a um passeio até Artigas, convidando Turíbio e a esposa a irem até Montevideo para se encontrarem com madrecita, Betina e seu Benitez, *muy jubilado maestro de la Universidad Católica de Uruguai*. O tio agradeceu o convite. Assim se foram os três e a pequena-grande incógnita.

As valiosas intenções foram generosas na reconciliação do casal. Viagem boa e bom retorno. O choque afetivo para com Arturo foi oportuno. Entretanto...

De um grande sofrimento

Dois meses depois, nasceu Valquíria entre apreensões. Desde o primeiro momento, Laura percebeu o quanto sua filha era diferente, exigindo-lhe cuidados especiais. Resolveram dividir as atenções. A menina não poderia sofrer tanto. Desde o mamar, ao deglutir davam-se sustos. As reações orgânicas mostravam um estado preocupante; nem a saliva se segurava. O pulmão da criança não se formou bem!, disse o pediatra. E não deu outra na primeira alteração climática: pneumonia. Dois meses de CTI pediátrica. Ao agravar-se o estado de Valquíria, procederam à traqueotomia para ventilação mecânica. Melhora aparente, pois as condições da pele e do músculo ao redor da traqueia não ofereciam suficiente maturação. Mais sofrimento. Estertores horríveis... Dores, dores de doer o coração. Febres em razão do abscesso. Higiene difícil. E o encéfalo mal drenado, maiores transtornos.

Movimentos contrários se faziam na alma do casal. Em Laura formou-se uma simbiose tal a ponto de suas atenções se ausentarem de casa. Sávio passou a ser o pãe, pois a mãe se retirara pelo desespero em ver sua menina em situação limítrofe entre a vida e a morte. Um vínculo absoluto se formava cada vez mais. A desenhista e a esposa deram lugar à mãe de uma só criança. Sávio minimizava o sofrimento de Arturo, explicando sobre as razões da mãe em proteger a pequena. Dizia ele: nós dois somos os homens da casa. As duas precisam de nós. Mas nos corações não cabe muita lógica. Quando Arturo chorava dizendo que lhe doíam as vistas, o pai entendia que seus olhos não viam mais a figura materna. O dia em que Sávio ouviu dele: "a mana não vai morrer?", compreendeu a extensão dos sentimentos do seu piá.

O primeiro e o segundo aniversários da pequena, o segundo natal e as duas páscoas aconteceram no hospital. Era nítida a cisão afetiva entre Sávio e a mulher. Ela não mais cabia nele. Aurora e todos

da família perceberam o casal navegando à deriva. Até as andorinhas percebiam a fragilidade de Sávio, pois, irritado, destruía um ninho antigo. Seu Robusto deixou sua robustez, vendo a gravidade dos dias. *Por Diós,* falou, *no se lanza al mar un amor asi!* Foi ter com o filho para tomar um chope. Nem bem começaram a falar, o pai notou, em seu filho, o quanto doíam as perdas. As conversas amenas, a doçura de Laura, o orgulho profissional, a amizade de Valentina se rasgavam como roupa velha. A ternura de Arturo e a confiança de Sávio andavam desorientadas, se moviam mal. Mais que todo o clima da casa, se perdiam as palavras doces. Havia veneno destilado nas palavras, a censura ferina e os pensamentos hostis mostravam sua face nos rostos acabrunhados. Aquele riso brando dera lugar ao riso irônico. Tudo se desmanchava. Robusto, então, resolveu apelar pra que a casa não ruísse. Começou a falar sobre a história do imperador romano Adriano:

— Ele, lá pelos idos cem depois de Cristo, reformou muitos lugares, construindo cidades romanas com tudo que tinham direito: templos, praças, termas, campos de bigas, anfiteatros, ruas perfeitas. Ele quis, então, fazer de Jerusalém uma cidade à sua imagem, retirando os restos de pedras, entulhos do templo e outras edificações. Pra surpresa dele, a resposta dos seus habitantes foi de preferirem as suas ruínas aos projetos de Adriano.

— E daí, pai, a que vem isso?

— O que era uma ruína para Adriano era a alma de um povo. O significado dado às pedras em ruínas traduzia os sentimentos, as ideias, o modo de vida deles. As ideias de Adriano não devolviam o templo, não continham a história, tampouco a vida dos profetas e dos reis. No pensamento hebreu era o que havia de melhor.

— Se bem entendi, nesse momento para Laura a menina constitui sua vida, apesar de ter o que mais parece uma ruína humana.

— *És cierto!*

— *Y entonces?*

— *Tomes en tus manos las ruínas de Laura. Quizás se cambia too!*

Sávio tomou um choque. Repensou suas atitudes. Na verdade não desprezava os cuidados de Laura, apenas os julgava excessivos. Buscou um psicólogo procurando esclarecer as reações extremas da esposa. A psicóloga afirmou ser uma síndrome de carência pessoal e de um vínculo excessivo, buscando proteger sua filha diante da

morte. Possivelmente os homens jamais entenderão essa simbiose. Uma sinergia de convergência teria afetado Laura de forma doentia, incapacitando-a para outra qualquer relação.

— Por outro lado, vendo a distância em que você se põe, tendo ou não razão, para ela sua reação se passa como desconsideração aos seus sentimentos.

Os efeitos da conversa foram imediatos. Na verdade, Sávio sentia desejos de morte em relação à pequena. O extremo sofrimento cotidiano causado pelas intervenções agressivas deixara um corpo em ruínas, e em ruínas ficava ele. Resolvia a sua dissonância entendendo não julgar justo o desejo de uma filha viver às custas de invasões desmedidas e, pelo prognóstico, ineficazes. Entretanto, isso não poderia servir de desculpas para não aceitar os sentimentos de Laura. Resolveu, então, entrar no espírito materno de Laura, desvelando-se sobre aquele desumano projeto de vida: um amor de sofrimentos feitos aos gritos de dor. Não se furtaria mais de partilhar da dor, inobstante a precipitação da morte.

Um gesto a expiar a falta de ternura poderá resolver a sua revolta. Foi essa a conclusão a que Sávio chegou. Depois de acertar algumas pendências na imobiliária, foi ao hospital. Aproximou-se da enfermaria pediátrica. A enfermeira quis impedir que entrasse, mas o seu "por favor" foi muito convincente. Tomou no colo a menininha. Ela, ao abrir os olhos, sorriu. Foi o que jurou depois. Sons guturais foram emitidos, e um dos bracinhos mirrados encostou-se no braço do pai. Uma lágrima desceu em seu rosto atento. A enfermeira, vendo a anóxia da pequena veio entubá-la, rapidamente.

Ao debruçar-se sobre o pequeno corpo, entrou Laura. Ela aproximou-se, abraçando-o com força. Sávio, por fim, beijou o rosto menor.

Olhou depois a esposa e citou parte de um verso poético de Benedetti enviado por Benitez, repetido por ela:

Es una lástima que no estés conmigo
Cuando miro el reloj y son las seis.
Podrías acercarte por sorpresa!

— Sei que não estás contente porque cuido tanto de nosso bebê. Não mais vou achar ruim que não estejas às seis com nossa criança.

— .....

Sávio viu sobre o bidê uma solicitação de mais uma incisão para retirar o líquido intracraniano de Valquíria Artigas. Baixou-se sobre ele uma angústia insana, percebida por Laura.

— É a primeira vez?, perguntou Sávio.

— A quinta!

— Não me falou!

— Tinha medo de você não autorizar.

— Vais autorizar?

— O que acha?

— Você que cuida decide.

— Tinha esperança! Hoje me disse o médico que a incisão será mais agressiva, servindo apenas pra prolongar a vida por alguns meses. É muito sofrida a intervenção!

— Então não seria melhor o acompanhamento paliativo, querida?

— Você reza por ela, Sávio?

— Não, Ele não vê ou ouve? Se rezar, estou chamando a Deus de cego e surdo.

— Tá bem. Você acha melhor ela ir?

— Estou ao teu lado. Mais que tu, querida, ninguém fez. Tua alma vai sofrer?

— Vai.

— Mais do que o sofrimento sem fim dela?

— Acho que não tenho o direito de tê-la nos meus braços com sofrimentos sem solução. Que Deus cuide melhor do que eu!

Soluços. A enfermeira solicitou silêncio.

— Querida!

— Querido!

Ela resistiu mais cinco dias. No quarto comunicaram que tudo estava no fim. No sexto ela foi enterrada. No sétimo dia, ainda silêncio. Por mais alguns anos se fez dor entre os dois.

A vida e-terna de Josefina

Aun que no se le diga: las hai! A expressão favorita de Benitez traduzia o que pensava da velha bruxa caseira. Tinha dela uma admiração, não contida em palavras fáceis, de fartos sentimentos. Em telefonemas, não se cansava de agradecer a Sávio pelo presente dado. Os netos, inicialmente assustados com a figura exótica da velha, aos poucos se encantavam com as suas histórias. *No tanto por la história sino por la expressión.* As estranhas narrativas mostravam uma literata saída do campo, posta aos ventos da imaginação. Todas as noites, durante cinco anos, ela criava almas telúricas, impressas com sinete em seus netos caídos do céu. Não houve noite sem lágrimas e risos altos. Com mímicas perfeitas, dadas por largos e finos braços e um rosto espetacular, se fazia a perfeita performance pra histórias dantescas e quixotescas. Terrível foi a noite em que encerrou a narrativa da vida louca de Quixote e das lástimas de Sancho por não conseguir convencer seu amigo a retomar sua vida de aventuras. Todos os netos odiaram Branca de Lua por vencer o cavaleiro divino, metendo-o de volta à sua aldeia, tendo que comer batatas e trabalhar como um colono sem grandeza alguma. Ao momento de madrecita dizer o que dissera Cervantes, pondo fim ao seu herói, ela mesma chorava: *Como las cosas humanas no sean eternas, yendo siempre en declinación de sus principios hasta llegar a su último fin.*

O menor dos netos, Minguito, não aceitou uma vida tão grandiosa se terminar tão trivial. Prometeu, quando fosse grande, escrever o último livro de Quixote.

— *Voy a mostrar Quixote en Uruguai. El va a ser pareja de Josefina.*

Todos riam de madrecita.

— *Miren que lindas cosas se salen de la vieja cabecita!*, falou o piá.

O interessante que os oito netos, quatro por quatro, divididos em meninos e meninas, não a viam como uma velha, mas como alguém saída das nuvens ou misteriosamente caída não sabiam ao certo de onde. Não lhes fora dito sobre a história de Josefina atrás de sua neta Betina, tampouco da sua vida pregressa. Essa aventura pitoresca saiu da boca de la madrecita, como por vezes a chamavam também.

— *Tan pictóricas como de Cervantes eran sus propias histórias*, reafirmava Benitez.

Da última vez se expressou: uma vida larga pode ser movida a vilanias e sofrimentos. E disso ela teve de sobra. E por falar em sofrimento, madrecita foi vista gemendo. Fomos ao médico. Uma lesão intestinal valeu um preocupante diálogo: que se faz com um tumor maligno com esta idade? *Saquelo!*, foi o ponto final nas dúvidas. Em uma semana a velha senhora voltou pra junto da gente. Betina foi a cuidadora mais solícita por três dias. Depois ela própria tomou conta de sua convalescência.

— *Betina, te pido a no mirarme como se fuera uma muerta. Estoy viva!*

E mais que antes vieram histórias *tan vivas como se fuera ayer.* A maior lição, recordava mais tarde Betina, foi a narrativa de sua vida com Ramón. Mostrou de uma maneira contundente a diferença do amor. Garanto que as crianças aprenderam a divisar condutas e evitar em si mesmas os males. Pedrito, por ser o mais duro de todos, pra não dizer violento, ouviu dela a dura palavra: *se no te cambias te vás ser como el Gordón.* Assim fazia ver por exemplos as diferenças da maldade e da bondade. Depois podia se ver Pedrito sofrenar palavras por uma vontade conduzida como se conduz um cavalo xucro. Trazia do campo exemplos vivos.

— *Un perro que mata ovejas, siempre matará. Entonces que se murirá por las manos de su dueño. No hai oposisión entre animales e los humanos. Que se maten lo perros locos, antes que nos maten a nosotros.*

— *Adonde están los perros locos, madrecita, preguntó Madalena?*

— *Acá, mi querida!*, apontando para o coração.

A velha começou a provocar tanto o espírito das crianças que Betina a levou para a escola.

— *Aunque muchas de las maestras no se las gustaban oir la vieja hablando: la moral no es una cosa propia de la escuela. Aca se aprende ciência!*, murmuravam alguma vozes.

Betina contradizia tais inclinações educacionais.

— *Ustedes quieren personas competentes, pero hai que tener personas interessantes*, repetia Betina.

Ao ver tudo isso, Benitez, afeito em lições teóricas da literatura, aprendeu a ver o lado afetivo e ético na literatura. Os efeitos de madrecita, pelo que se notava, eram evidentes.

Quando se via a velha caminhar ninguém dava um pila pelo corpo feito um fio e pelos cabelos parecendo estar sempre ao vento. Um vulto literário, pois os meninos ao serem solicitados a pintar ou descrever sua figura, não apontavam de forma acentuada os limites físicos. Ao contrário notavam a grandeza de seu espírito. Nas figuras da gurizada aparecia uma velha muito linda, ainda que seus cabelos estivessem em pé.

O maior desafio seria perdê-la. Tal temor levou a conversas pouco veladas. Em sendo assim, ela ouviu as palavras preocupantes. Chamou Betina falando:

— *No temas querida, io lo se que los dias son muy pequeños em mi vida. Gratias a la vida, que me há me dado tantos años, como canto Violeta Parro. No temas que los dias ahora sean breves.*

Betina acercou-se de alguns cuidados, pois sua coluna também se fragilizava.

—*Querida Betina,* concluiu, *no me tengas temerosa. Soy feliz por tambien decir adiós. El câncer que se lo quitaram, no es solito. La muerte no vien sola. Pero amo más, asi Diós sea amado.*

Perduram-se os dias. Nenhum dos Artigas deixou de vê-la. Até a menina Valesca, irmã tardia de Valquíria, veio visitá-la, impressionando bem aos Benitez terem visto tanto respeito e carinho.

Após cinco anos da cirurgia, ela se pôs a falar de carquejas e caraguatás. Nada escapava de objetos e dos falecidos de sua infância.

Havia um apelo antigo insuflando o peito. Um livro que se fechava. As crianças olhavam-na como um passado de encantos. Solicitou com ênfase sua ida para Artigas, precisamente para sua casa de campo. Por mais insistentes os argumentos de Betina sobre a venda de sua casa e o sítio, respondeu:

— Quero ver o campo e minha gente.

Por fim levaram-na para ver os vivos e os falecidos. Abraçou Turíbio mais os bisnetos. Betina, feitos os rituais de despedida, trouxe-a pra Montevideo. Nem bem completada uma semana, encontraram-na sem vida. Falecida, semelhante a um fio branco. Não teve pente pra pôr melhoras na cabeleira. Vieram todos. As crianças diziam ter visto ela espalhada no céu. Era a cabeleira se desmanchando, riu entristecido o avô Benitez. Betina chorou na despedida de todos. Sabiam: não fosse madrecita jamais se formariam os laços.

O caso Valentina

Mania de querer dominar os sentimentos, os gestos alheios. Que seja o que a natureza e as oportunidades concederem. Assim penso eu.

Velórios servem pra muitas expressões. Assim foi o de madrecita. A serenidade da hora permitia mostrar bem mais que ternos sentimentos de perda. Um dos anúncios vivos de estranheza se apresentava nas atitudes de Valentina. Não conseguia ocultar a eloquência febril da angústia visível. À revelia dos esforços nada ficava oculto, parecendo nua de alma. Urgia revelar-se. De todos os veladores, os mais atentos foram Betina e Sávio. O irmão, por razões de sua pronunciada sensibilidade, atentava para os movimentos afetivos da irmã. A morte tem disto, ressuscita o que se enterra, um movimento contrário de quem se vela. No olhar de Sávio, havia o tumulto das lembranças negadas. Betina o advertiu sobre as tendências afetivas da irmã, pois ouvira o apelo de Valentina em seus sentimentos conflituados.

Pois bem, por alguns anos observava os olhares ternos da irmã dirigidos a Laura. As duas trabalhavam juntas, entretanto, os interesses se estendiam mais distantes dos desenhos finos e das vendas de anéis, brincos, correntes. Uma corrente, porém, fazia que se atasse à sua irmã. Ela se mostrava muito mais cuidadosa que cunhada durante os sofrimentos de Laura. A ternura à Valquíria mostrava laivos de dores compartilhadas. Os gestos não conseguiam disfarçar o afeto. Iam além dos limites de uma amizade. Laura, por perceber tamanho afeto, tinha o cuidado de não feri-la.

Feitas as exéquias, houve um conflito entre as duas. Sávio sabia do que se tratava, fazendo dirigir-se à sua irmã. Não havia sinal algum de ciúme ou ódio, ao contrário, uma compaixão por ver a direção

erótica de Valentina. De nada adiantava a delicadeza ao ser idolatrada por qualquer uruguaio. Apresentara os mais delicados rapazes e varões assinalados, sabidamente ternos em palavras e gestos. Nenhum deles conseguiu atrair o interesse da mulher em que se fizera sua irmã. Sávio, em sua atividade habitacional, conhecera uma garota com as mesmas inclinações. Compreendendo a irmã buscou aproximá-la de Valentina. Em vão! Distantes os conceitos e gostos a ponto de se olharem com estranheza. Sávio se tornou o confidente.

Nas tardes que se vinham indóceis ela chorava. Lutas fundas e feias se debatiam nela. Não aceitava tais forças por razões justificáveis. Quem avalizaria em sua casa, tão cheia de uma moral ditada e dilatada por heterossexualidade? O campo e as falas mostravam de forma decisiva haver macho e fêmea, e tais decisões culturais fortificaram a compreensão de homem e mulher. Sávio mediu as palavras, como o escultor o seu formão, ao dizer para os pais os afetos da filha. Aurora, mais compreensiva:

— Mas não sobrou nenhum pedacinho de mulher em minha filha?

Robusto não tinha o que dizer. Já sofrera tanto por ter sido precipitado.

— Que Deus tenha para si a solução, pois que assim a fez, refletiu.

Sávio confortou aos dois, dizendo:

— Basta o sofrimento dela por não haver compreensão pras suas inclinações naturais.

Mais ainda se desvelou em ternura pela irmã. Procurou-a manifestando o mais amplo reconhecimento. Imaginara seu irmão um inimigo de sua contenda interior. Encantou-se muito, porém, por se ver bem e admirada em sua complexidade. Sávio, tendo falado com Betina, pois esta já apontara para ele a homoafetividade da prima, aconselhou a que fosse ao Uruguai, que lá havia um povo mais cordato com os tamanhos do coração humano.

— *Pues nosostros no tenimos muchos dogmas y nostro Dios és más democrático. Pida a tu hermana pa venir acá.*

Valentina já estivera outras vezes em Artigas fazendo negócios de monta. Dominava razoavelmente o espanhol. O resultado de

conversas com Betina se apresentava por demais agradável e produtiva. Os ares de Montevideo e dos campos novos deixariam sua alma sem os temidos fantasmas de si mesma. Tudo se aclarou passando a respirar suas inclinações com naturalidade. Que o diabo tenha a todos os de alma retilínea!, dizia pra quem a via como anormal. Pelo resultado da falta de opressão ela cogitou: que nenhum tenha para si o que é próprio de outro, pois a natureza clama por sua dona. Foi assim: como estivesse a salvo. Em tarde de chuva chegou prognosticando a fertilidade dos tempos. Valentina resolveu optar por Montevideo.

Benitez, notificado sobre Valentina, recebeu-a com efusão. *Esta es su casa!* Ela, limpa de contradições, pensou resoluta: este é meu lugar. Com suas economias, e conquistada a cidadania uruguaia, estendeu sua oficina para lá, começando a viver num pequeno apartamento no centro da cidade. Betina veio ter com ela orientando sobre lojas para mobiliário e enfeites. A prima uruguaia mostrou-se uma verdadeira desenhista de interiores. Valentina consolou-se ainda mais, ao ouvir de Betina:

— *Aprendi mucho em mis andanzas de mujer, querida! Tenga usted la naturaleza y lagrimas que tienes, teniendo uno como amparo, too se va mejor! Stoy contigo!*

Que noite foi aquela desse grande reconhecimento?! A janela trouxe-lhe uma brisa, escondida fazia séculos sobre as árvores. Viu nelas uma grande companhia.

Betina favoreceu a prima, introduzindo-a em um grupo de cantores e cantoras. O dom da beleza também se revelou na voz, simples como de um pássaro do campo. Entretanto, o principal estava por vir. Dois meses de idas e vindas, de cantos e de conversas, encontrou uma mulher serena e de voz nostálgica. Valentina deu significados à voz e aos olhares tristes de Loíza. Daí até uma ternura particular foi um salto. Ágil em observações, Valentina levou-a até sua pequena oficina de joias. Mostrava-lhe a arte dos desenhos. Em tudo as circunstâncias cooperavam para haver uma união amorosa. O interesse de Loíza provinha da ternura e da necessidade de sobrevivência. Entretanto, antes de assumir qualquer convite, ela foi de joalheria em joalheria, oferecendo as formas inovadoras das joias de Valentina. Se Uruguai mostrava empobrecimento, sempre havia quem preferisse ter-se na beleza, não chorar a pobreza. Bastou meio ano para as duas efetivarem a revolução afetiva e o progresso nas artes da oficina. A colaboração de Loíza foi decisiva na efetiva combinação de interesses.

O amor, quando surge, possui segredos, apenas revelados aos amantes, não carece de grandes ensaios. Foi assim: na sala de Valentina, transformada em oficina de criação, as duas se aproximaram. Loíza observava sobre os ombros da amiga os efeitos de suas mãos sobre o papel. Por vê-la tão terna em torno de sua arte, Loíza acariciou-lhe a mão. Valentina, ao volver os olhos pra cima, encontrou próximos os lábios de *su pareja*. Uma corrente suave e funda atravessou-lhes o peito, o suficiente para se beijarem. Foi o sinal a selar o que mal se escondia. Falas francas apontavam na direção de uma promessa de fidelidade. O que se havia guardado por mais de trinta anos mostrou sua face generosa e intensa na gauchinha. Nenhum momento passou sem o fluxo de corpos que se comoviam por se verem reconhecidos. Nenhuma manhã sem suspiro em peitos cheios de carinho. Houve comemoração em bares. Numa noite em que bebidas rolaram, palavras alegres se desdobraram, Betina e Valentina brincaram com suas histórias. Uma puta e uma sapatona têm o que falar, falou a segunda.

— *Y muy lejos de los amores comunes de las casas,* riu-se a primeira.

O que não sabiam era do espírito crítico de Loíza:

— *Tan lindos, pero no es la estética de toos. Que los costumbres sean sin exclusiones!*

A noite foi alegre. Benitez pagou a conta, rindo *de verdads y de tonterias.*

— *Una ex-puta y dos homosexuales pueden tener la gratia de Diós,* disse.

Valentina, entretanto, se enchia de saudades de Porto Alegre, chegando a dizer de sua beleza, o que deixou sua companheira entristecida, dando a impressão de Montevideo não ser um bom lugar para estar.

— *No me tengas como inconveniente, querida Loíza.* Para compensar quero que você vá comigo conhecer minha gente. Disse e se foram.

Uma dor funda ainda doeu-lhe ao divisar o Guaíba. Entardecia quando chegavam.

— *Que linda paisagem!,* exclamou Loíza.

Betina guardou quieta a dor de não ser mais o seu lugar. O amor e a dor de um lugar nunca nos deixam, pensou.

Sávio e Laura esperavam o casal no Salgado Filho. A campeira Laura, ao ver as duas tão lindas, confabulou consigo: como isso é possível? Será que dois gaúchos da fronteira não dariam conta delas? Recebeu as duas, porém, como se fosse coisa divina, pois sua mente pouco humana não compreendia. O preconceito se precipitava em sua vítima: abraçou-as sem efusividade. E se isso pega?! Vá lá saber se não é coisa melhor!, divagou, não deixando que a hora se estragasse, pois devia muito à Valentina em suas artísticas invenções.

Aurora e Robusto aguardavam o casal. Sávio foi quebrando os ares de qualquer constrangimento.

— *Aqui el amor de Laura e acá el amor de Loíza.* A coisa mais fofa de Deus. Duas ternuras unidas!

Ele falando, enquanto os abraços longos se estendiam.

Aurora chorava não se sabendo se as lágrimas eram uma homenagem ao que era dito ou se lastimava a forma amorosa, não esperada. Arturo, que andava nos seus quinze anos, entendeu a necessidade do silêncio, embora sua língua tivesse desejos de brincar com a sua tia boiolinha. Gostou da uruguaia, abraçando aquele corpo bonito, não sem sentir o que ela não sentia. Contribuiu para que a peteca da alegria não caísse:

— Olha, vô, está me devendo aquela pescaria em Quaraí. As férias estão chegando. Depois de Quaraí, a gente poderia ir até Montevideo pra retribuir a vista que estamos recebendo.

— Não me esqueci, Arturo. E tu... Compreendes a fala da amiga da tua tia?

— Aprendi muito de tanto ouvir castelhano, quando não queriam que eu entendesse as conversas.

— Tenho, também, uma professora uruguaia. Vive falando em sua língua. Uma simpatia, mas feia de doer, bem diferente da namorada de Valentina, riu com certa maldade.

— Ela é mais que minha namorada, é minha companheira pra sempre, brincou Valentina, beijando Loíza.

— Esteja à vontade, tia, nada "*cuentra*"!, riu-se.

Sávio e Laura louvaram aos céus pelo espírito de seu menino. A noite foi se indo na alegria de todos.

As despedidas foram feitas. Aurora, porém, não aceitou de sua filha e de sua companheira anunciarem a ida ao hotel.

— Filha, fica com a gente. Até arrumei a cama que foi onde Sávio e Laura tiveram o Arturo. Não vou perder uma hora sequer de tua vinda. Estejam bem à vontade. Se você ama Loíza, ame em tua casa. Pode ser?

— Assim seja feito, mamãe.

Três anos de Lia

Entre os campos de Quaraí, Artigas e Porto Alegre, Sávio tirava das horas o quanto podia: muito pouco. A comunicação entre ele e Laura ficara comprometida desde que a pequena se fora. Se os lutos têm data marcada para se esgotar: mais ou menos um ano, confessou-lhe a psicóloga. A regra, então, não se aplicava pra ela. Na verdade, tudo se ia como bandeiras a meio pau. Baços os encontros, breves as alegrias. A intimidade semelhante à comida de hospital. Um cumprimento, pra se dizer a vida continua. Pra melhorar o ânimo e manter a fidelidade, que trair a mulher em situação de fragilidade é covardia, foi pescar com o pai no rio Quaraí, enquanto aproveitaria pra negociar apartamentos com os fazendeiros da região. Já era certo: a gauchada arrozeira de Artigas se interessava em investir em Porto Alegre. Um deles ria-se ao comentar: vá que os uruguaios inventem de quebrar as regras das posses, mandando todos pra fora das fronteiras. Nunca se sabe quando os países enlouquecem. Pois bem, assim se ia Sávio. A pescaria faria matutar, melhorando o ambiente da casa. Uma semana pode meter saudades, devolvendo o ânimo.

Laura continuou seus desenhos, havendo tristeza até nos anéis. Apesar das nostalgias, vendia bem sua arte. As arrozeiras de Artigas se tornaram clientes especiais. Ela andava de luto permanente. Nada demais, então, nas queixas de Sávio, fazendo de tudo pra não se tornar desagradável.

— Dor de mãe, marido não entende nunca, dia desses, ela se defendeu.

— Entendo, sim, mas não nesta extensão. Querida, temos mais vida a dar que a morte a nos tirar.

— É verdade, mas espero mais de tua paciência. Ainda vou acordar em certa manhã com vontade de abraçar o mundo.

— Ainda bem que teu olhar se volta pro Arturo.

— Pois é, já é um bom começo.

— Faz dois anos que Valquíria se foi, você continua na mesma. Sobra pouco de tua leveza. Lembra o que te falou Betina quando enterramos nossa Josefina?

— Como não lembrar?

— Pois é, morreu dizendo que a vida devia poupar os velhos. Aprenderam tanto e, quando sabem, deixam tudo de uma vez. A gente que tem tudo parece que nada sabe e pouco ama. Senta aqui, querida, e me conta a história de padre Jovino sobre Jacó, parece ter tudo a ver com a gente.

— É isso que me consola ao pensar em ti. Casaste com uma mulher apaixonada e vivo com uma meia-boca. Espero um dia ser como Raquel e não como Lia.

— Não entendi.

— Vai lá a história das narrativas de padre Jovino. Ele amava o livro do Gênesis por se tratar da origem do povo Hebreu. Antigo Testamento, claro, Sávio. Aí está escrito: seis anos trabalhou Jacó querendo muito a Raquel, filha de Labão. Este, muito esperto, introduziu a outra filha na barraca, Lia, a de difícil casamento, que tinha olhos embaciados. Era cega na minha opinião. A noite escura faz confundir. Outro dia viu com quem estivera. Labão, autoritário, exigiu mais sete anos de trabalhos para que ficasse com as duas. Jacó se submeteu para ter a desejada Raquel.

— Você quer dizer que anda como Lia de olhos sem entusiasmo? Espero, sim, o tempo de Raquel.

— Deixe-me viver por tempo suficiente pra que sumam os meus sentimentos saudosos. Sei que te é árduo viver com uma mulher de visão um tanto ruim. Preferias a apaixonada Raquel, de muito amor, mas estéril.

— Vou esperar o tempo suficiente, querida.

— Tenho certeza de que serás como Jacó. Capaz de lutar até contra Deus, ficando rengo de tanto pelear. Teu coração, querido, é tão meu que ficará vazio caso tenhas outras intenções. Nem escravas vou te dar para não te alegrares sem mim. Sorriu levemente.

— Deixa de bobagem, Laura. Embora cansado de esperar, ficarei atento. Já se passaram quase três anos. Restam então somente quatro.

— Queria te dizer que Lia era fértil, apesar de ter os olhos embaciados, ou cega pelas poeiras do deserto. Seu ventre, porém, era farto.

— Os dois se estreitaram, esperando a noite chegar.

Aproximou-se Arturo contando feliz sobre a intenção de realizar um curso de arte gráfica pra propagandas.

Sávio descobriu, então, o quanto fazia bem brincar diante dos obscuros sentimentos de Laura. Ambos descobriram um termo bom ao rirem diante das carrancas emocionais. Para tanto, Robusto teve boa contribuição ao olhar para sua nora austera:

— Tens um homem bom, mas melhor é sua mulher. Um rosto assim merece sorrisos largos. Todos tentavam driblar a antiga dor por Valquíria, levantando os maus humores de Laura.

A noite da visita de Valentina e de Loíza foi abençoada. Os campos com canhadas floridas desceram sobre os dois. Com um pouco mais de um mês depois, anunciaram a chegada de Valesca, lembranças de Durazno. Interessante o comentário de Sávio: era um dia em que ela estava atravessada por Lia, sem nada se esperar. Eis que, de uma noite assim, Laura concebeu Valesca.

A divina família

Ela, atenta na história e com o andar da carroça, exigiu que retomasse o amor de um homem e uma mulher, que, pelo jeito, a ternura de Valentina e Loíza se mostrava mais intensa que a heterossexualidade de nossos protagonistas. Ri, um tanto desamparado, mas pude me defender: a história ainda não acabou. Puxei de meus argumentos ao afirmar: em tudo até agora se houve a presença dos dois. Unidos sempre se estreitavam no sofrimento e nas aventuras, e tais liames não se desatam, ela animando-o sobre a imobiliária e ele olhando sobre a arte como se nada pudesse haver de mais admirável. Bem, com ares mais satisfeitos, concordou.

Retomei o texto. Avaliei, com decisão, nada haver de mais legítimo, para fortificação de uma inalienável ternura, que uma casa com seus habitantes. Discurso antigo! Por não ter outro, fiquei com esse mesmo.

Passam anos e se vão os pássaros, as penas, os voos, tendo-se mais voos que penas. Nascida a pequena Valesca, arrefeceu-se o temor de Laura. Uma grande alegria apaga dores, dizia ela pro Sávio. E ponha ventura! A infância de boas inclinações fez da pequena as atrações de todos. Dezesseis anos de Arturo, podia se pensar em problemas... *pero de tiernas visiones se hiceran la vida del joven. Se entretenia com la mana como se otro chico se fuera el.* Nenhuma sequela resultara da mãe triste.

Os anos se depositavam como se fossem camadas de lembranças a nada se retirar. A história acumulava a fortaleza da casa boa. Nenhum canto se perdia na performance generosa: uma história de vínculos. Como em toda história humana as fragilidades acompanham. Em Laura ciclicamente se repetiam, com menor intensidade, os tempos

de Lia. É verdade ter Sávio exagerado na dose de uma amizade com uma secretária, que a amizade e a sensualidade não se dividem com nitidez no homem e na mulher. Confessou sua dificuldade pra Laura. Ela se convenceu ter sido apenas uma leve tentação, vencida com destemor por seu galhardo gaúcho. Não nego minha testosterona, *pero mi fidelidad es invencible,* jactava-se. Assim sendo, *y nada más,* a perda de Valquíria deixou Laura entre os limites da confiança e desconfiança, entre a alegria e a tristeza, mais estendidas a alegria e a confiança, *per supuesto*. Mas vá entender coração de mãe, desculpava-a Sávio. Em nenhum momento ele teve dificuldades em se afastar do amor absoluto de Laura, embora as ruínas sagradas da esposa desestabilizassem, por vezes, o fluxo permanente do amor irrestrito. Os anos não conseguem ficar sempre numa boa. Seus ritmos, pra variar, trazem, entremeios, as horas cáusticas. Somente a ternura propositada pode mostrar que os dias se sucedem às noites. As explicações savianas, por mais honestas que fossem, não impediram a renovação esporádica das visitas de Lia, a de poeira nos olhos. Entretanto, os dias de Raquel se derramavam maiores e melhores, afastando Lia e as férteis escravas...

Saltando anos e reverências ao tempo, pra mor de não cansar, vamos adiante como a fugacidade da imaginação, que o tempo não senta pra esperar.

Os catorze anos da pequena Valesca e os vinte e oito do rapaz mostravam o inexorável apetite dos anos. *Por eso no se quita la vida como se fuera incapaz,* veio um dia Valentina, puxando seu castelhano, esquecendo seu português.

Tudo se levava como vento, tamanha a velocidade de Valesca e Arturo em marcar suas vidas com os dias. Não era o tempo a andar; eram os dois a passarem por ele. Uma vez marcadas as horas para celebrações ou para o cotidiano, nada podiam fazer, tudo se ia de roldão. Com pouco mais de quinze Valesca se fez mulher e Arturo, um cidadão responsável. O tempo, porém, não se detém em particularidades. Vai levando os fracos e os fortes, pois é democrático na grandeza e no limite. Mortes e vidas se somavam como se o tempo não soubesse fazer outra coisa. Repetem-se as vivacidades e as mortandades. Mal dava pra dizer que coisa linda ou triste. Já se vinham as ondas entre o acordar e o dormir. Levou Robusto, Turíbio, Tenório e a mãe Francisca, já de olho em Aparício e Antônia. Fazia tempo que Clementina resistia, julgando-se que a morte a esquecera. Numa manhã, sem dar sinal algum, se foi.

Nada era demais, que a morte deixava espaços entre um e outro pra não assustar ninguém.

Valesca valia pelas perdas de todos por dar a todos um sentido marcante. Os velhos que se iam como flores sazonais não prostravam em razão dela e por causa da presença forte de um verdadeiro homem, Arturo. Os dois garantiam a união de Sávio e Laura, que sempre às novidades vinham atenções. Quatro netos cresciam como amendoeiras no verão.

A partida de Betina foi de dor. A notícia veio de Valentina, narrando como chorou Benitez com seus netos e bisnetos. Como sempre, Arturo de olhar memorável, nomeando os desaparecidos, brincou: matança geral, não sabendo se a culpa era da morte ou da vida. E se ria de um riso triste: *No se olvide de nadie,* imitava a tia Valentina.

Por lembrar dela e de Loíza, narrava a última visita pras bandas orientais: a bênção dada à união das duas dentro de uma igreja. O padre pouco falou. Acho que não sabia o que dizer, se ria, então, como se ria seu pai. Arturo repetia o padre, que parecia se desculpar: *Que puedo hacer? Si los gays aman a Diós, la iglesia concede su benedicción! Que tengam hijos de otros. La vida no pide por el gênero de los padres!* A bênção foi rápida como se Deus tivesse temor em ter que concordar ou de ser criticado pelas incertezas da vida.

Revisando afetos

Nem bem concluído o texto acima, quando ela se chegou falando austera: Que coisa é essa de mal apontar o nascimento de Valesca, parecendo mais entusiasmado com as duas sapatas? Você me falou estar chegando ao fim do livro. Diga alguma coisa sobre Valesca. Ela merece tanto quanto Valquíria. Foi o que fiz, pois já havia pensado sobre o silêncio da menina, sem, entretanto ver, ao certo, o que fazer. O empurrão dado serviu de motivação. Despertei. Conversei, por primeiro com Laura. Resposta imediata.

— Querido, não sei se reparou, minhas recaídas depressivas estão sendo poucas e de pouca intensidade.

— A que você atribui essa melhora?

— Sem dúvida alguma: Valesca. Me faz lembrar mais uma história de padre Jovino, posta no livro de Rute.

— To desconfiado desse padre...

— Tá certo em desconfiar. Um homem de primeira, mas foi outra a apaixonada. A desgraçada tentou o padre. Ele, pra não cair em tentação, se afastou de Quaraí. O que não vem ao caso. Falo de Rute tão bem narrada por ele.

— O que ela tem a ver com Valesca?

— Tudo... Escute só. Valesca é minha maior companhia.

Verdadeira e forte observação de Laura. A pequena, aos seis anos, já havia desenvolvido uma percepção afetiva, avaliando eventos. Sua dedicação à mãe era intensa, principalmente nos momentos mais ásperos. Valesca, ao vê-la de olhos tristes, enroscava-se em seu

peito. Descobriu ser Valquíria quem a deixava assim. Surpresa geral aconteceu no meio do silêncio de um almoço. Laura andava nos dias de Lia. Ouviu-se em clara voz:

— Mãe, não fique triste, vou te amar por mim e por ela.

— Quem te falou dela?

— A Mônica lá na escola.

— Chega o teu amor, querida. A tua irmãzinha se foi. Um anjo tonto levou ela, mas outro muito querido trouxe você.

— Escondido na sementinha do pai?

— É isso, minha pequena do coração.

Refeitos os sentimentos e Valesca na escola, Sávio voltou à conversa anterior.

— Me explique o que tem a ver Valesca com Rute.

— Com dizia antes: é verdade, ela é minha maior companhia. Minha pequena se comporta como Rute em relação à sogra Noêmi.

— Como assim?

— O livro é um encanto. Veja: Rute enviuvou muito cedo. Via a fome se abater sobre os moabitas e sobre ela. Por não saber como se sustentar mais, teceu conversa com a sogra: assim vou morrer. Vou andejar por aí afora. Noêmi, ouvindo a fala, interveio: vai, querida, deixe-me aqui. Nada mais tens a ver comigo. Rute respondeu: aonde fores vou também. Aonde habitares, habitarei também. E lá se foram, entre areias, buscar do que viver. E encontraram. Rute não abandonou a sogra, presa em sua tristeza. É o mesmo que minha pequena Valesca faz comigo. Ela é meu sustento no meu deserto.

As observações de Sávio, enviadas anos depois pra Valentina, correspondiam ao espírito alegre e solidário de Valesca:

Querida mana, é de ver minha Valesca. Está com vinte anos e posso dizer que desde a infância mostrou-se afável. Acho extremamente pertinente a ideia de termos genes inclinados para o bem ou para o mal. Chamam atenção as palavras e os atos dela. Parece feita de ternura e solidariedade. Confesso: ela é a educadora da família. É bem o que penso: chegamos a um tempo de longevidade humana no qual as

gerações mais jovens educam os mais velhos, estimulando o cuidado. Observo o encanto dos pais de Laura e os nossos ao ouvirem e verem as condutas dela. Você sabe, mana, o quanto Laura sofria de crises depressivas. Valesca foi a terapeuta dela. Silencio pra não me achar responsável pela humanidade boa de minha filha.

Beijo em Loíza também.

Deu duas horas e pronta veio a resposta:

Me parece também admirável o interesse dela em vir a Montevideo. Ela nos alegre demais. Antes de ter encontrado um namorado aqui, ela já vinha contente respirar os ares daqui. Admiração pode ser o nome em torno de sua maneira de ser. Loíza, espírita, afirma que a madrecita tem parte nesta história. Não acredito nisso pero...

Beijos da mana e de Loíza.

Informe dos anos

Iam-se os dias pelo vento, enquanto Sávio dividia opiniões: lágrimas não são pra serem engolidas em solidão. Pois é, opinava: o amor traz grandezas quando a história é feita em mãos dadas. A memória e as mortes, tecidas a dois, constituem identidade semelhante. Os silêncios diante de quem partiu marcou-lhes fundo. Impossível não amar você, disse Laura, ao abraçar Sávio diante do rosto quieto de Robusto. A mãe Aurora se foi sem sofrimento. Valesca, com vinte anos, bem merecia ter por mais tempo a vó afável. Cada morte teve suas marcas e, os filhos e netos, solenes como Maria, impotentes como Ele na cruz.

Convém dizer: os resultados foram positivos. Sávio e Laura contavam as histórias de cada um dos peregrinos. As palavras, semelhantes ao sopro das almas, calavam fundas nos dois filhos. Não se rompe a vida sem aprendizado, filosofou Laura. Tais eventos se faziam, também, sob o olhar de Valentina e de Loíza. Ao voltar para o Uruguai enviavam e-mails de reconhecimento por tudo que viam na casa dos Artigas e dos Antunes. Durante os fúnebres eventos, Sávio não chorava tanto quanto seus filhos. *Aun que se sufra carece quedarse en pie*, pensava. Triste foi o repentino desaparecimento de Tenório e Francisco. Descobriram que, apesar de velhos, escreviam coisas tais que nenhuma ave cantaria tanto e tão bem.

De todas as partidas, a mais vigorosa, garantia de amor pra sempre, foi de madrecita. A ternura da velha calou tanto, pois sempre lembrada quando entre os dois havia obscuridades.

Betina, amável Betina, esta, *quando se fué, quitó una hermosa palabra: no se lês tenga la impureza de la alma. Saquen siempre un amor a la tarde pa que en la noche se pueda dormir en paz.* Foram as últimas palavras.

Na morte de Turíbio, Laura não quis ir ao velório em razão da distância. Sávio, engenhoso, convenceu-a. Se não fossem, quem o reconheceria? Quem valorizaria as atenções do tio tão quieto? Vamos, querida, coisas boas podem acontecer mesmo na solidariedade com parentes distantes. E foi o que aconteceu. Foram, então, rezar pela alma do ente querido. Laura, de sua parte, nunca negociou tanto assim. No velório, mais se negociava do que se rezava. Parece que a morte atrai a vida, pensava. Alejandro, o primo, ficou abatido por saber que os dias dos parentes se definhavam. Ficaria por aí com laços rompidos. Nem ao menos Violeta receberia flores, nem amaldiçoariam a Gordón. Quando cantassem:

Tu me perguntas, meu bem
Que fazer da murcha violeta,

é certo, não lembrariam da indomável Violeta.

Os campos não mais seriam percorridos de Porto Alegre a Quaraí, uma vez que Sávio já andava pelos sessenta e tantos. As cravelhas de sua viola já se desgastavam. O silêncio se fazia aos poucos sobre a intensidade das vidas.

É verdade, o envelhecimento se precipita sobre os felizes e os infelizes. Sávio aprendera o suficiente com seu pai. Robusto é que sabia lidar com as vicissitudes. Quando Sávio andou desanimado pela parasitada Laura face à morte de Valquíria, a robusta sabedoria tornou-se expedita ao fazer ver as ruínas dos judeus diante das modernas cidades do imperador Adriano. E quem seria mais sábio que o pai ao aceitar, com suavidade, as inclinações nada convencionais de Valentina?

As aulas de materiais demoveram Sávio de sua limitada atividade afetiva, liberando a vida pra aventuras insuspeitas e pra reciprocidade afetiva de Laura. Seus desenhos de arte não ficavam nos dedos de sua clientela, moviam-se antes na alma de Sávio. As lições de padre Jovino não haviam se limitado na igreja de Quaraí; foram traduzidas para Sávio e os filhos semelhantes às sementes, postas ao vento, frutificando. Quando falava, imitando o padre, todos se calavam para ouvi-la, tão claras as palavras. Pois é, costumava ela dizer: a alma da gente não acontece sozinha, Deus fala pelos outros e não anda conversando por trás de nuvens. Vinham-lhe lágrimas de gratidão pelo vigário gentil de Quaraí.

— Mãe, perguntava Valesca, o que ele tinha de tão especial?

— Filha querida, quando alguém andava mal, ele ouvia ou convocava as pessoas para ajudarem. E veja, querida, o jeito dele é que contava. Parecia um tecelão fazendo roupas para o inverno. A voz conta muito quando se fala. A voz dele traduzia a vontade de Deus.

— A minha voz mãe, como é minha voz?

— Muito melhor do que a do início do ano.

— Por que será?

— E os livros que está lendo, e as bondades que a escola manda fazer? Quando se sabe o que dizer e como dizer, até a voz fica mais clara.

Laura costumava lembrar: certa feita apareceu na sacada do apartamento um bem-te-vi doente. A pequena Valesca tomou-se de piedade pela avezinha sem defesa. Entre lágrimas, pediu que levássemos o animalzinho ao veterinário, não sossegando enquanto não fizemos. O médico mandou tratar do bichinho avaliando que estivesse intoxicado. Ele foi melhorando a olhos vistos. Comeu pela mãozinha dela. Numa manhã clara de um domingo, vendo outro da sua família, levantou voo sem se despedir. Ela ficou decepcionada com a ingratidão. Deixa estar que certa manhã ele apareceu cantando na sacada. Assim por diversos dias sucedeu de ele cantar. Até o dia que Valesca disse: vai, que tua família precisa de ti.

Esse fato, e de tantos outros mais corriqueiros, mais outros cheios de alegria e de tristezas, foi tecendo uma veste inconsútil da qual os quatro se vestiam.

Fato extraordinário foram dois momentos para Laura e Sávio, por coincidência pelas mesmas razões. Por partes: estávamos à mesa, o Arturo, concluinte do curso de Ciências da Computação, avaliou com seu pai a realidade profissional. Decidiu sair do ramo imobiliário.

— Por que não seguir minha profissão, filho? Não ficamos ricos, mas temos o suficiente até pra proteger teus filhos.

— Agradeço o convite, pai. O senhor sabe sobre a mobilidade de imóveis e propriedades, de toda ordem, em negociação. A aldeia mudou de tamanho e nela, as pessoas. Estou criando uma rede de negociadores para o Mercosul. Já se expande para os Estados Unidos e a Europa.

— Os tamanhos de teus passos comportam tudo isso?

— Veja aqui, pai, enquanto mostrava os diversos negócios em andamento: ouro, importação de máquinas, imóveis rurais e urbanos, empresas diversas, serviços. Veja esta solicitação: ônibus gaúchos para a Nigéria. Está vendo aqui as toneladas de arroz de Artigas? Esta transação com a China está pronta. Posso incluir seus apartamentos de Porto Alegre?

Não menos perplexidade resultou dos planos de Valesca ao propor para a mãe a criação de um mercado virtual de suas joias. Expressou bem mais: provocou a mãe a criar quadros para além de sua atual inspiração.

— Por exemplo, minha filha?

— Trabalhe a expressão dos traços de quem quer que seja, tornando uma arte desde o rosto até o dedão do pé, mãe.

— Tá louca, guria?

— Tô, mãe, e muita loucura vamos fazer de seu talento.

— Não acha que estou velha pra isso?

— Teremos uma galeria junto de sua oficina. E chega de só botar beleza nos dedos das mulheres. Vamos embelezar, também, o espírito das pessoas.

Nessas conjugações de futuros, os dois percebiam que o tempo não era mais o mesmo. O filho convenceu seu pai em seus próprios conceitos: tanto quanto os materiais e o amor, flui o universo do mercado em novas alternativas.

Envelheciam com sonhos. O futuro não lhes era fosco. Andavam um pouco trôpegos para pegar o fio da história, ainda que se lhes voasse a alma. Tinham o que dizer uns aos outros. A dificuldade se continha nas diversas línguas dos falantes. Sávio não se matinha na curta geografia latina, ouvindo as diferenças dos acordos e dos compromissos assumidos em outros países. A lisura nas tratativas e nos fechamentos em torno das iniciativas não deixava dúvidas da seriedade maior da Europa e dos EUA. A civilidade e a reciprocidade superavam muito as formas latinas de interagir. “Que merda esta dificuldade de as pessoas não se levarem a sério” eram termos recorrentes nas comunicações de Sávio e Arturo.

Das uniões estáveis de Arturo e Valesca tem-se o que dizer em favor da união de Sávio e Laura: um aprendizado caseiro de reciprocidade amorosa. Ao se casarem, levaram sorte, diziam os pais. A união evita sobressaltos, é uma conquista de fazer inveja nestes tempos bicudos, Aurora costumava dizer.

— Me comove a paciência de minha nora, se expressou certa feita o sogro. Meu filho não sai de seus registros universais de compra e venda, e ela aí. Ele, um Labão morto de fome, só vai se dar conta da crueldade do dinheiro quando seu coração se sentir perdido.

Não levou tempo. De tanto os dois pequenos netos, Antônio e Rodrigo, chorarem a ausência do pai, ela, a querida nora Mercedes, falou:

— Preciso um homem dentro de casa.

Os pequenos careciam dele pra saber o que é um homem. Sávio, então, entrou na história. Assim como Robusto fez pra confortar o pobre Jacó nos tempos de Lia, chegara a vez de Sávio mostrar seu poder.

— O que te falta, filho, é planejamento e amor.

— Acho que é vergonha, pai. Entrei neste círculo, e a dança tomou conta de mim.

— Vamos romper com isso.

— Como?

— Deixa, que aprendi a lidar com a multiplicidade avassaladora de negócios. Vou delegar autoridade e controlar a tua empresa mediante remuneração por resultados. Faço isso com a exigência de você se afastar deste furdunço e se conectar com a sua família. Do jeito que suas crianças estão, vão é virar criminosos ou pessoas tristes. Não têm controle e você compensa a sua ausência com presentes.

— Deixa disso, pai!

— Nem pai nem mãe! Te manda. Vá viajar e, na volta, modere teu apetite!

— Mas sou fiel! Faço por amor a eles.

— Faz nada! Faz pelo prazer de rodar freneticamente tendo o ouro como paixão. Ser fiel é lançar o coração na mesma direção, cuidando daquilo que se abriga. Atualmente a sua fidelidade está em torno da linguagem venal. Filho, não perca seus filhos e sua querida Mercedita, mulher de uma casa sem homem.

As palavras não movem virtudes. Foram necessárias ações fortes para Arturo perceber o quanto maltratava sua gente. Já era tarde da noite quando o pequeno Rodrigo se chegou ao canto do escritório, arrastando sua pequena coberta. Pediu ao pai se podia ficar junto dele. Foi o suficiente para demovê-lo de sua ensandecida corrida. As palavras tiveram seu efeito tardio. Foi ter com sua esposa. Percebeu toda a tristeza mercedita. Nem bem amanhecera, telefonou para o pai. Sávio se reconfortou, prometendo tomar conta do condão de Midas.

Passados meses desse evento, em conversa serena, Sávio narrou a história de Adriano sobre a preferência das ruínas dos judeus às cidades brilhantes do imperador, a que Arturo respondeu estar medindo melhor os valores de sua vida. Minha história terá coração, avaliou. Este é um traço de nossa casa, concluiu o pai.

Como já vimos, Valesca, uma exuberante garota, já se tornara mulher. Achou um uruguaio numa das visitas à tia Valentina e sua companheira Loíza. Quando saíam pra ver a noite, sobrava espírito da alegria. Por ocasião de uma noite de acelerada *charla,* Valentina, *muy tonta*, começou a dar conselhos para o casal Urbano e Valesca: sempre tenham atenção às tentações, dizia ela. Não existe relação sem tentação. A fidelidade é uma santa cuja castidade pode balançar. A tentação é a prova que pode ameaçar a promessa. Se não houver nenhuma tentação, nada foi provado. *Es un amor dubidoso*. Se houver tentação e resistência, *entonces el amor es fuerte*. Se houver tentação e queda, *entonces el amor ya no existia, o se fuera muy pequeño, pero ai siempre que mirar el todo de la relación! Romper se duele mucho y ver too muy cerca se hace bien. Ai que tener en la mirada que no existe una traición, pero muchas antes de de la definitiva o casi definitiva.*

Ditas essas palavras, brincaram com Valentina, *pues no costumbraba hablar asi*. Ela reafirmou a ideia de que isso vale para qualquer tipo de relação*, pero las más difíciles lealtads son aquellas para con nosotros mismos. Hablo por mi,* concluiu. Beberam mais um pouco, e o silêncio se fez pra carregar as mensagens.

Um ano após as recomendações de Valentina, Valesca exigiu um casamento tradicional. Queria formalidades: que a coisa não está pra brincadeiras. Quero solenizar minha fé no amor, pra não esquecer o que prometi. E lágrimas vieram ao ver entrar seu uruguaio. Consagro minha vida para este homem das bandas orientais, pensou. Espero fazê-

lo bem. Que o filho da puta faça o mesmo por mim. O órgão da vetusta igreja de Montevideo, símbolo da duração, fez ouvir as tradicionais letras de consagração mútua: *adelante pues, acercaos al lugar donde os aguarda la benedición del amor! La valentía victoriosa y el triunfo del amor os unen en alegre unión.* Pois bem pensou ele também*: ai que tener valentia pra proteger mi amada contra mis tentaciones.*

Sávio lembrava Adriano. Por vezes, as ruínas contêm o verdadeiro segredo de uma história a ser respeitada. Falava de sua experiência. Quando Laura entrava em seus dias de Lia, lembrando Valquíria, fazia bem ter em conta as palavras de seu pai.

Minha auxiliadora, vendo o livro chegar ao fim, perguntou:

— E Valesca teve filhos?

— Uma menina, a Josefina.

As ações finais de Laura e Sávio

Retornando um pouco, pois certas lembranças revelam o principal.

Pra se desagravar a lembrança da criança falecida, Laura e Sávio resolveram fazer dela um remédio razoável: associaram-se a um grupo de amigos. O projeto assumia a responsabilidade de aliviar a dor de crianças com câncer.

Minha esposa leu sobre esse propósito e me questionou se não haveria atividade melhor pra mostrar a intensidade de muitos anos de amor.

— Quem sabe não seja essa atividade que vai estender ainda mais a ternura deles. Fazer juntos faz bem, principalmente agora. Precisam de objetivos fortes.

— Vamos ver no que vai dar. Concordou, pondo preocupação sobre os resultados. Será que não vai se agravar a dor de Laura?

— V*eremos, querida.*

Ao sair do primeiro encontro do grupo, Sávio viu lágrimas nos olhos de Laura. Escondia o que a reunião provocara.

— Que te pareceu, querida?

— Meu Deus!

— Vamos continuar?

— O projeto vai fazer parte da minha vida.

Um ano de esforços levou Laura a assumir responsabilidades maiores, como secretariar o grupo, criar alternativas de apoio às crianças, minimizar as dores dos pequenos com médicos da alegria, buscar pesquisas sobre a doença, auxiliar os pais por redes de informações e providenciar estadia e alimentação aos pais com menor poder financeiro. A tarefa mais árdua na qual ela se envolveu foi conversar com os pais. *Viu muy cerca de su alma* as dores das mães ao saberem da ameaça a seus filhos. Avaliou a dor de ter uma criança sadia e, após o diagnóstico, ter uma criança com morte anunciada. Nenhum dia sem o corpo crestado por dores de toda ordem. Nenhum dia sem o sufoco na garganta. Nenhum acordar sem a sensação horrível da ameaça. Cercar a criança de consolos diante da angústia era uma tarefa inarredável. Laura teve uma ideia interessante: fez o que mais sabia fazer: tirar fotos e pintar. As crianças fotografavam e ela ensinava a aperfeiçoar as imagens, deixando as crianças contentes. Buscava-se, de todos os jeitos, minimizar as dores recíprocas do casal. Assim o grupo se solidarizava pra afastar a solidão. Os pais não engoliam sozinhos a dor. A morte, enfim, passou a mostrar o tamanho da vida. A força emergente da companhia não retirava a dor, entretanto, ela se movia de coração pra coração subvertendo o caminho do desespero.

Em pouco tempo Laura não mais sentia os dias de Lia, pois sua dor não contivera a esperança, nem os seios foram dados na alegria. Não rompera com sonhos, como as mães rompiam. A tristeza se distanciara, permitindo suportar a ausência de Valquíria. As decisões de Sávio com outros homens do grupo transmitiam segurança no encaminhamento das atividades. Os sofredores sentiam alegria pela presença ativa do grupo.

Crianças foram salvas por transplante de medula, por intervenções de sucesso. A alegria provinha em razão de haver ombros seguros nos caminhos do péssimo anúncio. Chegaram a contar com a cura de sessenta por cento das crianças. Maior esforço começou a ser feito em torno da educação para o diagnóstico precoce, pois o grupo percebeu que a cura dependia das intervenções realizadas antes de o mal tomar corpo.

As lições não se fechavam na ação direta. O bem maior recaía sobre o grupo, pois redobravam neles a sensibilidade diante da vida. Até exame de sangue com resultado positivo era motivo de festa. Disso se deram conta Sávio e Laura. A cada instante, uma preciosidade. Sávio, mais uma vez, constatou a propriedade de seu conceito sobre a extensão da matéria e das pessoas. Até os cuidados com a morte traziam transformações. De tudo, o melhor: Laura perdera seus dias de Lia.

A grande viagem

Nos interstícios de vida e de morte, Sávio e Laura decidiram viajar. Completavam cinquenta anos de união, se não sempre divina, entretanto amável. No dia da decisão de irem a Montevideo ver a filha e rezar junto ao pequeno monumento de Josefina, mediam a felicidade de meio século. Pouco dizia mais que os trabalhos reciprocamente acompanhados e reconhecidos. Em tudo viam o quanto foram decisivos na vida dos filhos e dos parentes aproximados. Também agradeciam a orientação segura de Sávio ao intervir na vida profissional de Arturo. Já não se via nele um lobo faminto. Antônio e Rodrigo tiveram momentos difíceis, até sentirem a presença segura do pai. Fértil resultou a arte de Laura: o sucesso de Valentina no Uruguai passou pelas mãos da mãe. Muito mais se fez com as suas joias de arte: Arturo as colocou no mercado internacional. Até as mulheres da França exibiam os encantos do corpo e dos dedos feitos em Porto Alegre. A extensão do amor prometido se cumpria também em toda a instituição familiar. A casa teve alma e tanta: até a adolescente Josefina contava as histórias de sua casa, fazendo delas o perfil de si mesma.

Valesca se mostrou supermãe, criando com seu uruguaio mais dois filhos. Costumava dizer: com mais vida e menos fortuna. Ele dizia: *te amo verla como madre*. Amavam ir a Montevideo. Num zás arrumavam a mala. E lá se iam os cinco como uma família antiga. Alegres os meninos: Rufino y Robusto Neto. Valesca repetia: prefiro ser mãezona como minha avó.

Não poucas vezes Sávio e Laura iam solitos. Seguidamente se ouvia do homem velho:

— Vamos beijar os parentes pra dar notícias de nossa casa. Estou com vontade de abraçar teu irmão, Laura. Aprecio também o rio Quaraí.

— Uma noite é suficiente prum bom pescador, dizia Laura, pois não gostava de ficar longe de seu velho guerreiro.

— Por certo. Depois vamos até Artigas, ver os primos e levar alguns presentes.

Assim se fazia.

As conversas lembravam velhos tempos ao trazerem vozes antigas. Silêncios também se faziam. Artigas e suas histórias. Pela manhã se iam pra Montevideo.

— Sem esquecer Durazno, avisou Laura.

Paisagens traduzidas por Josefina, sombras e brisas desenhando campos. Uma solenidade na vida.

E lá chegaram. Sávio dirigiu-se, com certo temor, até o hotel onde estiveram na concepção de Valquíria. Impossível não lembrarem de Josefina. Certos lugares nos fazem melhores, e neles parecem sobrevoar divindades.

Durante a madrugada o insuspeitado aconteceu. Laura acordou de um sonho no qual uma menina oferecia-lhe flores. Jurou a Sávio que o fenômeno fora real.

— Não estou louca. Senti o odor suave das flores e distingui uma palavra de sua boca: mamãe.

Um choro convulsivo tomou conta dela.

— Não fique assim, foi apenas um sonho. Nem sabe quem era a menina. Podia ser Valquíria, Valesca ou qualquer menina que vimos ontem em Artigas.

— Vi o lugar das incisões quando ela se aproximou do meu peito. Mas não se preocupe, querido. Estou feliz. Tenho em mim que se transborda o inefável. Perdura ainda a força da ternura sentida.

— Que bom, então, se é assim, que seja a Valquíria reconhecendo tudo o que você fez por ela.

— Não brinque, querido.

— Ela falou mais alguma coisa? Que língua usava pra se expressar?

— Só ouvi "mamãe." Mas o que disse foi de uma linguagem mística. Fui atravessada. Como posso dizer: o som de sua alma me penetrava. Um ritmo de murmúrios, como de fonte, saía de sua boca. Um balbucio terno me comovia. Pura fala da inocência. Um arroubo

sagrado me envolvia. Sabe daquela história que você me falou de Santa Teresa de Ávila? Um êxtase fugindo do tempo. Eu vivi a eternidade. Deus é isso, também, em forma de minha pequena.

Lágrimas decifravam a intensidade da emoção. Acalmou-se aos poucos no peito de Sávio. Dormiu.

Por estar quieto como São João da Cruz, Sávio não sentiu os eflúvios divinos, mas apreciou a manhã que chegava como um presente. Só espero que ela acorde sem aquela saudade doentia que me tirava do sério, pensou. Desejo que a suavidade da alegria sentida componha um ritmo alegre. Que ao menos tenha, em nosso passeio, os ventos bons a estufar nossas velas. Que o cisne branco que levou sua criança nos erga também. Se não temos asas pra voar, temos nossas mãos pra acarinhar nossas paisagens e tudo o que tivermos pelo caminho.

Acordou-se... que seja o que Deus quiser. Se foram os dias aziagos de Lia. Chegaram os novos tempos. Floresceram os seus lábios. De seus olhos cintilavam diversas emanações. Uma graça do Espírito Santo que sopra onde quer, soprou sobre minha amada, ou que sopro seria aquele? Devaneios surgiram em mim sobre as possibilidades de loucura ou de forças estranhas vindas de ondas desconhecidas. Se das pedras saem virtudes ou átomos letais, o que pode acontecer com as transformações da alma humana? Estaria limpa pra divinas expressões ou estaria pronta aos universais sentimentos do mal?

Os instantes carregam lampejos de eternidade. Santa Maria, rogai por mim, cheguei a pedir. Não sabia se viriam sentimentos orientais de benevolência ou, acaso, recairiam os sentimentos ocidentais de horror? E o mais próximo seria eu. As convulsões da alma são infinitas. Que novidades trariam naquela manhã à alma de minha amada?

Ela se dirigiu até a janela, abrindo-a. Respirou fundo, recolhendo o sol ou sabei-me lá o quê. Eu aí na espera, reticente... Pressentiu minha insegurança. Saltou como uma gata sobre mim.

— Amor de minha vida!!!, se rindo de uma felicidade.

— Quase me mata, mulher!

Estreitou-se tanto, somando-me a ela num só. Separou-se o suficiente para olhar-me. A sensualidade transformava o corpo em clamor. Ainda perplexo sentia a doçura da renovação. Os seios buscavam meu toque, seu sorriso, minha completa ternura. A manhã se alegrou em nós, estando eu ainda estupefato.

Saímos, que o dia prometia. Montevideo nos esperava. Movidos por afetos, fomos indo por cerros e canhadas. Montevideo, por fim, nascido um país amável, lugar da fortaleza. De todos os lados se precipitavam as feras: Brasil, Espanha, Argentina. Pedaço de solo entre gritos de liberdade. Chegamos como se nunca estivéssemos estado. A doce cidade me contagiou de uma visão deslumbrante. Mais se vê com o espírito do que com os olhos. As árvores das ruas nos recebiam oferecendo sombras e cores. Fomos ao hotel, o mesmo da outra vez quando Josefina nos acompanhava. Quarenta anos de nossa história, e tudo se revolvia de quase perplexidade por causa de Laura. Uma energia limpa e funda nos acompanhava. Como nos havíamos prometido, iríamos ao cemitério depositar flores para Josefina. Valentina cuidava do pequeno monumento guardador da história familiar, deixando-o limpo. Transportei-me a ela enlevando-me por lembranças férteis. O silêncio tinha o talento da alteridade absoluta. Esqueci de mim, em favor de seu espírito maior. A felicidade continha a medida Josefina. Ao sair de lá abraçamo-nos, ternos. Éramos encantos, suspensos pela presença fascinante, com nomes de nossa gente e com as imagens das histórias ditas e feitas. Havia um dedo divino nos tornando religiosos. Mesmo a morte aí se tornara mais forte do que a vida. As medidas não condiziam com os tamanhos do cotidiano. Os meus muros, todos cansados e fáceis de suportar, nada detendo a purificação. A ruptura com a miséria me tornava sublime. Pois se a religião e o delírio de vislumbres afáveis são neuroses ou sublimação em sonhos, devaneios insuflados pela experiência carregada, que assim seja. Compenetrei-me da hora e da homenagem.

Laura, então, revelou que ouviu dela: *Que hacen al cementério? Van al hotel que el tiempo no es largo!* Ela sorriu de um sorriso interesseiro. Mesmo assim havia nostalgia em mim, de uma ausência antiga. Uma impressão de amizade intensa me veio enquanto punha as flores como se as depositasse em seu colo.

— Acho que estou precisando de uma cachaça, brinquei.

— Eu, de atender aos apelos de tua visavó, riu-se, cheia de graça como se o Senhor estivesse inteiro com ela.

— Estou mais cheio do espírito, menos pro corpo, querida.

— Está bem, meu velho. Mas, por favor, não se faça de morto.

Sábado, *mañana*, onze horas, Valentina e Loíza nos esperavam no Portão da Muralha, na Praça da Independência. Valentina, feliz.

Era a conta. Não havia nuvens desenhadas, nem rumores na voz dela. Curiosamente, avaliou de cara nosso estado emocional.

— *Que hai con usteds?*

— *Como asi?*, admirou-se Laura.

— *Hai un erotismo muy lindo! Un Angel en vostra figura!,* falou Loíza.

— *Estan a se percebir?,* perguntei.

— *Entonces, que asi sea, amada cuñada!* Entusiasmou-se Laura, olhando-me.

Abraços, abraços e abraços! Fomos almoçar e, depois, conversamos imitando nossa história e dando a conhecer nossos detalhes sobre o acontecido em Laura e em mim.

— Que coisa, falou Valentina, dobrando a cabeça sobre ombro de Laura. Uma criança e uma velha, falecidas, podem trazer tanto amparo!

— *No solamente amparo, pero la percepción mística!*, disse eu.

— Pois é, animou-se Laura, como se nós dois tivéssemos sido jogados na eternidade. Um sentimento divino nos invadiu.

— Acho que o amor, a arte e a religião podem nos dar a sensação de sermos criaturas melhores, e nos assombramos quando nos jogamos no mistério de Deus.

— *Pienso que nos encantamos com las histórias vivas. Pertenesco entonces a la alteridad donde el todo se mira!*, vibrou Loíza.

Valentina e Loíza se entreolhavam como que dizendo saber de experiências semelhantes. Sei lá, pensou Sávio, se o amor delas provoca ternuras absolutas... Ou se o clima uruguaio tem forças estranhas. Sentimos essa raridade de êxtase por causa de nossa miséria original? Não será a racionalidade pela qual disciplinamos todas as coisas que acaba por nos dar a pequena finitude?

— Acorda, meu homem!, exclamou Laura.

— Acho que de agora em diante o espírito do álcool retira o poder divino de nossas conversas, brincou Sávio.

— Vamos descansar um pouco, que a viagem cansou, pediu Laura.

— *Si, Si! Pero no olviden de mirar al mercado de las antiguidads!*

— *Mañana invito usteds al almoerço!*, pontificou Sávio.

Depois do encontro, Sávio e Laura se dirigiram ao Mercado das Pulgas. As coisas velhas atraíam os olhares do casal. A sensibilidade à flor da pele atraía os objetos antigos. Um talher, um copo, uma gaitinha de fole, uma panela, cada qual traduzia imaginações. Mãos haviam tomado aqueles objetos para festas e refeições do cotidiano. Com atenção percebiam-se movimentos e vozes, mostrando dores e alegrias em torno das mesas. Baixelas de prata mais coisas de casa foram sendo apanhadas para lembranças, levando-os às histórias sagradas.

— Bem, agora vamos descansar, insistiu Laura.

— Só descansar.

— Não se faça de bobo!

Assim um amor de criação se fez, tangendo a graça divina enquanto tocavam os sinos da Catedral da Imaculada. Outro dia era outro a ser amado, pois iriam mais uma vez se encontrar com Valentina, rezar por Betina e pedir a bênção de Josefina, retornando a seguir para Porto Alegre.

— Pena Valesca e sua gente não estarem conosco! Queria ver a cara da pequena Josefina. Seria capaz de olhar o jazigo da bisa Josefina e perguntar: por que Josefina ali, se eu estou aqui?

— Vamos contar pra ela e sua gente de nossa visita. Talvez seja tão bom quanto ver. E deixe-os agora. Terão seu tempo de aventuras.

Assim aconteceu, ampliando-se a ternura. Depois rumo aos campos do Rio Grande. A saudade começava a estender suas asas, pois mais que o celular, a presença tinha seu vigor. Pousariam em Quaraí, que os parentes reclamavam a história desta visita e de abraços. Outro dia tomariam o rumo de Porto Alegre. Aí uma casa impunha exigências para viver mais intensamente. Um abraço aos de Artigas e aos de Quaraí. Uma saudade estendia-se amena, muitas formas. Aqueles que foram faziam seus voos distantes sobre os dois. Porto alegre chamava. Um dia até chegar em casa.

Anoiteceu rapidamente, os seus urgiam. A lua, sombreada nas canhadas, ostentava sua fosca claridade nos cerros. A ternura silenciosa dialogava com o som delicado do rádio. Do passado, uma amistosa *lejania* e, do presente, um desejo ansioso de ver sua gente.

As luzes de Porto Alegre brilhavam ao longe.

— Como estarão as crianças?, perguntou Laura.

— De quais crianças?

— As nossas mais aquelas que assumimos.

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

Agostinho Both - Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Agostinho Both, nesta obra literária, se alegra em revelar a história de um casamento e bem mais: a vida intensa de uma família com grandes tensões. O autor não somente se dedica à literatura, mas com ela busca descobrir os meandros mais profundos da complexidade human e a aventura na criação de laços em diversas direções. Para o autor viver é estender-se cada vez mais e os personagens se comovem em solidariedade, fazendo da reciprocidade responsável o sentido da vida.

Projeto Passo Fundo
Apoio à cultura

CC BY SA

Portal Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

ISBN 978-85-8326319-7
9 788583 263197